

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS  
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO EDUCACIONAL  
NÍVEL MESTRADO PROFISSIONAL**

**ROBERTA APARECIDA UCEDA**

**JUVENTUDE CONTEMPORÂNEA E NOVAS RELAÇÕES  
ESPAÇO/TEMPORAIS: CONCEPÇÕES DOS ESTUDANTES DO  
ENSINO MÉDIO SOBRE CONHECIMENTO E APRENDIZAGEM**

**SÃO LEOPOLDO**

**2018**

ROBERTA APARECIDA UCEDA

JUVENTUDE CONTEMPORÂNEA E NOVAS RELAÇÕES  
ESPAÇO/TEMPORAIS: CONCEPÇÕES DOS ESTUDANTES DO ENSINO  
MÉDIO SOBRE CONHECIMENTO E APRENDIZAGEM

Dissertação apresentada como requisito  
parcial para obtenção do título de Mestre  
em Gestão Educacional, pelo Programa  
de Pós-Graduação em Gestão  
Educacional – Mestrado Profissional da  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos  
– UNISINOS

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Viviane Klaus

SÃO LEOPOLDO

2018

A639j Aparecida Uceda, Roberta  
Juventude contemporânea e novas relações  
espaço/temporais: concepções dos estudantes do ensino médio  
sobre conhecimento e aprendizagem / por Roberta Aparecida  
Uceda. -- São Leopoldo, 2018.  
125f. : il., 30 cm.

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos,  
Programa de Pós-Graduação em Gestão Educacional, 2018.  
Orientação: Prof.<sup>a</sup> Dra. Viviane Klaus.

1. Juventudes. 2. Contemporaneidade. 3. Ensino Médio. I.  
Título.

CDD - 373

Catálogo na Fonte:

Bibliotecário Mario Borges – CRB 9/1909

## AGRADECIMENTOS

*“Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós.*

*Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós”*

*Antoine de Saint-Exupéry*

Nesta oportunidade, em que entrego minha dissertação, uma forte reflexão me inspira, ao resgatar os motivos que me trouxeram até aqui. Sentimento forte de reconhecimento da importância de conhecer e compreender melhor o outro com o qual vivemos e, aqui, o outro que moveu minhas forças e ânimo em mergulhar nesta pesquisa, foram os jovens estudantes de Ensino Médio, com quem convivo por muito tempo. Dedico aqui meu mais intenso e legítimo agradecimento a esses jovens, que instigaram e continuam movendo minhas energias para que eu sempre possa aprender mais e mais. A todos com quem já tive a possibilidade do convívio, tenham certeza que em mim deixaram muita esperança e alegria, assim como uma parte de mim, do meu afeto e dos meus sonhos, lindamente se tornaram seus!

Ao Colégio Medianeira e à Rede Jesuíta de Educação, minha gratidão pela oportunidade dessa pesquisa e por tantas vivências, experiências e aprendizados proporcionados a mim no exercício de minha profissão e de minha vida.

A todos os professores e professoras que tive a oportunidade e o privilégio de conhecer nessa trajetória de estudos e aprendizagens, agradeço por todo conhecimento, vivência e generosidade partilhada. Especialmente à minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dra. Viviane Klaus, meu carinho e minha gratidão por todo aprendizado, acolhimento e apoio em todos os momentos da realização de minha dissertação e, principalmente, por sempre acreditar que eu conseguiria e por me levar a crer que seria possível!

Agradeço ao meu marido por todo carinho, amor e compreensão, e pelo apoio dia após dia, me amparando e motivando a seguir em frente, sempre me ajudando a manter o foco no objetivo pretendido.

Agradeço aos meus filhos pela torcida e pelo amor que me sustenta em cada passo que dou, em cada desafio que me lanço. Vocês são anjos que me inspiram e animam todas as buscas que faço, me levando a sempre crer na bondade e na capacidade de mudança da humanidade.

Aos meus pais e a toda minha família, minha gratidão por sempre acreditarem e torcerem por mim e por todas as manifestações de carinho e apoio.

Agradeço à Deus pela força da vida que recebi, por todas as oportunidades que tive e continuo tendo de sempre aprender e por me levar a acreditar que um mundo melhor é possível.

## RESUMO

Essa pesquisa tem por objetivo analisar a complexidade das juventudes contemporâneas, em suas novas relações com o tempo e espaço, com o conhecimento e com a aprendizagem, na perspectiva de motivar a reflexão e a busca por pressupostos que favoreçam a reinvenção das práticas pedagógicas no Ensino Médio. Para tanto, no seu referencial teórico, essa dissertação apresenta uma discussão sobre a Contemporaneidade e seus desafios, aprofunda os estudos sobre o perfil do jovem de Ensino Médio na Contemporaneidade, discute o conceito de juventude(s) a partir das pedagogias culturais e dos processos de mediação e apresenta algumas provocações sobre os processos de escolarização que devem ser (re)pensados a partir de suas continuidades, descontinuidades e rupturas. Entre os principais autores estudados destacam-se: Bauman (2001), Harvey (1992), Castells (1999), Costa (2005), Fischer (2012), Masschlein e Simons (2017), Dayrell (1996), Sousa (2014), Severo (2014), Pais (2006), dentre outros. A empiria foi coletada/produzida a partir de dois instrumentos de pesquisa, o questionário e o grupo focal, que propiciaram uma aproximação e escuta dos jovens de Ensino Médio. O questionário focou em três temáticas: a relação e as percepções dos estudantes de Ensino Médio sobre a escola; como o jovem de Ensino Médio aprende no contexto atual – aulas, métodos e abordagens; o uso do tempo pelos jovens de Ensino Médio e a relação com a internet e a aprendizagem. O grupo focal objetivou aprofundar aspectos relacionados às três temáticas pesquisadas inicialmente por meio do questionário, favorecido pela escuta possibilitada nos encontros realizados. Muitas análises e visões apresentadas pelos jovens evidenciam a complexidade e as contradições inerentes ao contexto escolar e à sociedade em geral. As considerações finais acenam para a construção de pressupostos norteadores que possibilitem a (re)invenção das práticas pedagógicas no Ensino Médio do Colégio Medianeira, trazendo elementos e referenciais que podem ser desdobrados no cotidiano escolar a partir de ações da equipe diretiva e do corpo docente da escola. Percebe-se, a partir disso, a necessidade de ampliar o repertório de informações dos profissionais que atuam na escola sobre o contexto e as juventudes que nos chegam, possibilitando maior compreensão de quem são, como pensam, o que querem, como aprendem e que tipo de projeto de vida e Educação podemos pensar para eles, e também para nós, profissionais da área da educação. Além da dissertação de um modo geral, o mapeamento realizado a partir do questionário – cujas respostas foram aprofundadas no grupo focal – que nos dá uma “visão do todo” do perfil do jovem do Ensino Médio do Colégio Medianeira e os pressupostos norteadores construídos a partir da analítica empreendida se caracterizam como o produto final do presente estudo.

Palavras-chave: Juventudes. Contemporaneidade. Ensino Médio.

## ABSTRACT

This research aims to analyze the complexity of the contemporary youths in their new relationship with time and space, with knowledge and learning, under a perspective that stimulates reflections and seeks assumptions that promote the reinvention of pedagogical practices in the High School field. For this purpose, the theoretical background of this work presents a discussion about the Contemporaneity and its challenges, deepens the studies about the profile of the High School young people in Contemporaneity, discuss the concept of youth(s) based on the cultural pedagogies and the mediatization processes, besides questioning schooling processes which must be (re)designed in relation to their continuity, discontinuity and breakdowns. Some distinguished authors among the main studied authors in this research are: Bauman (2001), Harvey (1992), Castells (1999), Costa (2005), Fischer (2012), Masschlein e Maarten (2017), Dayrell (1996), Sousa (2014), Severo (2014), Pais (2006). This empirical study was produced based on two instruments of research, a questionnaire and a focus group, which provided a closer contact and listening with/to the youngsters in High School. The questionnaire was concentrated on three themes: the relationship and the perceptions of the students in High School about the school; how the High School youngster learns considering the current context – classes, methods and approaches; time management applied by the young people in High School and the relationship with the internet and the learning process. The focus group aimed to deepen aspects related to the three mentioned themes researched initially by means of the questionnaire, and was successfully executed by the listening implemented during the meetings. Many analysis and views expressed by the youngsters unveil the complexity and the contradictions inherent to the school context and the society in general. The final considerations deal with the construction of guiding assumptions which enables the (re)invention of pedagogical practices in the High School of Colégio Medianeira, providing elements and referentials that might be unfolded during the school routine by the actions of the management team and the faculty. Therefore we noticed the necessity to expand the information for the professionals who work at the school about the context and the youths that come to us, facilitating the understanding of who they are, how they think, how they learn e what kind of life project and Education we can develop for them, and also, for us, educational professionals. The thesis itself, the mapping originated from the questionnaire – whose answers were deepened with the focus group – that gives us an overall view of the profile of a High School youngster from the Colégio Medianeira and the guiding assumptions built from this analysis, form the final product of the present work.

**Keywords:** Youths. Contemporaneity. High School.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Vista aérea do Colégio Medianeira .....	8
Figura 2 – Palavras-chave com Mentimeter .....	52

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Descritores e resultados .....	10
Tabela 2 – Teses e dissertações selecionadas .....	12

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Divisão do tempo dos alunos.....	56
Gráfico 2 – Questão 2.....	59
Gráfico 3 – Questão 3.....	61
Gráfico 4 – Questão 6.....	63
Gráfico 5 – Questão 7.....	65
Gráfico 6 – Questão 4.....	70
Gráfico 7 – Questão 5.....	71
Gráfico 8 – Questão 1.....	80
Gráfico 9 – Questão 8.....	81
Gráfico 10 – Questão 9.....	84

## LISTA DE SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEJA	Centro Integrado de Educação para Jovens
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EM	Ensino Médio
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
ONU	Organização das Nações Unidas
SCIELO	Scientific Electronic Library Online

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO 1 – SOBRE A PESQUISA.....</b>	<b>3</b>
1.1 Justificativa .....	3
1.2 Colégio Medianeira: espaço da pesquisa.....	7
1.3 Estado da Arte .....	9
<b>CAPÍTULO 2 – CAMINHOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>20</b>
2.1 Sobre cada temática escolhida e discutida... ..	24
2.2 Sobre os encontros do grupo focal... ..	25
<b>CAPÍTULO 3 – CONTEMPORANEIDADE: DESAFIOS A ENFRENTAR .....</b>	<b>28</b>
3.1 Mudança de ênfase da Modernidade Sólida para a Modernidade Líquida.....	28
3.2 O jovem contemporâneo e as manifestações culturais .....	35
3.3 Processos de escolarização: descompassos na formação dos sujeitos da educação	43
<b>CAPÍTULO 4 – CONVERSANDO SOBRE A ESCOLA COM ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO.....</b>	<b>48</b>
4.1 As temáticas escolhidas e os instrumentos de pesquisa.....	48
4.2 Descrevendo os encontros do grupo focal... ..	49
4.3 Análise e discussão dos dados trabalhados nos encontros do grupo focal .....	51
<b>CAPÍTULO 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>93</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>105</b>
<b>APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO .....</b>	<b>108</b>
<b>APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....</b>	<b>112</b>
<b>APÊNDICE C – CARTA DE ANUÊNCIA DA INSTITUIÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA.....</b>	<b>113</b>
<b>APÊNDICE D – CARTA AOS PAIS – GRUPO FOCAL .....</b>	<b>114</b>
<b>APÊNDICE E - TERMO DE CONSENTIMENTO.....</b>	<b>116</b>

## INTRODUÇÃO

Esse trabalho pretende analisar a complexidade do jovem de Ensino Médio do Colégio Medianeira, instituição de ensino da Rede jesuíta de Educação, situando-o frente às rupturas e mudanças que caracterizam a Contemporaneidade. Como as relações de tempo e espaço, suas novas configurações e impactos provocados alcançam proporções de variadas dimensões, influenciando todos os processos sociais, a aprendizagem e a relação com o conhecimento formal sistematizado nas escolas são fortemente afetadas por esse novo dimensionamento do tempo e do espaço, provocando urgência em se aproximar e conhecer com maior profundidade os aspectos que envolvem e constituem a identidade do jovem contemporâneo. Para tanto, somente resgatar as referências relacionadas aos processos cognitivos dos sujeitos envolvidos nessa pesquisa não acrescentaria muito, considerando a multiplicidade de fatores trazidos no contexto contemporâneo que interferem na constituição dos mesmos. Será necessário, portanto, aprofundar análises relacionadas ao estudo da complexidade da juventude contemporânea, na sua relação com o conhecimento e com a aprendizagem, buscando discutir e motivar a construção de pressupostos norteadores que favoreçam a (re)invenção das práticas pedagógicas desenvolvidas no Ensino Médio.

No Capítulo 1, apresentarei a justificativa de minha dissertação, seus objetivos e o estado da arte, caracterizando os motivos e a importância do seu desenvolvimento, reforçada por seu “ineditismo”, bem como sua relevância pessoal e coletiva. Apresentarei, também, o problema de pesquisa que é o fio condutor da investigação: “de que modo o estudo da complexidade que envolve a juventude contemporânea, em suas novas relações com o tempo/espaço, com o conhecimento e com a aprendizagem, pode contribuir com a construção de alguns pressupostos que possibilitem a (re)invenção das práticas pedagógicas no Ensino Médio?”.

Após esse momento, no Capítulo 2, indicarei os caminhos metodológicos que foram utilizados para aprofundar os aspectos centrais da temática pesquisada, evidenciando e justificando o uso do questionário e do grupo focal como instrumentos de pesquisa. A análise e discussão dos dados coletados no questionário e trabalhados nos encontros do grupo focal também serão contemplados.

No Capítulo 3, então, trarei abordagens sobre a Contemporaneidade e seus desafios, usando como referencial teórico Bauman (2001), Harvey (1992) e Castells (1999), na análise da passagem da Modernidade Sólida para a Modernidade Líquida, e discutirei aspectos dos contextos que constituíram e continuam constituindo nossos modos de ser e de viver em

sociedade. Costa (2005) e Fisher (2012) também contribuirão com a discussão sobre as pedagogias culturais e o jovem contemporâneo, enfatizando as influências da mídia, da internet e sua importância no campo educacional e cultural, constituindo as relações sociais e as subjetividades. Na discussão sobre os processos de mídiatização e o jovem contemporâneo, Cirlene Sousa (2014) contribui, além de outros referenciais que tematizam e conceituam juventudes na contemporaneidade, como Juarez Dayrell (1996). Também serão abordadas algumas provocações ao processo de escolarização a partir da reflexão sobre a experiência proposta por Bondía Larrosa (2002) e sobre os desafios da escola no contexto atual, referenciando Masschlein e Simons (2017), Severo (2014) e Pais (2006), buscando aprofundar as temáticas propostas na realização dessa pesquisa, bem como discutir as urgências e considerações trazidas pelos sujeitos envolvidos nela.

No capítulo 4, descreverei e discutirei a pesquisa realizada com estudantes do Ensino Médio do Colégio Medianeira, mostrando os dados coletados e procedendo à análise e discussão destes por meio dos instrumentos de pesquisa escolhidos em relação às temáticas abordadas.

Por último, no capítulo 5 trarei as considerações finais deste trabalho, acenando para a construção de pressupostos norteadores que possibilitem a (re)invenção das práticas pedagógicas no Ensino Médio do Colégio Medianeira. Considerando toda pesquisa e estudo realizado neste trabalho, buscarei trazer elementos que dialoguem com os demais sujeitos do processo educativo, na perspectiva de colaborar na compreensão das relações com o conhecimento e com a aprendizagem estabelecidas pelo jovem contemporâneo do Ensino Médio. Pretendo que o estudo aqui realizado colabore nas reflexões, discussões e estratégias propostas pelos professores e demais educadores, subsidiando suas práticas pedagógicas para que estas dialoguem de maneira mais significativa com os jovens estudantes, na perspectiva de seus processos de aprendizagem. O objetivo maior da discussão oportunizada neste capítulo será trazer elementos que subsidiem as práticas pedagógicas do Ensino Médio, provocando maior aproximação com o conhecimento historicamente construído e (re)significar os processos de ensino e de aprendizagem.

## CAPÍTULO 1 – SOBRE A PESQUISA

*“a insatisfação com o já-sabido, para ser positivamente criadora e aventador de teoria, deve também envolver a nós, pesquisadoras e pesquisadores, em suas redes. Que os movimentos da investigação que negam as confortáveis totalidades teóricas, onde repousam os já-sabidos, também neguem e desmantelem nossas mais belas crenças, princípios e práticas estabelecidas. Que a dúvida não seja de ordem intelectual apenas (mesmo porque acredito que isto seja impossível), mas apanhe, para desmantelar, nossas mais queridas adesões, sólidas hipóteses e consolidadas práticas teóricas e pedagógicas” (CORAZZA, 2002, p.112-113).*

Conforme mencionado na introdução, nesse capítulo apresento a justificativa de minha dissertação, seus objetivos e o estado da arte, caracterizando os motivos e a importância do seu desenvolvimento, reforçada por seu “ineditismo”, bem como sua relevância pessoal e coletiva. E é justamente essa relevância e a insatisfação com o já-sabido que me move.

### 1.1 Justificativa

Minha atuação profissional remete a quase trinta anos de trabalho com a Educação, sendo o Ensino Fundamental II e o Ensino Médio no Colégio Medianeira, meu foco em todo esse período. Minha história se construiu e continua sendo construída a partir da sala de aula, principalmente por lecionar a disciplina de Biologia e por trabalhar como integrante da equipe pedagógica. Há aproximadamente cinco anos, atuo na Orientação Educacional do Ensino Médio, função que me aproxima muito dos estudantes e de seus processos de aprendizagem. Esse ano, 2018, a função da Orientação Educacional foi substituída pela Orientação das Aprendizagens, que contempla olhares para as várias dimensões que integram os sujeitos (cognitiva, sócio emocional e espiritual religioso) e, assim, passei a orientar e acompanhar os estudantes da 2ª série do Ensino Médio. Fiz duas especializações, uma na área de “Currículo e Prática Educativa” e outra em “Psicopedagogia”, por perceber a necessidade de maior aprofundamento e estudo para exercer uma prática educativa que conseguisse atingir com maior qualidade, a formação de nossos jovens.

Atualmente, trabalho no acompanhamento aos estudantes, com foco na formação integral, no atendimento às famílias, bem como nos encaminhamentos da prática pedagógica desenvolvidos especialmente na 2ª série do Ensino Médio. Também trabalho com Orientação

Profissional para os estudantes do Ensino Médio, em que busco ajudá-los a desenvolver sua autopercepção sobre as afinidades nas diversas áreas do conhecimento, oportunizando leituras, pesquisas e reflexões sobre o contexto do trabalho na atualidade, perspectivas e desafios, além de propiciar contato e encontros com profissionais de diferentes áreas. O desenvolvimento de um trabalho formativo com as turmas do Ensino Médio, focando principalmente na questão da aprendizagem, envolve aspectos relativos a hábitos e métodos de estudo, o sentido dos processos instaurados na escola de Educação Básica, a relevância de algumas estratégias metodológicas e avaliativas utilizadas, bem como a autopercepção do estudante sobre seu próprio pensamento e aprendizagem.

Busquei, portanto, a Psicopedagogia pelo interesse em conhecer mais a respeito das formas de aprender, estilos de aprendizagem, mas também sobre as dificuldades, as maneiras e possibilidades de intervenção e trabalho junto aos educandos. Tenho buscado me qualificar para realizar o trabalho junto aos estudantes, bem como o acompanhamento dos processos de aprendizagem próprios dessa faixa etária e das formas de lidar com o contexto atual das novas gerações, das famílias e da sociedade.

No entanto, os estudos sobre a aprendizagem que estão diretamente relacionados ao ensino, sobre as dificuldades típicas reconhecidas em vários estudantes de diferentes idades e sobre as etapas escolares não têm conseguido responder às exigências que a Contemporaneidade tem nos trazido. Uma vez que compreender como o jovem pensa e aprende, sem considerar o contexto no qual está inserido, é uniformizar e criar um rótulo em que se considera apenas um determinado grupo de estudantes, o contexto social, econômico e cultural, interfere nos processos escolares. A escola precisa, então, dialogar com o contexto de cada grupo, propondo uma estrutura curricular e metodológica que o considere e proponha interações significativas. Além disso, as relações desse jovem com o conhecimento, com os desenhos curriculares nas escolas e com as dimensões de espaço e tempo, precisam urgentemente ser conhecidas, estudadas e discutidas. Ao mesmo tempo, também é desafio para a escola significar as permanências dos processos e estruturas que se concebe como fundamentais e inegociáveis. Muitos princípios educativos integrantes da formação dos estudantes precisam dialogar com a realidade, mas também precisam ser compreendidos como condição de inserção no contexto da vida, com suas demandas, frustrações, limites e necessidade de se conviver com as adversidades e desafios.

Trazendo como referência o estudante de Ensino Médio e a sala de aula, o adolescente se revela muito questionador, lidando com várias tecnologias de informação e comunicação. Esse jovem tem interagido fortemente no contexto do ciberespaço, dando novos sentidos às

relações e formas de se relacionar através das inovações tecnológicas e da mobilidade diferenciada que o mundo virtual apresenta, o que acentua a provisoriedade dos papéis e vínculos sociais.

Sendo assim, o espaço escolar configura-se enquanto lugar de convergência da diversidade e confronto de ideias, culturas, crenças e contextos familiares, se constituindo em um ambiente privilegiado para a construção e aprendizagem da cidadania e do exercício da democracia e ao mesmo tempo, desafiador em ser elemento de motivação do estudante no processo de aprendizagem a que se propõe. A escola, dessa maneira, constitui-se como um lugar para refletir, aprofundar e exercitar o pensamento na perspectiva da formação integral dos sujeitos.

Nesse contexto, aumentam as demandas sobre a educação escolar na perspectiva de um trabalho crítico com o conhecimento e com as linguagens (dos livros, dos jornais, dos jogos, dos softwares educativos, dos filmes e músicas, dos eventos esportivos, da TV). Isso significa explorar a capacidade de compreensão, de pensamento, de criticidade e de criatividade de nossos estudantes. Os sujeitos da era tecnológica não recebem passivamente os conteúdos veiculados nas interações sociais ou nos meios de comunicação virtual, pois há um trabalho de ressignificação e de apropriação que, em diferentes medidas, reconfiguram os novos conhecimentos formando novas combinações. Pensar o ensino e a aprendizagem hoje é, portanto, pensar a constituição do conhecimento, tendo em vista o educando imerso em um contexto sócio histórico com características próprias, contexto esse também gerador de novos conhecimentos. É também pensar o local e o global, atentando para o saber do educando e proporcionando que o mesmo se posicione reflexivamente e avance em níveis mais profundos de relações.

Isso porque as características socioculturais atuais vêm reconfigurando a relação dos jovens com a escola, assim como, as perspectivas de presente e futuro. Também o peso que os próprios estudantes conferem à sua vida social dentro e fora da escola e a necessária organização de tempos e espaços para vivenciar os desafios que a escola pontua são questões que emergem nesse contexto e instigam a escola e os educadores. Logo, trabalhar abordagens que incluam as experiências sociais, propor e implementar um ensino contextualizado, estimulará o pensar de maneira autônoma e crítica.

O processo de ensino e de aprendizagem, avaliação, currículo trabalhado nas escolas, bem como o ambiente de sala de aula, deveria dar oportunidades aos educandos para que pudessem demonstrar seus interesses e capacidades particulares. No entanto, o trabalho com o conhecimento e o desenvolvimento de várias habilidades cognitivas demanda esforço, método,

rotina, e esses são aspectos de grande dificuldade ou resistência revelada por jovens e crianças em idade escolar. Muitas vezes o processo de aprendizagem exigirá persistência e disciplina pessoal, o que, na maioria das vezes, não será fácil e nem prazeroso. Aprender a lidar com esse tipo de situação é amadurecer e desenvolver uma autonomia no pensar, no ser e no agir, que favorecerão o desenvolvimento do sujeito e sua aprendizagem. A participação dos vários atores do processo educativo se faz emergente e imprescindível e enfatiza-se a importância dos educadores, estudantes e famílias na discussão e reflexão sobre a escola. A construção de sentidos e significados alicerça o trabalho com as diversas áreas do conhecimento, conduzindo o jovem a pensar e refletir sobre o próprio conhecimento, estabelecendo relações e análises que gerem uma postura crítica, com discernimento, realimentando o processo de aprender.

Nesse âmbito, a compreensão sobre a importância dos processos de aprendizagem e do conhecimento deve ser o grande motivador e mobilizador do sujeito em busca do novo, transformando hábitos e condutas, o que deveria indicar aos educadores a necessidade de se instaurar um processo que reforce o olhar e o cuidado com cada um e com todos, buscando desenvolver nos estudantes o gosto e a vontade do trabalho com o conhecimento e com o aprender. A escola precisa ser compreendida como um espaço de formação de cidadania, o que só ocorrerá a partir de uma prática pedagógica hipercrítica, que promova sensibilidade, criticidade e autonomia dos atores sociais envolvidos.

O protagonismo juvenil e as novas temporalidades remetem às complexas relações que se pode fazer entre mídia e educação, considerando a fluidez dos processos e buscando transformar o que está posto para esse jovem em conteúdo escolar, significando as informações recebidas e possibilitando a construção de conhecimento. Assim, a escola precisa usar os diferentes saberes trazidos pelos jovens na formação pretendida em seus projetos educativos. Ao problematizar a partir da compreensão do jovem contemporâneo, apropriando-se das pedagogias culturais, aproxima-se da formação de sujeitos críticos, com estratégias de ensino e aprendizagem que permitam um diálogo significativo com esse jovem, a partir de seu contexto. A percepção de novos e significativos caminhos poderá favorecer a aprendizagem desse jovem, nas várias dimensões que compõem a ação educativa que pretendemos, ampliando seu conhecimento e contribuindo em sua formação integral.

Dessa forma, a pedagogia em conexão com os estudos culturais permite vislumbrar espaços de aprendizagem que dialoguem com a identidade multifacetada, transterritorial e multilinguística desse jovem. Há que se lembrar que existe um novo tipo de estudante que a escola precisa conhecer e aprender a trabalhar, considerando seus desejos de saber e as subjetivações escolares decorrentes da subjetivação cultural.

A presente pesquisa é de muita importância e relevância em minha trajetória profissional e pessoal, mas também para os demais educadores, pois ao conhecer os processos culturais em interação com a pedagogia, também criaremos uma visão mais elaborada e aprofundada sobre os sujeitos com os quais trabalhamos. Esse conhecimento favorecerá a nossa percepção sobre como enxergamos, analisamos e nos situamos frente aos nossos estudantes de Ensino Médio. Meu interesse, pois, volta-se para a investigação do seguinte problema de pesquisa: **“de que modo o estudo da complexidade que envolve a juventude contemporânea, em suas novas relações com o tempo/espço, com o conhecimento e com a aprendizagem, pode contribuir com a construção de alguns pressupostos que possibilitem a (re)invenção das práticas pedagógicas no Ensino Médio”**.

O trabalho diretamente com os jovens de Ensino Médio me instiga e motiva a ampliar e aprofundar leituras em diálogo com outros pesquisadores, além de pesquisar questões que os envolvem, tanto no âmbito pedagógico como contextual. A função que exerço atualmente na Orientação das Aprendizagens tem propiciado espaços e demandas que me levam a querer investigar essas dimensões.

Afinal, qual é o perfil desse jovem contemporâneo que chega às nossas escolas de Ensino Médio? Quem são esses sujeitos da Educação? Precisamos conhecer esse jovem, para que a escola problematize a partir da compreensão do jovem contemporâneo e repense seus espaços e tempos para (re)inventar as práticas pedagógicas. O estudo dos jovens em direta conexão com as múltiplas formas de comunicação e leitura atual, relacionando tecnologias e educação, escolarização e cultura da mídia, podem contribuir com esse processo.

## **1.2 Colégio Medianeira: espaço da pesquisa<sup>1</sup>**

O Colégio Medianeira é uma instituição de Educação Básica da Rede Jesuíta de Educação, fundado em 1957 pelo padre jesuíta Oswaldo Gomes e referência em educação de excelência na cidade de Curitiba, no Paraná. O Medianeira é um dos mais novos entre os 18 colégios e 4 universidades da Companhia de Jesus espalhados pelo Brasil.

O ambiente físico da instituição, privilegiado pelos seus 145 mil metros quadrados, está localizado próximo ao centro da cidade de Curitiba. Há uma ampla área verde preservada, com bosques, lagos, campos de futebol e quadras esportivas, além da área construída espalhada

---

<sup>1</sup> Apresento o Colégio Medianeira a partir da proposta pedagógica institucional. A pesquisa realizada com os estudantes possibilitará repensar várias questões relacionadas aos processos de ensino e de aprendizagem desenvolvidos na instituição.

heterogeneamente. Há espaços diferenciados para as Unidades de Ensino, da Educação Infantil (com um espaço próprio, o Medianeirinha), Fundamental I, Fundamental II e Ensino Médio, além dos espaços da equipe administrativa, da Direção do colégio, setor de Mídiaeducação e centro de arte e cultura. Nos espaços das Unidades de Ensino, o colégio conta com laboratórios de Ciências, Biologia, Química e Física, salas multimídias, bibliotecas, salas de leitura e anfiteatros. Por ser uma instituição católica, há referências religiosas em alguns espaços, contando com uma Capela e espaços de trabalho para o centro de formação cristã e pastoral.

Figura 1 – Vista aérea do Colégio Medianeira



Fonte: Divulgação (2017)

O Projeto Educativo Comum (PEC) da Rede Jesuíta de Educação (RJE), lançado em 2016 como uma releitura e ressignificação da proposta de suas instituições educativas, teve como objetivo central, “rever, reposicionar e revitalizar o trabalho apostólico da Companhia de Jesus na área de Educação Básica no Brasil” (PEC, 2016, p. 9). O documento afirma que

A proposta pedagógica dos colégios jesuítas está centrada na formação da pessoa toda e para toda a vida; trabalhamos para realizar uma aprendizagem integral que leve o aluno a participar e intervir autonomamente na sociedade: uma educação capaz de formar homens e mulheres conscientes, competentes, compassivos e comprometidos. (PEC, n.º 25, p. 37)

Assim, o Colégio Medianeira, como instituição jesuíta, apresenta uma concepção de Educação pautada em valores humanistas, voltados à formação integral, com excelência acadêmica e humana. O trabalho com o conhecimento como meio de leitura da realidade visa utopias de transformação social por meio da formação de pessoas críticas, criativas, reflexivas

e sensíveis ao outro e ao mundo. O processo de humanização social e pessoal a que se destina traz o sentido de ética, de justiça, de solidariedade, de alteridade e de autonomia e, dessa forma, construir a excelência humana e acadêmica pelo conhecimento ativo e interativo. A questão da formação humana e cristã está focada, sobretudo, na possibilidade de um diálogo inter-religioso, gerando sensibilidade e adesão, se voltando para as maiorias empobrecidas no mundo.

Especificamente, o Ensino Médio objetiva a continuidade do aprender integral iniciada nas séries anteriores, visando ao aprofundamento de conhecimentos e aprendizagens a partir dos componentes curriculares estruturados pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Além disso, tem como foco a articulação entre o conhecimento científico, a cultura, a tecnologia e o trabalho, provocando o desenvolvimento da dimensão cognitiva, organizacional e de métodos de estudo dos estudantes, em consonância com sua dimensão sócio emocional e espiritual religiosa.

Nas escolas da Companhia de Jesus, toda a ação educativa converge para a formação da pessoa, enfatizando a necessidade de reconhecer as potencialidades do indivíduo e garantindo o desenvolvimento das dimensões afetiva, espiritual, ética, estética, cognitiva, comunicativa, corporal e sociopolítica. (PEC, n.º 40, p. 48-49)

Também se objetiva um trabalho na vertente do autoconhecimento, da autopercepção e da autocrítica, focando no respeito, na capacidade de discernimento e construção da autonomia dos estudantes, a fim de colaborar na construção de um projeto de vida pessoal, com vistas ao social e ao coletivo.

Dialogando com essa pesquisa, o PEC traz a necessidade de algumas reformulações e diálogos na perspectiva de repensar as práticas pedagógicas das escolas da RJE, revendo espaços, recursos e metodologias. Indicam a incorporação das mídias sociais nos processos educativos como alternativa metodológica nos processos de aprendizagem pelos jovens contemporâneos, especificamente em seus parágrafos n.º 27 e 28 (p. 38-39).

### **1.3 Estado da Arte**

As inquietações oriundas de minha trajetória e prática profissional predominantemente com adolescentes me levam a focar a pesquisa de mestrado na complexidade da juventude contemporânea e nas novas relações tempo/espaço que afetam as interações que os jovens desenvolvem com o conhecimento e com a aprendizagem.

A revisão de literatura, ou estado da arte, necessária para justificar e enfatizar a relevância da temática escolhida foi realizada baseando-me na importância da busca pelas

pesquisas já realizadas na área de afinidade com a temática proposta nesse trabalho, que se dá na identificação de ênfases e temas mais abordados e significativos na teoria e prática pedagógica e de experiências inovadoras que possam contribuir no aprofundamento de minha pesquisa, como também enfatizar sua relevância e ineditismo.

Como expõem Joana Paulin Romanowski e Romilda Teodora Ens (2006, p. 39),

Estados da arte podem significar uma contribuição importante na constituição do campo teórico de uma área de conhecimento, pois procuram identificar os aportes significativos da construção da teoria e prática pedagógica, apontar as restrições sobre o campo em que se move a pesquisa, as suas lacunas de disseminação, identificar experiências inovadoras investigadas que apontem alternativas de solução para os problemas da prática e reconhecer as contribuições da pesquisa na constituição de propostas na área focalizada.

Depois de algumas reflexões e tentativas na identificação dos descritores, em conjunto com minha professora orientadora, levantamos 6 combinações que apresentaram os seguintes resultados que foram pesquisados no site de teses e dissertações da CAPES:

Tabela 1 – Descritores e resultados

<b>Descritores</b>	<b>Resultados</b>	<b>Filtros</b>	<b>Resultados com os filtros</b>
“Juventude contemporânea” + escola	81.570 resultados	Grande área do conhecimento: <u>Ciências Humanas</u> Área Conhecimento, Área Avaliação, Área Concentração e Nome Programa: <u>Educação</u>	3.235 resultados
Juventude + escola	85.043 resultados	Grande área do conhecimento: <u>Ciências Humanas</u> Área Conhecimento, Área Avaliação, Área Concentração e Nome Programa: <u>Educação</u>	3.363 resultados
“Identidades juvenis” + escola	81.572 resultados	Grande área do conhecimento: <u>Ciências Humanas</u> Área Conhecimento, Área Avaliação, Área Concentração e Nome Programa: <u>Educação</u>	3.236 resultados
"Identidades juvenis" + "Ensino Médio"	14.229 resultados	Grande área do conhecimento: Ciências Humanas Área Conhecimento, Área Avaliação, Área Concentração e Nome Programa: Educação	650 resultados
Juventude + “Ensino Médio”	18.688 resultados	Grande área do conhecimento: <u>Ciências Humanas</u> Área Conhecimento, Área Avaliação, Área Concentração e Nome Programa: <u>Educação</u>	833 resultados
		Grande área do conhecimento: <u>Ciências Humanas</u>	

“Juventude contemporânea” + “Ensino Médio”	14.207 resultados	Área Conhecimento, Área Avaliação, Área Concentração e Nome Programa: <u>Educação</u>	648 resultados
--	-------------------	---	----------------

Como o número de resultados encontrados nessas combinações foi elevado, optei por pesquisar os resumos de descritores de duas combinações: "**Identities juvenis**" + "**Ensino Médio**" e "**Juventude contemporânea**" + "**Ensino Médio**", somando 1298 resultados. Ao acessar a relação desses trabalhos, identifiquei que muitos se referiam ao “Ensino Médio”, mas com múltiplas variações de enfoques, não relacionados ao objeto central de meu interesse de pesquisa. Muitas temáticas eram específicas por área de atuação, tais como: Filosofia, Sociologia, Matemática, Educação Física, Geografia, Biologia, História; e outros com temáticas relacionadas

- às políticas educacionais do Ensino Médio;
- à democratização e universalização do Ensino Médio no Brasil;
- à política afirmativa de cotas;
- às reformas curriculares;
- ao Ensino Médio politécnico e ao programa Ensino Médio inovador;
- ao Ensino Médio integrado e implicações do Ensino Médio integrado para a formação do trabalhador;
- à educação integrada e a profissionalização no Ensino Médio;
- à construção do projeto profissional dos jovens que frequentam o Ensino Médio público e privado;
- aos movimentos sociais;
- ao Ensino Médio Técnico;
- ao ENEM e a outros exames externos;
- a temáticas específicas do contexto rural, escolas de assentamento;
- à escolarização de surdos;
- a abordagens sobre questões de gênero, etnias, violência contra as mulheres e a participação feminina na educação;
- a altas habilidades/superdotação;
- ao letramento e ao estudo sobre erros ortográficos;
- à formação continuada de professores; dentre outros.

Dessa forma, a partir do descritor “Juventude contemporânea” + “Ensino Médio”, dos 648 resultados, selecionei 38 trabalhos, dos quais apenas um não se repetiu no 2º descritor. Ao pesquisar o descritor "Identities juvenis" + "Ensino Médio", dos 650 resultados, selecionei 40 trabalhos, dos quais somente três trabalhos não foram encontrados no 1º descritor. Dessa forma, tomei como referência de análise 41 trabalhos que constam na tabela abaixo:

Tabela 2 – Teses e dissertações selecionadas

Universidade	Título	Autor	Ano	Palavras-chave
UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL	Jovens e Ensino Médio: Aspectos Históricos e Culturais da Relação Pedagógica (Dissertação)	PHELIPE RODRIGUES MAROCCO DORNELLES	2014	Ensino Médio, Juventude, Relação Pedagógica
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO	O planejamento da educação de jovens e adultos no Brasil: entre a complexidade das novas formas de regulação no limiar do século XXI (Dissertação)	ALESSANDRA MARTINS CONSTANTINO	2014	Planejamento educacional. Educação de jovens e adultos. Democracia. Ação pública.
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO	Facebook e educação: tecendo caminhos a partir de uma prática pedagógica com os alunos do ensino médio (Dissertação)	CLAUDIONEI LUCIMAR GENGNAGEL	2013	Facebook. Interação. Motivação. Ensino médio. Informática educativa
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA	A produção de vídeo por celular e a representação de identidades juvenis: estudo com estudantes participantes do projeto Telinha de Cinema (Dissertação)	ROSANA ALVES DE OLIVEIRA	2013	Jovens; vídeo por celular; identidade cultural; representações e aprendizagens
UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO	O professor do ensino médio, sua formação para atuar e enfrentar os desafios do século XXI (Dissertação)	ROSANGELA DA SILVA CAMARGO	2014	Formação de professores do ensino médio
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA	Sentidos da escola para jovens estudantes de ensino médio diante de práticas pedagógicas diferenciadas: um estudo de caso (Dissertação)	VALERIA PEREIRA MINUSSI	2015	Juventudes. Práticas pedagógicas. Sucesso escolar. Ensino médio
UNIVERSIDADE EST.PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO/PR.PRUDENTE	Jovens alunos e suas relações com a sala de aula (Dissertação)	SERGIO AUGUSTO GOUVEIA JUNIOR	2015	Juventude. Ensino médio. Sociologia da juventude
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA	Os sentidos da experiência escolar para jovens do ensino médio: um estudo em três escolas na cidade de Caxias do Sul/RS (Tese)	VITOR SCHLICKMANN	2013	Ensino médio; culturas juvenis; experiência escolar; relações de sentido

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS	Práticas de gestão e cultura escolar: um estudo de caso na escola municipal santos anjos (Dissertação)	ANGELA THUMS	2015	Gestão escolar. Cultura da escola e da comunidade. Indicadores de qualidade
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL	Permanência e êxito na passagem pelo ensino médio integrado: implicações do capital cultural e do ofício de aluno na seletividade escolar (Dissertação)	IGOR GHELMAN SORDI ZIBENBERG	2016	Ensino médio integrado. Permanência na escola. Êxito escolar. Capital cultural
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS	Educação no ensino médio: uma forma de inclusão excludente? (Dissertação)	GLAZIELA APARECIDA FRANCO	2015	Ensino médio; exclusão escolar; inclusão excludente
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO	Redes de saberes fazeres, complexidade e tensões: os cotidianos do ensino médio de uma escola pública do Espírito Santo – Vitória (Dissertação)	GERALDO FERREIRA DOS SANTOS	2013	Ensino médio; currículo e cotidiano; complexidade; redes de saberes fazeres
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANA	Discursos e expressões: uma cartografia da adolescência contemporânea (Dissertação)	ROSANE BERTE	2014	Adolescência. Adolescentes. Filosofia da diferença. Contemporaneidade
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS	A relação entre as abordagens à aprendizagem e a autorregulação da aprendizagem de alunos do ensino médio regular diurno no município de Camaquã – RS (Dissertação)	JOSE SILVANO MARTINS GROSS	2014	Autorregulação da aprendizagem; abordagens à aprendizagem; ensino. Médio
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA	Tecnologias digitais no programa Ensino Médio inovador: práticas e perspectivas (Dissertação)	ELIANA SCREMIN MENEGAZ	2015	Programa Ensino Médio Inovador, Tecnologias Digitais, Comunicação, Cultura Digital e Uso de Mídias
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS	Abordagens metodológicas que favorecem a construção da autonomia intelectual do estudante (Dissertação)	JONES GODINHO	2015	Metodologias ativas; ensino médio; autonomia intelectual; simulação da ONU.
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO	: Isto não é um jovem! A disputa pela identidade juvenil no currículo do ensino médio brasileiro (Dissertação)	PRISCILA CAMPOS RIBEIRO	2013	Juventude. Escola. Trabalho. Políticas de currículo. Teoria do discurso
UNIVERSIDADE EST. PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO/RIO CLARO	Ler e escrever na contemporaneidade. O que dizem estudantes do 1º ano do ensino médio de uma escola pública? (Dissertação)	PATRICIA CRISTINA VISCAINHO	2013	Escrita; leitura; contemporaneidade; formação

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO	As narrativas imagens dos estudantes sobre os usos que fazem do Facebook e a tessitura de relações de amizade com os currículos-entre-redes em uma escola de ensino médio (Tese)	WELLINGTON MACHADO LUCENA	2016	Currículos; redes sociais; cotidianos; jovens
UNIVERSIDADE TIRADENTES	Convivência de tecnologias educacionais no Ensino Médio: representações entre professores e alunos do Colégio Estadual Dr. Carlos Firpo (Barra dos Coqueiros – SE) (Dissertação)	JOSEVANIA TEIXEIRA GUEDES	2013	Ensino e aprendizagem; formação docente; tecnologias educacionais
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO	Hibridizações curriculares nos cotidianos de uma escola de ensino médio: ou sobre a força dos jovens na invenção de uma vida bonita (Tese)	DANIELLE PIONTKOVSKY	2013	Currículos; jovens; cotidianos; escola pública
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO	Saberes e práticas docentes para a inovação curricular: uma análise das práticas da sala de aula (Tese)	GEORGE KOUZO SHINOMIYA	2013	Física moderna e contemporânea; Formação do professor; Inovação curricular; Saberes docentes; Sequência
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA	Representações sociais e práticas de lazer de estudantes e professores de uma escola de educação integral do Rio de Janeiro (Dissertação)	JOAO ALBERTO CHAGAS LIMA	2013	Lazer, educação integral, representações sociais, práticas pedagógicas, currículo.
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO	Tipo assim... Ser aluno adolescente no Ifes Campus Colatina: sentimentos e impressões (Dissertação)	MARLINDA GOMES FERRARI	2013	Educação; adolescência; afetividade
UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ	Vulnerabilidade e adolescência: uma análise da imersão dos jovens nas redes sociais (Dissertação)	ROSANGELA DE OLIVEIRA SIEDE	2013	Adolescência. Vulnerabilidade. Redes sociais
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA	Autoria e cooperação na formação de sujeitos nas redes sociais (Dissertação)	ARISNALDO ADRIANO DA CUNHA	2016	Formação crítica; Facebook; ENEM; autoria; cooperação
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO	Ensinar e aprender na cultura digital: novos caminhos de produção de sentidos por meio de redes sociais (Dissertação)	TIAGO CABRAL DARDEAU	2014	Cibercultura. Comunicação. Redes sociais. Aprender e ensinar. Subjetividades
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA	A mídia e o desenvolvimento de práticas pedagógicas educacionais: as notícias da América Latina	FABIO OSCAR LIMA	2014	América Latina - Educação – Educomunicação - Mediação tecnológica – Mídia – Notícias.

	na sala de aula (Dissertação)			
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS	Instagram: produção de imagens, cultura mobile e seus possíveis reflexos nas práticas educativas (Dissertação)	RODRIGO INACIO DE CASTRO	2014	Educação; cultura mobile; sociabilidades
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA	Jovens das classes populares e experiências do uso da internet como recurso de estudo e aprendizagem (Dissertação)	KALLIANE SILVA LOPES	2015	Jovens de classes populares. Internet. Estudo. Aprendizagem. Experiência.
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE	Metrópole digital: o jovem aprendiz na educação tecnológica (Tese)	ZORAIA DA SILVA ASSUNCAO	2014	Tecnologia da informação (ti); políticas de qualificação profissional; mudança de cognição; subjetividade juvenil; projeto de vida
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA	Construção Social do conceito adolescência e suas implicações no contexto escola (Dissertação)	MARCIA CRISTINA HENARES DE MELO	2013	Adolescência. <i>Habitus</i> . Estigma. Relações professor/aluno
UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ	Mídia & educação: análise da percepção de um grupo de estudantes acerca de ações educativas voltadas à convivência com as mídias digitais (Dissertação)	MIRIAN REGINA PEREIRA RIBEIRO	2014	Mídia-educação. Adolescentes e mídias digitais. Espaço público da educação.
UNIVERSIDADE EST.PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO/PR.PRUDENTE	Apropriações sociais e formativas das tecnologias digitais por adolescentes e suas relações com o ensino e aprendizagem na escola (Tese)	ANALIGIA MIRANDA DA SILVA	2016	Tecnologias digitais; cognição; práticas pedagógicas
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO	A escola e as interferências das imagens nas identificações dos adolescentes (Tese)	SELMA BOTTON	2014	Adolescência Identificação Imagem
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS	Juventude e educação escolar: contribuições e desafios presentes em artigos na base Scielo entre 2010 e 2014 (Dissertação)	MARIANA CUNHA HERING	2016	Juventude; práticas educativas; educação escolar; currículo e saberes
UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ	Juventude, educação e trabalho: um estudo sobre a juvenilização no CEJA de Brusque-SC (Dissertação)	OLAVO LARANGEIRA TELLES DA SILVA	2015	CEJA. Juvenilização. Juventude. Educação. Trabalho
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO	Projetos de vida e educação moral: um estudo na perspectiva da teoria dos modelos organizadores do pensamento (Dissertação)	HANNA CEBEL DANZA	2014	Educação moral, Juventude, Projetos de vida, Teoria dos modelos organizadores do pensamento

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANA	Impactos, dificuldades e avanços na inserção de tecnologias na cultura escolar (Dissertação)	RAUL CESAR DA SILVA	2014	Novas linguagens - tecnologias e educação – mídia de massa – rede pública estadual de ensino do Paraná
CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE	Espelhos da contemporaneidade e valor do corpo na construção da subjetividade juvenil (Dissertação)	ELMER ERICO LINK	2015	Juventudes, corpo, subjetividade, cultura e educação
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA	Interfaces da ética, cidadania e juventude(s): narrativas de professores e jovens de ensino médio da rede pública (Dissertação)	MARLI DA SILVA	2013	Cidadania, educação, ética, juventude(s), políticas públicas

Ao ler o resumo dos 41 trabalhos selecionados (teses e dissertações), identifiquei várias temáticas que se distanciaram da temática de minha dissertação e outras que se mostraram afins e com abordagens próximas dos enfoques que pretendo realizar em minha pesquisa, tratando-se inclusive de boas referências para o seu aprofundamento.

Dos assuntos que se distanciaram, destacam-se os seguintes enfoques:

- abordagem histórica da educação, com categorias de análise da ação pública, gestão democrática e educação de jovens e Adultos (EJA);
- motivos do ingresso de muitos jovens no CEJA;
- ética, cidadania e políticas públicas;
- estudo e análise sobre a permanência e o êxito dos estudantes no último ano do Ensino Médio em instituições públicas de Ensino;
- inclusão excludente no Ensino Médio;
- complexidade e tensões no cotidiano de uma escola pública de Ensino Médio;
- autorregulação da aprendizagem e as correlações com as variáveis de gênero, idade, seriação, reprovação e nível de escolaridade dos pais;
- fatores que contribuem com o IDEB;
- potencialidades e limitações do uso do Facebook e do uso de recursos tecnológicos na escola, inserção das tecnologias digitais na escola;
- vulnerabilidade do adolescente ao acessar as redes sociais;
- uso das mídias pelos professores de História no ensino Médio;
- uso do Instagram nas práticas educativas;
- o uso da internet como processo de estudo de jovens de Ensino Médio em instituições públicas de Ensino;

- investigação sobre projeto de vida de jovens de Ensino Médio;
- modelo de simulação da ONU;
- formação do aluno leitor e escritor na Contemporaneidade;
- abordagem de programas educacionais na Rede Pública de Ensino;
- saberes docentes no processo de inovação curricular em Física Moderna Contemporânea no Ensino Médio;
- representações sociais de Educação Integral e lazer na perspectiva de estudantes e professores;
- estudo e contribuições dos artigos da base Scielo sobre juventude e educação escolar no Brasil.

Identifiquei 14 trabalhos relacionados a assuntos com maior proximidade e relevância no diálogo com o foco da temática de minha dissertação, listados a seguir:

- “Construção da subjetividade juvenil e as influências das transformações culturais contemporâneas”, por Elmer Erico Link, do *Centro Universitário La Salle*, no ano de 2015;
- “Identificações que os adolescentes estabelecem com imagens do cotidiano, focando no estudo da Modernidade e da Contemporaneidade na aquisição de identidade e identificações pelos sujeitos e concepções de adolescência”, por Selma Botton, da Universidade de São Paulo, no ano de 2014;
- “Modos de apropriação e estratégias de aprendizagem mobilizadas por adolescentes em contextos de aprendizagem com o uso das tecnologias digitais e as práticas pedagógicas adotadas em tais contextos”, por Analigia Miranda da Silva, da Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho, no ano de 2016;
- “Relação de convivência cotidiana dos adolescentes com as mídias digitais”, por Mirian Regina Pereira Ribeiro, da Universidade do Vale do Itajaí, no ano de 2014;
- “Construção social do conceito de adolescência e suas implicações no contexto escolar”, por Marcia Cristina Henares de Melo, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, no ano de 2013;
- “Concepção de juventude e constituição da subjetividade juvenil”, por Zoraia da Silva Assunção, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, no ano de 2014;

- “Ensinar e aprender na cultura digital: novos caminhos de produção de sentidos por meio de redes sociais”, por Tiago Cabral Dardeau, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, no ano de 2014;
- “Sentimentos e impressões sobre ser adolescente”, por Marlinda Gomes Ferrari da Universidade Federal, do Espírito Santo, no ano de 2013;
- “Hibridizações curriculares nos cotidianos de uma escola de Ensino Médio”, por Danielle Piontkovsky, da Universidade Federal do Espírito Santo, no ano de 2013;
- “Planos de intensidade percorridos por alunos de EM com o uso de redes sociais virtuais e como as relações de amizade produzem currículo entre redes tecidas nesses cotidianos”, por Wellington Machado Lucena, da Universidade Federal do Espírito Santo, no ano de 2016;
- “Significações da identidade juvenil no âmbito escolar nos estudos de currículo”, por Priscila Campos Ribeiro, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, no ano de 2013;
- “Discursos e expressões: uma cartografia da adolescência Contemporânea”, por Rosane Berte, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, no ano de 2014;
- “Estabelecimento de relações entre o jovem e a experiência escolar vivida no Ensino Médio”, por Vitor Schlickmann, da Universidade Federal de Santa Maria, no ano de 2013;
- “Relações dos alunos com o espaço da sala de aula, com apoio do estudo da Sociologia da Juventude, em que os autores abordam o contexto contemporâneo e o Ensino Médio nele inserido”, por Sergio Augusto Gouveia Junior, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, no ano de 2015.

Desses trabalhos selecionados, destacam-se predominantemente aqueles que abordam as relações do jovem contemporâneo e o contexto da Educação, em especial no Ensino Médio, e os que abordam o uso das mídias sociais e demais recursos tecnológicos e a cultura digital no diálogo com seu jeito de pensar e aprender. Alguns deles trazem referências importantes ao estudo pretendido em minha pesquisa e, assim, servirão para o aprofundamento desta. Os sentidos das abordagens curriculares do Ensino Médio, focando no estudo da Modernidade e da Contemporaneidade na constituição da identidade e identificações pelos sujeitos (jovens de Ensino Médio), além do enfoque nas concepções de adolescência, construção da subjetividade

juvenil e as influências das transformações culturais contemporâneas, revelam aproximações com a temática de minha pesquisa. Esses aspectos se relacionam com a análise do perfil do jovem contemporâneo que chega às nossas escolas de Ensino Médio, enfatizando quem são esses sujeitos da Educação. O estudo dos jovens em direta conexão com as múltiplas formas de comunicação e leitura atual, relacionando tecnologias e educação, escolarização e cultura da mídia, bem como a investigação da complexidade que envolve a juventude contemporânea, em suas novas relações de tempo e espaço com o conhecimento, possibilita reconhecer e identificar as principais implicações das mudanças culturais e epistemológicas para a pedagogia.

A abordagem realizada nessa dissertação “estudo da complexidade da juventude contemporânea, em suas novas relações com o tempo/espaço, com o conhecimento e com a aprendizagem” suscita-se como “inérita”, relevante e significativa no contexto das pesquisas e produções acadêmicas, que buscará contribuir – a partir do estudo envolvendo os jovens – com a construção de alguns pressupostos que possibilitem a (re)invenção das práticas pedagógicas no Ensino Médio do Colégio Medianeira.

Para tal, será necessário aprofundar a pesquisa sobre o perfil do jovem de Ensino Médio na Contemporaneidade para dar subsídios que favoreçam seu processo de aprendizagem e escolarização. A compreensão de como as novas relações tempo/espaço contemporâneas e as múltiplas formas de comunicação e leitura atuais – tecnologia e educação, escolarização e cultura da mídia – produzem mudanças culturais e epistemológicas nos processos de aprendizagem dos jovens do Ensino Médio do Colégio Medianeira, será de fundamental relevância no desenvolvimento dessa pesquisa.

## CAPÍTULO 2 – CAMINHOS METODOLÓGICOS

*“para além das exigências cartoriais [...] toda e qualquer pesquisa nasce precisamente da insatisfação com o já-sabido” (CORAZZA, 2002, p.111).*

Conhecer de maneira mais aprofundada e contextualizada o perfil do jovem contemporâneo que chega às escolas de Ensino Médio visa a favorecer uma significativa problematização e pensar espaços e tempos para se reinventar. Nesse aspecto, os estudos dos jovens em direta conexão com as múltiplas formas de comunicação, na relação com as várias tecnologias e cultura da mídia, podem colaborar nesse processo.

Para tanto, a pesquisa qualitativa é a mais indicada para tal investigação, possibilitando explorar o comportamento, as perspectivas e as experiências dos envolvidos nesta pesquisa, relacionando com estudos culturais e interpretativos. Vale lembrar que a subjetividade é uma característica presente nas abordagens qualitativas, assim como a não existência da neutralidade do pesquisador. Por estar envolvida nesta pesquisa, é necessário admitir que ela tem limites e possibilidades, como bem coloca Dal’Igna (2014, p. 201). A autora indica a necessidade de se reconhecer a parcialidade de toda pesquisa, não podendo ser analisada em sua totalidade e, portanto, sendo necessário estar atento aos conflitos, às dúvidas, à provisoriedade e à impossibilidade de estabelecer sínteses conclusivas. Dal’Igna também ressalta o aspecto da ética em pesquisa envolvendo os critérios para a escolha do público-alvo, a forma de abordagem do problema, os efeitos que as abordagens da pesquisa podem produzir e a forma de tratar as informações obtidas.

Como esclarecem Oliveira, Leite Filho e Rodrigues (2007, p.1), “a investigação qualitativa é uma forma de estudo da sociedade que se centra na forma como as pessoas interpretam e dão sentido às suas experiências e ao mundo em que elas vivem”.

A compreensão de uma determinada realidade e a autorreflexão conseqüentemente desencadeada são favorecidas pela escuta dos sujeitos que são foco principal dessa pesquisa. Para isso, além de leituras de artigos e livros de autores que já se debruçaram sobre aspectos relacionados a essa temática, foi preciso iniciar a construção dos caminhos metodológicos que possibilitariam a coletas de dados da realidade estudada, considerando seus múltiplos aspectos e interações. No caso desta pesquisa utilizei o questionário e o grupo focal. Os questionários colaboraram na coleta de informações gerais a partir de um número maior de estudantes do Ensino Médio do Colégio Medianeira, trazendo referências para um maior aprofundamento na

realização do grupo focal. As perguntas que constituíram o questionário indicaram aspectos relativos às mudanças pertinentes ao contexto da Modernidade Líquida, suas rupturas e permanências. Também indicaram as rotinas e jeito de pensar e aprender que predominam nos estudantes em seu processo de formação e aprendizagem. Por sua vez, o grupo focal trouxe a possibilidade de aprofundar e detalhar aspectos coletados no questionário, além de oportunizar maior exposição do jeito de ser e pensar dos estudantes do Ensino Médio, o que buscou favorecer uma percepção mais qualitativa a respeito dos processos inerentes a eles.

Ressalta-se que questionários são instrumentos que favorecem a obtenção de informações de um grande número de pessoas, garantindo o anonimato, deixando as pessoas mais à vontade para responder, pois dão maior fidedignidade devido à natureza impessoal e sem identificação. Além disso, também permitem às pessoas consultadas responderem no momento oportuno que julgarem mais conveniente, não as expondo às influências e pressões externas.

Segundo Gil (1999, p.128), o questionário pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”

Técnicas de interrogação como essa são importantes e necessárias, pois possibilitam a obtenção de dados a partir do ponto de vista do pesquisado. No caso de pesquisas relacionadas a crenças, a padrões de ação e culturais, concepções de mundo e de realidade, esse instrumento exigirá mais esforço tanto na elaboração das perguntas quanto na análise e interpretação dos dados. Apesar disso, o questionário apresenta maior vantagem de utilização no caso dessa coleta de dados, pois atinge um maior número de pessoas num intervalo de tempo menor, além de garantir o anonimato e favorecer a fidedignidade das informações por meio da escrita. A obtenção de informações por parte de um grupo significativo de estudantes do Ensino Médio é um aspecto muito importante nessa pesquisa, servindo de referência para a composição dos grupos focais que serão formados na sequência, o que permitirá maior aprofundamento e detalhamento dos aspectos investigados. Um fator relevante na escolha do questionário em detrimento à entrevista, por exemplo, é a ausência do entrevistador no momento da realização do primeiro instrumento, não causando inibição e reduzindo possíveis prejuízos nas respostas dadas individualmente. Outro aspecto importante nessa escolha se refere à dificuldade de se entrevistar uma quantidade grande de estudantes, como nesse caso, além da necessidade de um fiel registro das respostas por parte do entrevistador e também das reações e expressões não verbais dos entrevistados.

Os questionários habitualmente são respondidos de próprio punho pelos sujeitos pesquisados, mas, nesse caso, a proposta foi respondê-lo por meio da ferramenta on-line *Google Docs*, o que contribuiu com um maior número de respostas e favorecimento às análises e tabulações dos dados coletados. As três turmas de estudantes do Ensino Médio (uma de cada série) foram encaminhadas ao laboratório de Informática do colégio durante o período de aulas, onde o objetivo do questionário foi explicado e encaminhada sua leitura e resposta. Nesse caso, o Termo de Consentimento da instituição de ensino em questão já estava em mãos.

As perguntas que compuseram o questionário consideraram os objetivos principais dessa pesquisa, em especial que possibilitavam revelar as características que identificavam o(s) perfil(is) do jovem de Ensino Médio na contemporaneidade e sua relação com o processo de aprendizagem e escolarização. As questões desse instrumento foram pensadas a partir das variadas formas de comunicação da atualidade, permitindo conhecer e compreender as novas relações tempo/espaço que o estudo da complexidade da juventude contemporânea, na sua relação com o conhecimento, pode trazer para a (re)invenção das práticas pedagógicas.

Pretendeu-se que o questionário<sup>2</sup> oportunizasse um primeiro mapeamento sobre como os jovens que integram o Ensino Médio do Colégio Medianeira se relacionam com o conhecimento e com a aprendizagem, trazendo pistas e informações que pudessem ser aprofundadas e ampliadas por meio do grupo focal. A constituição desses grupos buscou contemplar a diversidade das três séries e a heterogeneidade de estilos e modos de pensar, ser e agir, que pretendia acrescentar ao aprofundamento dos dados coletados na aplicação do questionário, com suas respectivas análises. Os dados do questionário foram aprofundados e discutidos nos cinco encontros do grupo focal, mas continuam dando a visão de conjunto desta pesquisa.

Foram realizados cinco encontros do grupo focal no período de abril a junho de 2018, com duração de uma hora e meia a duas horas cada um. O ambiente revelou-se agradável e acolhedor, com um clima informal, que motivou a conversa entre os participantes. Cada encontro seguiu um roteiro previamente elaborado, contemplando as temáticas escolhidas para serem abordadas nessa pesquisa. A escolha dos materiais e técnicas para os encontros levou em consideração o uso de múltiplas linguagens e tecnologias, buscando dialogar com as características já identificadas a partir dos dados coletados no questionário. Posteriormente, procedeu-se à transcrição das gravações dos cinco encontros. A pesquisadora atuou como moderadora, estabelecendo relações com os participantes, mantendo ativa a discussão e

---

<sup>2</sup> O questionário foi aplicado nas três séries do Ensino Médio do Colégio Medianeira, conforme descrição acima, na última semana de novembro de 2017.

motivando-os a expor suas opiniões, ideias e concepções. A análise e interpretação dos dados coletados nesses momentos dos encontros do grupo focal também foram realizados pela moderadora. Foram observadas e consideradas as linguagens verbal, corporal e facial dos estudantes de cada encontro do grupo, sendo cada encontro gravado em sua íntegra, com consentimento prévio dos participantes e seus responsáveis. Os dados coletados e analisados durante a realização dos cinco encontros do grupo focal foram transcritos em sua íntegra, a partir das discussões do grupo e dos subgrupos constituídos em alguns momentos, como será descrito no Capítulo 4. Anotações e reflexões da moderadora foram acrescentadas nas análises, além de trazer a discussão das temáticas propostas à luz de referenciais teóricos que dialogam com estas. Uma das vantagens desse instrumento de pesquisa foi a frequente obtenção de diversos e diferentes resultados, a partir das rodas de conversa com livre discussão, favorecendo a expressão de cada um, com exposição de seus pontos de vista.

Como enfatiza Dal'Igna (2014), a grande riqueza dos grupos focais está na produção de informações sobre tópicos específicos a partir do diálogo entre os participantes de um mesmo grupo, estimulando ideias consensuais e contrárias, permitindo a análise de diálogos e não de falas isoladas.

Foram cuidadosamente considerados os critérios de formação do grupo focal, identificando se o mesmo deveria ser constituído por pessoas que já integravam um grupo ou por um grupo de desconhecidos. Alguns fatores orientaram essa escolha, dentre eles a importância ou desejo de se manter um clima em que os vínculos estabelecidos tivessem relevância na temática a ser abordada e do grau de interesse destes pelo tema. Outro fator importante levado em consideração na constituição dos grupos focais foi relacionado ao grau de confidencialidade e ao objetivo da pesquisa. Nesse caso, a escolha dos estudantes que constituíram o grupo focal seguiu critérios de heterogeneidade em relação ao seu desempenho escolar e ao seu modo de ser e agir manifestados no contexto escolar, participando meninos e meninas em iguais proporções.

No caso da pesquisa realizada, o espaço empírico foi o Colégio Medianeira e estudantes das três séries do Ensino Médio no ano de 2017. Os questionários foram aplicados nas três séries do Ensino Médio no 2º semestre de 2017, considerando aproximadamente uma turma e meia de cada série com cerca de quarenta estudantes, contemplando uma coleta de informações com 158 estudantes e permitindo sua livre expressão por meio do anonimato. Posteriormente, 12 alunos das três séries do Ensino Médio (quatro de cada uma das três séries), constituíram o grupo focal, sendo mediados e motivados a expor seus pontos de vista, sentimentos e visões, em processos de interação com seus pares, permitindo uma livre discussão

e uma análise do discurso coletivo. Nesse sentido, reforça-se a importância do uso do questionário e do grupo focal como instrumentos desta pesquisa, pois estes permitiram aos estudantes exporem suas ideias, concepções e opiniões de maneira informal e também formal.

Antes de iniciar os encontros do grupo focal, foi feito contato telefônico com os pais dos estudantes convidados a participar, explicando o objetivo da pesquisa que seria realizada, bem como os cuidados éticos que seriam tomados, dentre eles o sigilo relativo à identificação de cada estudante. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (apêndice B) foi encaminhado aos pais pelos estudantes, retornando assinado por todos que iriam participar do grupo focal.

Os estudantes que participaram do grupo focal optaram por codinomes, ao invés de serem identificados por números, que foram usados nas identificações de suas falas ao longo dos encontros realizados. A escolha desses codinomes será enfatizada na descrição dos encontros do grupo focal no Capítulo 4.

## **2.1 Sobre cada temática escolhida e discutida...**

A partir da análise dos dados coletados por meio do questionário, foram escolhidas três temáticas com o objetivo de aprofundar aspectos significativos e centrais relativos à discussão proposta nesse estudo. As temáticas escolhidas são as seguintes:

Temática 1 – Relação e percepções dos estudantes de EM sobre a escola, envolvendo as seguintes perguntas do questionário<sup>3</sup>: n.º 2 (“assinale a opção que mais revela sua relação com a escola”), n.º 3 (“assinale a opção que mais se relaciona com sua percepção sobre a Escola”), n.º 6 (“qual o grande mérito que você confere à Escola hoje?”), n.º 7 (“quais os principais problemas que você sinaliza com relação à escola”) e n.º 14 (“você considera que a escola responde ou prepara para responder às demandas da juventude hoje? Por quê?”).

Temática 2 – Como o jovem de EM aprende no contexto atual: aulas, métodos e abordagens (relação ensino e aprendizagem), a partir das seguintes perguntas do questionário: n.º 4 (“em que tipos de aulas você mais aprende?”), n.º 5 (“que tipo de aula mais te motiva a manter-se atento e querer aprender mais?”), n.º 10 (“de que forma você aprende melhor? Em que lugares ou situações?”), n.º 11 (“como você organiza o seu tempo para estudar?”), n.º 15 (“que métodos de ensino têm sido eficazes para o seu processo de aprender na escola?”), n.º 16

---

<sup>3</sup> Questionário no Apêndice A.

(“que métodos utiliza para estudar fora do ambiente escolar?”), e n.º 17 (“esses métodos usados na escola e fora dela se complementam ou se relacionam? De que maneira?”).

Temática 3 – O uso do tempo pelos jovens de EM e a relação com a internet e a aprendizagem, com referência às seguintes perguntas do questionário: n.º 1 (“assinale a opção que mais se relaciona com seu dia-a-dia”), n.º 8 (“sua busca pela internet está mais relacionada”), n.º 9 (“o uso da internet como recurso pedagógico que você faz na escola ou em casa se relaciona mais com”), n.º 12 (“que atividades você realiza durante a semana?”), e n.º 13 (“quais são suas prioridades? Como você usa seu tempo? O que faz quando não está no colégio?”).

## 2.2 Sobre os encontros do grupo focal...

O 1º encontro focou na primeira temática (relação e percepções dos estudantes de EM sobre a escola) e teve por objetivo aprofundar as preferências sobre o uso do tempo pelo jovem na contemporaneidade e como ele é utilizado para os processos escolares, na relação com o conhecimento e com a aprendizagem. Foram utilizados dois recursos disparadores, pelo *mentimeter* <sup>4</sup>([www.menti.com](http://www.menti.com)). A primeira provocação se deu por meio da solicitação para que os estudantes escrevessem em seus celulares (acessando o *mentimeter*), três palavras que expressassem o significado de ESCOLA para eles. As palavras foram projetadas ao mesmo tempo em que os estudantes as escreviam e com a projeção de todas, procedeu-se à discussão. Em seguida, foi solicitado que respondessem à questão abaixo, utilizando o mesmo recurso (*mentimeter*), obtendo-se um gráfico que indicava quais respostas foram assinaladas e a quantidade de cada alternativa marcada. A partir destes disparadores, a conversa com o grupo fluiu e buscou-se aprofundar a temática proposta para esse encontro.

“No meu dia-a-dia dedico grande parte do meu tempo para? ”

- a) ler e estudar
- b) acessar sites de pesquisa sobre assuntos de meu interesse pessoal
- c) acessar sites para divertimento e entretenimento
- d) me relacionar por meio das mídias sociais
- e) praticar esporte/atividade física

<sup>4</sup> Mentimeter é um sistema online, criado pela empresa homônima sediada em Estocolmo, que permite aos usuários criar apresentações, compartilhar suas opiniões e obter feedback de seu público em tempo real usando dispositivos móveis.

O 2º encontro do grupo focal também abordou a primeira temática e teve como objetivo aprofundar aspectos da relação e das percepções dos estudantes de Ensino Médio do Colégio Medianeira sobre a escola. Utilizou-se como disparador para esse encontro a projeção das respostas dadas pelos estudantes no questionário, envolvendo as questões referentes à relação dos estudantes com ela (n.º 2), à percepção destes sobre a escola (n.º 3), ao seu mérito (n.º 6), aos principais problemas relativos a ela (n.º 7) e se ela responde ou prepara para responder às demandas da juventude hoje (n.º 14). As respostas das questões objetivas, de múltipla escolha, foram apresentadas em forma de gráfico, sendo projetadas durante todo o encontro. O grupo foi dividido em três subgrupos, com a finalidade de discutir os resultados trazidos por cada gráfico e se posicionar frente a estes. Posteriormente, foi realizada uma roda de conversa com todos juntos, buscando-se compartilhar e aprofundar a análise realizada por cada subgrupo.

O 3º encontro pretendeu discutir a segunda temática, que tratava da relação ensino e aprendizagem, buscando aprofundar como o jovem de Ensino Médio aprende no contexto atual: aulas, métodos e abordagens. Para isso, projetou-se as respostas das perguntas do questionário relacionadas a essa temática (novamente as de múltipla escolha foram apresentadas na forma de gráficos), contemplando: em que tipos de aulas o jovem de EM mais aprende (n.º 4), em que tipo de aula o estudante se motiva mais a manter-se atento e querer aprender mais (n.º 5), de que forma eles aprendem melhor, em que lugares ou situações (n.º 10), como organizam o tempo para estudar (n.º 11), que métodos de ensino têm sido eficazes para o seu processo de aprender na escola (n.º 15), que métodos utiliza para estudar fora do ambiente escolar (n.º 16) e se esses métodos usados na escola e fora dela se complementam ou se relacionam (n.º 17). Seguiu-se o mesmo encaminhamento do encontro anterior, tendo o grupo se dividido em subgrupos, objetivando-se maior espaço de diálogo, troca e participação de todos na discussão. O encontro finalizou com a roda de conversa com todos juntos.

O 4º encontro pretendeu abordar a terceira temática que visava discutir o uso do tempo pelos jovens de EM e a relação com a internet e a aprendizagem. Algumas perguntas do questionário foram referendadas e suas respostas explicitadas para todos, seguindo o mesmo encaminhamento dos encontros anteriores, utilizando e projetando gráficos para as questões de múltipla escolha e realizando a discussão nos subgrupos. As questões que foram aprofundadas nesse encontro foram as seguintes: indicativo de situações que mais se relacionam com o dia-a-dia de cada um (n.º 1), motivos da busca dos estudantes pela internet (n.º 8), formas usadas por eles sobre o uso da internet como recurso pedagógico tanto na escola como em casa (n.º 9), que atividades realizam durante a semana (n.º 12) e quais suas prioridades, como usam o tempo

e o que fazem quando não estão no colégio (n.º 13). A finalização do encontro se deu com todos, na roda de conversa.

O 5º e último encontro visou dar um fechamento às discussões, por meio de uma roda de conversa com todos do grupo. Foi feita uma retomada sobre as temáticas discutidas nos encontros anteriores, buscando realizar uma síntese e instigando-os a contribuir com ideias e sugestões à Escola, partindo-se das análises e críticas realizadas. Após a conversa e discussão na roda, pediu-se que cada um produzisse um texto que contemplasse essa análise e sugestões.

A realização dos encontros do grupo focal visou colaborar no estudo da complexidade do jovem de Ensino Médio na Contemporaneidade e sua relação com o conhecimento. A retomada do conjunto de respostas do questionário nos encontros do grupo focal, permitiu uma maior profundidade das discussões. Portanto, as questões propostas nesses encontros se destinaram a explorar as formas de se relacionar com o outro, consigo mesmo, com o mundo e com a liquidez que permeia as relações em sociedade e traz novos sentidos de temporalidade e espaço. Considerando as escutas realizadas e as informações que foram cuidadosamente analisadas a partir dos referenciais teóricos estudados, objetiva-se contribuir na busca por referenciais que conduzam à (re)invenção das práticas pedagógicas desenvolvidas no Ensino Médio do Colégio Medianeira.

Dessa forma, esse estudo visa permitir aos educadores rever seus posicionamentos e concepções, para pensar em processos pedagógicos que dialoguem mais significativamente com os jovens com os quais nos propusemos trabalhar de modo a contribuir com o seu processo de aprendizagem e construção de conhecimento. Importa dizer, que isso implica, também, problematizar o tempo/espaço contemporâneo. Ao conhecer os processos culturais em interação com a pedagogia, também criaremos uma visão mais elaborada e aprofundada sobre os sujeitos com os quais trabalhamos, o que favorecerá a nossa percepção e posicionamento sobre os nossos estudantes de Ensino Médio.

## CAPÍTULO 3 – CONTEMPORANEIDADE: DESAFIOS A ENFRENTAR

*“A modernidade começa quando o espaço e o tempo são separados da prática da vida e entre si, e assim podem ser teorizados como categorias distintas e mutuamente independentes da estratégia e da ação; quando deixam de ser, como eram ao longo dos séculos pré-modernos, aspectos entrelaçados e dificilmente distinguíveis da experiência vivida, presos numa estável e aparentemente invulnerável correspondência biunívoca. Na modernidade, o tempo tem história, tem história por causa de sua ‘capacidade de carga’, perpetuamente em expansão – o alongamento dos trechos do espaço que unidades de tempo permitem ‘passar’, ‘atravessar’, ‘cobrir’ ou ‘conquistar’. O tempo adquire história uma vez que a velocidade do movimento através do espaço (diferentemente do espaço eminentemente inflexível, que não pode ser esticado e que não encolhe) se torna uma questão do engenho, da imaginação e da capacidade humanas” (BAUMAN, 2014, p.16).*

Esse capítulo tratará sobre a Contemporaneidade e seus desafios, usando como referencial teórico Bauman (2001), Harvey (1992) e Castells (1999), na análise da passagem da Modernidade Sólida para a Modernidade Líquida, e discutindo aspectos dos contextos que constituíram e continuam constituindo nossos modos de ser e de viver em sociedade. Costa (2005) e Fisher (2012) contribuirão com a discussão sobre as pedagogias culturais e o jovem contemporâneo, enfatizando as influências da mídia, da internet e sua importância no campo educacional e cultural, constituindo as relações sociais e as subjetividades. Dayrell (1996) e outros referenciais contribuem ao tematizar e conceituar a(s) juventude(s) na Contemporaneidade e Sousa (2014) discute sobre os processos de midiaticização e o jovem contemporâneo. Também serão abordadas algumas provocações ao processo de escolarização a partir da reflexão sobre a experiência proposta por Bondía (2002) e sobre os desafios da escola no contexto atual, referenciando Masschlein e Simons (2017), Severo (2014) e Pais (2006).

### 3.1 Mudança de ênfase da Modernidade Sólida para a Modernidade Líquida

O foco no jovem contemporâneo e a busca por compreender suas relações com o conhecimento e com a aprendizagem levam à necessidade de aprofundar características desse tempo e as mudanças geradas no contexto da Modernidade Líquida. Nesse contexto, a revolução da Tecnologia da Informação provocou grandes transformações nos modos de viver

e de ser, principalmente pela linguagem digital, alterando significativamente o processamento das informações e as formas de comunicação. A velocidade da informação e a sua capacidade de ser processada de modo cada vez mais rápido foi decorrente da ampliação da comunicação por meio dos avanços das telecomunicações, favorecendo meios de conectividade que rompem distâncias físicas e redimensionam o conceito de espaço e tempo. As aplicações tecnológicas transformaram os processos de produção e distribuição, criando novos produtos e formas de acessibilidade que deram ao consumismo um lugar de destaque, reforçando o sistema econômico capitalista e agindo como modo de regulação da sociedade contemporânea.

Castells (1999) se remete ao século XX como o palco da revolução da Tecnologia da Informação, evidenciando a década de 1970 na difusão e propagação das novas tecnologias. As principais inovações desse momento ocorreram na área da eletrônica, com os microcomputadores, revelando alta capacidade de integração, de memória e de conectividade. Os softwares trouxeram sistemas operacionais mais eficientes que colaboraram na evolução da formação de redes, afetando as interações sociais e organizacionais. Além disso, as tecnologias de transmissão favoreceram novas conexões por meio de opções versáteis, podendo ser utilizadas em vários instrumentos, destacando-se os telefones celulares e os microcomputadores portáteis.

As evoluções geradas pela Tecnologia da Informação revelam aprofundamentos e aplicações dos conhecimentos produzidos pela Ciência, em consonância com a área da Biologia, mais especificamente da Engenharia Genética (CASTELLS, 1999), que remonta o conceito de vida e traz perspectivas de intervenções no campo da Biotecnologia. Esses novos conhecimentos sinalizam capacidade de manipulação e alteração de estruturas genéticas que abrem possibilidades de evitar ou controlar algumas doenças, alterar seus efeitos, desencadeando um poder sobre a vida que, em conjunto com os adventos da revolução da Tecnologia da Informação, acarreta modificações profundas nas dimensões sociológicas, éticas, sociais, econômicas e culturais.

Ao se pensar numa perspectiva de sociedade em rede, na produtividade aumentada, na velocidade da informação e na ampliação da conectividade em espaços diversos, destaca-se o cuidado com o jogo estabelecido a partir do domínio dessas novas “tecnologias de poder”. Tanto na indústria, como na economia, na eletrônica e na genética, o olhar se volta para a instantaneidade de seus efeitos e criação, evoluindo via alianças e formação de redes entre potências mundiais, aumentando a difusão das inovações tecnológicas. Todas as profundas mudanças desencadeadas pela revolução tecnológica provocaram e continuam provocando impactos e rupturas em paradigmas outrora vigentes, afetando várias dimensões da vida em

sociedade, na família, na escola e nas relações de trabalho, interferindo em todos os processos sociais.

A respeito disso, Castells (1999, p.79) pontua que

É essencial manter uma distância entre a avaliação do surgimento de novas formas e processos sociais, induzidos e facilitados por novas tecnologias, e a extrapolação das consequências potenciais desses avanços para a sociedade e as pessoas: só análises específicas e observação empírica conseguirão determinar as consequências de interação entre as novas tecnologias e as formas sociais emergentes. Mas também é essencial identificar a lógica embutida no novo paradigma tecnológico.

O consumismo é um dos reflexos do capitalismo, trazendo em sua concepção a fluidez instaurada na Contemporaneidade, em que cada indivíduo tem a chance de escolher aquilo que mais lhe agrada, sendo seduzido e conquistado de diferentes formas. Assim, liberdade e multiplicidade de escolhas oferecidas pelo consumismo podem moldar indivíduos extremamente voltados para si próprios, despidos de valores coletivos. Ao mesmo tempo, “nas novas circunstâncias, o mais provável é que a maior parte da vida humana e a maioria das vidas humanas consuma-se na agonia quanto à escolha de objetivos, e não na procura dos meios para os fins, que não exigem tanta reflexão” (BAUMAN, 2001, p. 79-80). Essa questão alerta para a necessidade de um aprofundamento das análises relativas ao tempo em que vivemos, da concepção de individual e coletivo, de público e privado e dos sentidos e vazios criados nesse contexto.

Em suma: a mobilidade e a flexibilidade da identificação que caracterizam a vida do “ir às compras” não são tanto veículo de *emancipação* quanto instrumentos de *redistribuição das liberdades*. São por isso bênçãos mistas – tanto tentadoras e desejadas quanto repulsivas e temidas, e despertam os sentimentos mais contraditórios. São valores altamente ambivalentes que tendem a gerar reações incoerentes e quase neuróticas. (BAUMAN, 2001, p. 116)

Um dos efeitos da ação do comportamento desencadeado pelo consumismo está na diminuição da socialização e da troca de experiência com o outro, com tendência a encontros superficiais e curtos, o que pode gerar isolamento. A privatização do espaço público tem buscado responder à insegurança gerada nesses locais, em que a civilidade é manifestada em espaços que as pessoas possam compartilhar, sem, no entanto, se revelar na sua especificidade e diferenças. Estes derivam da falta de habilidades de civilidade em decorrência da irrelevância e não necessidade destas para viver sob essa nova ordem social. Ao mesmo tempo, os novos espaços compartilhados podem gerar uma diversidade de elementos de aproximação,

identificação ou contradições, os quais também poderiam permitir múltiplas formas de expressão e inserções.

De acordo com Castells (1999), “o cerne da transformação que estamos vivendo na revolução atual refere-se às tecnologias da informação, processamento e comunicação” (p.50). Há um fluxo que mantém o apego consumista, favorecido pelas inovações e uso disseminado dos bens produzidos, com o propósito de manter-se em constante atualização na aquisição de versões mais modernas e de última geração. Essas ações e velocidade de propagação das tecnologias alimentam a descartabilidade e a provisoriedade, características desse período.

As tecnologias geradas favorecem a conexão imediata com espaços e pessoas distantes fisicamente e mais próximos do que estes, porém a possibilidade de conectividade é restrita a uma parte da população mundial, o que provoca excluídos desse processo, contribuindo com o aumento da desigualdade social a partir do poder representado pelo acesso às novas tecnologias. Conseqüentemente, “as áreas desconectadas são cultural e espacialmente descontínuas” (CASTELLS, 1989, p. 52), e os territórios dominantes mundialmente conectados determinam os modos de ser e proceder nesse espaço nômade, em que o tempo não exerce controle. Logo, os grupos que vivem em locais de inovação e utilização de novas tecnologias, apresentam mais rápida transformação, o que poderia trazer benefícios econômicos e sociais a eles mesmos. No entanto, o sistema capitalista favorece a busca de alternativas para ampliar a acessibilidade, gerar mais lucros, por meio dos recursos tecnológicos cada vez mais eficientes e com custos menores. Alianças estratégicas entre potências mundiais e formação de redes entre empresas de diferentes países foram constituídas e determinaram mudanças de cunho sociológico, cultural, econômico e histórico, em que a aceleração e a velocidade associadas ao poder das novas tecnologias são marcas permanentes em todos os processos.

Empresas e organizações apresentam grande capacidade de alteração e modificação, seguindo a lógica da fluidez característica da Pós-modernidade. No entanto, essa flexibilidade pode favorecer maior liberdade e criação ou repetir padrões que mantenham os poderes já constituídos. O desafio está, pois, em se utilizar positivamente os avanços trazidos pela tecnologia, fazendo da possibilidade aumentada de conectividade, da aceleração dos processos e da compressão do tempo-espaço, aspectos de favorecimento social e coletivo.

No contexto da Modernidade Sólida, havia predomínio de certezas, com padrões e conceitos, ideias e estruturas sociais mais rígidos e inflexíveis. No estado fluido da Modernidade, o espaço perdeu sua solidez e o tempo alcançou maior dinamicidade e sua velocidade atingiu níveis que modificaram e trouxeram acesso a meios mais rápidos de mobilidade. O conceito de liquidez é aprofundado por Bauman (2001), que o relaciona à

sociedade, a qual se revela fluida ao não trazer mais certezas, mudando a cada instante e vivendo da multiplicidade de escolhas. A instantaneidade é uma das características da Modernidade Líquida, em que o tempo muito curto e movimentos muito rápidos podem provocar manipulação e mudanças, tendendo a ações isoladas e individuais. Assim, a descartabilidade e a ausência de padrões comportamentais podem ser consequências geradas, com predomínio do instantâneo e do temporário, favorecendo formas de vida mais vulneráveis e fluidas. Ao mesmo tempo podem sinalizar possibilidades de flexibilidade, de acesso e inserções em espaços diversos em que alternativas sustentáveis são cada vez mais discutidas e necessárias na manutenção do espaço social e biológico em que vivemos. Ou seja, as novas possibilidades decorrentes do mais fácil acesso as informações e a mobilidade oriunda, podem também trazer condições favoráveis de comunicação e alternativas criativas para se viver nesse contexto fluido da Modernidade Líquida.

Este aspecto chama a atenção para a constituição dos sujeitos juvenis, indicando muitos desafios, mas ao mesmo tempo trazendo grandes possibilidades ao seu processo de inserção social e construção de autonomia. Na Modernidade Líquida, portanto, as pessoas começam a se lançar em seus impulsos, saindo da passividade e passando a agente ativo da sociedade. Há uma ânsia por liberdade que se opõe diretamente ao ideal de segurança e estabilidade da Modernidade Sólida. Porém, essa liberdade não garante necessariamente um estado de satisfação, ao exigir responsabilidade pelas ações individuais e também pelas constantes mudanças a que se está submetido, gerando movimento e busca permanente. No momento em que o indivíduo atinge um determinado objetivo, já passa a buscar outro, o que acarreta movimento constante e insegurança nas relações pessoais, com tendência a se traçar objetivos cada vez mais individualmente.

Na Modernidade Sólida ou pesada, a conquista do espaço por meio de máquinas pesadas e velozes, em que a aceleração e a aquisição de terras foram altamente valorizadas, agregou valor ao espaço, sendo o tempo uma ferramenta. A realização das tarefas com maior rapidez configurou uma civilização moderna em que não se concebia desperdiçar o tempo, que foi rotinizado a fim de manter o espaço conquistado e submetendo o trabalho permanentemente ligado ao capital. O tempo era o meio que precisava ser administrado para que houvesse retorno de valor, o espaço. Na Modernidade leve, considerado por Bauman (2001) como a “era do software” (p.154), a eficácia do tempo é o meio de alcançar valor, pois todas as partes do espaço podem ser alcançadas no mesmo período de tempo.

Neste contexto, a perspectiva de futuro lançada pelo jovem contemporâneo muito comumente se limita a um curto prazo, estimulada pelo imediatismo e pela aceleração dos

processos, não aprofundando dimensões mais amplas que poderiam configurar um projeto de vida. Nesse aspecto os objetivos relacionados a uma profissão ou trabalho se voltam a outra direção, não tendo mais como ideal uma carreira, na concepção que evoca a estabilidade e uma trajetória previamente traçada, com pressões coordenadas de espaço e tempo. Por exemplo, entrar em uma empresa ainda bastante jovem e avançar rumo a hierarquias superiores e, posteriormente, obter sua aposentadoria, era objetivo atrelado às concepções de estabilidade envolvida na Modernidade Sólida. Além do acúmulo de riqueza e eliminação da miséria, visava contribuição para o estado de ordem (BAUMAN, 2001), em que o esforço coletivo era de suma importância e a visão de futuro dependia fortemente do presente, com certa previsibilidade e constância. Na dinâmica líquida, todavia, o indivíduo comumente não idealiza esse lugar, aproveitando as oportunidades que têm. O longo prazo é substituído pelo curto prazo, sendo necessários ajustes ao longo do percurso, ou seja, flexibilidade. A ideia de progresso na Modernidade Líquida está “individualizado, desregulado e privatizado” (p. 170), em que são as próprias pessoas, individualmente, que deverão buscar recursos para uma condição mais satisfatória. Nesse sentido, a noção de futuro se desestabiliza, acarretando inconstância e transitoriedade nos planos e objetivos traçados individualmente, o que impõe novos desafios ao contexto da juventude.

Bauman (2001) aborda também a mudança de caráter do trabalho, sendo muitas vezes um ato único, tendo perdido sua centralidade, não oferecendo mais a segurança e a estabilidade de outrora e adquirindo uma nova significação. Nessa lógica, o mérito do trabalho não estaria mais no bem coletivo, no desenvolvimento de uma sociedade com vistas às novas gerações, mas sim voltado à manutenção do consumismo, respondendo aos desejos e necessidades criadas para o consumidor. A característica desse novo trabalho é a flexibilidade, em que o curto prazo rege suas relações e seus contratos (quando existirem), com inúmeras incertezas, sem perspectivas de futuro, caracterizando o desengajamento entre o capital e o trabalho. A incerteza do presente gera, por sua vez, isolamento e solidão, enfraquecendo as relações que sustentariam a relação entre o capital e o trabalho, sendo essas versões do “capitalismo leve e flutuante”. (BAUMAN, 2001, p. 187)

Os variados serviços e mercados financeiros foram também acelerados, aumentando o ritmo de consumo em áreas diferentes, da moda ao lazer e à culinária, evidenciando a passagem do consumo de bens para o consumo de serviços. Logo, enfatizar a instantaneidade e a descartabilidade implica em se despir de valores e de estilos de vida em prol da manipulação da opinião por meio da publicidade e de imagens da mídia, caracterizadas aqui como mercadorias, contribuindo para o crescimento do capitalismo (HARVEY, 1989).

O papel do “simulacro”<sup>1</sup> na Pós-modernidade, a partir do mercado de imagens na construção e moldagens de identidades, criando uma “indústria da produção de imagens” (HARVEY, 1989, p. 262) se especializa na aceleração do tempo via produção e venda destas. As imagens se tornam meio de produção de sentidos que se criam e se perdem, relacionadas com a volatilidade e a efemeridade típicas da modernidade. O autor refere-se à televisão em massa e à comunicação via satélite como fontes de uma variedade e quantidade enorme de imagens provenientes de contextos e espaços diferentes, o que potencializa e concretiza o poder destas na efetivação do simulacro, traduzido em realidade. Essa realidade criada a partir das imagens invade as percepções sensitivas dos sujeitos, em especial o adolescente e o jovem, altamente abertos e suscetíveis a sua influência, contribuindo na formação de opinião e indução de comportamento. Há uma sobrecarga sensorial gerada por essa cultura consumista, que remete à busca por valores mais duradouros, como o retorno do interesse pela família e vínculos mais significativos.

Harvey (1989, p. 264-265) enfatiza e ilumina as possibilidades de futuro,

O retorno do interesse por instituições básicas (como a família e a comunidade) e a busca de raízes históricas são indícios da procura de hábitos mais seguros e valores mais duradouros num mundo cambiante. Rochberg-Halton (1986,173), num estudo por amostragem de residentes de North Chicago de 1977, descobriu, por exemplo, que os objetos realmente valorizados na casa não eram os “troféus pecuniários” de uma cultura materialista que agiam como “índices confiáveis da classe econômica, da idade, do gênero, etc.”, mas os artefatos que estavam vinculados “com pessoas amadas e parentes, experiências e atividades valorizadas, e lembranças de eventos da vida e pessoas significativos.

Reforça-se novamente a importância da constituição de uma leitura crítica dessa realidade pelos sujeitos nela envolvidos, reforçando à escola um papel primordial no desenvolvimento de estratégias que dialoguem com esse universo e estabeleçam uma condição de análise e posicionamento crítico. Ao se pensar a Educação e o lugar do jovem na Modernidade líquida, há uma alta exigência no encaminhamento dos processos que visam criar graus de consciência e inserção social, desencadeando análises reflexivas que dialoguem e se contraponham ao paradigma vigente. A tendência do momento é criar posturas cada vez mais individualistas, perdendo a noção de coletividade e alteridade, em que os interesses individuais predominam, exigindo da escola um arsenal de possibilidades motivacionais que a torne mais atrativa. Ao mesmo tempo, esse mesmo contexto, se analisado criticamente e sob um viés de

---

<sup>1</sup> David Harvey (1989, p. 261) refere-se a “Simulacro” como um estado de réplica tão próxima da perfeição que a diferença entre o original e a cópia é quase impossível de ser percebida.

sociedade que se pretende sustentável, pode provocar comportamentos colaborativos e resgatar princípios de civilidade. O uso dos recursos tecnológicos e demais inovações advindas do desenvolvimento científico, pode significar uma riqueza de possibilidades que estimulam a criatividade e a busca por alternativas viáveis no contexto social e econômico. A tendência ao individualismo aprofundada por Bauman (2001) pode ser contraposta pela necessidade de instaurar movimentos que resgatem a inserção dos sujeitos enquanto cidadãos que trabalhem juntos, com perspectiva cooperativa.

A questão que emerge volta-se à visão de futuro a ser vivenciada e projetada pelo jovem contemporâneo. Será que esta pode superar todas essas tendências, compressões, instantaneidades e fragilidades que emergem na Modernidade Líquida? Que perspectiva de futuro e de sociedade o jovem pode ter a partir das mudanças aprofundadas na Contemporaneidade? E assim, volta-se ao problema aqui proposto, ao endereçar a busca de pressupostos norteadores que o estudo da complexidade da juventude contemporânea, na sua relação com o conhecimento, pode trazer para a (re)invenção das práticas pedagógicas desenvolvidas no Ensino Médio do Colégio Medianeira.

### **3.2 O jovem contemporâneo e as manifestações culturais**

A juventude é uma categoria socialmente construída. Ganha contornos próprios em contexto históricos, sociais distintos, e é marcada pela diversidade nas condições sociais [...], culturais [...], de gênero e até mesmo geográficas, dentre outros aspectos. Além de ser marcada pela diversidade, a juventude é uma categoria dinâmica, transformando-se de acordo com as mudanças sociais que vem ocorrendo ao longo da história. Na realidade, não há tanto uma juventude e sim jovens, enquanto sujeito que a experimentam e sentem segundo determinado contexto sociocultural onde se insere (DAYRELL, 2007 p. 4).

Ao trazer o jovem contemporâneo como foco central desta pesquisa e abordagem, é importante discutir o conceito de juventude, ou melhor, de juventudes. Isso porque não se pode conceber só um tipo de jovem na contemporaneidade, considerando todas as características fluidas deste contexto, uma vez que juventude não é um conceito estático, referente a uma etapa de transição, como foi nomeada em outros tempos. Mas, como pontua Prates (2014, p.1-2),

Juventude não é apenas uma palavra que distingue determinados sujeitos dos velhos, das crianças e dos adultos. Não se restringe a uma definição marcada pelo desenvolvimento biológico ou pela maturação psicológica [...] é uma condição relacionada à construção histórica, econômica, social e cultural em que se imbricam uma série de aspectos como idade, classes sociais, instituições, gênero.

Dessa forma, juventude é uma categoria de sujeito constituída a partir de processos históricos, sociais, culturais e econômicos, apresentando características próprias de cada época e contexto social e político. Prates (2014), discute essa constituição da juventude, desde o século XIV, quando não se separava a noção de criança de jovens, considerando-os como inerentes à infância. Somente no século XVIII, essa separação começa a ocorrer, quando predominam táticas para conservar a autoridade dos moralistas e religiosos da época, na perspectiva de regular a vida e os costumes dos jovens. A Educação surgia como elemento chave de busca por naturalização de uma sociedade de classes, com diferentes concepções de infância, conforme o pertencimento social (*Idem*, p. 2).

Prates (2014) enfatiza o papel dos jesuítas, ordem que, nesse período, surgia substituindo os métodos de intimidação por outros mais sutis e individualizadores, com práticas envolvendo saberes pedagógicos com a manutenção da disciplina e da ordem, com criação de métodos de ensino. Os colégios foram separados do poder político, passando a ser de domínio dos professores e das instituições escolares, sendo os alunos separados por grau de instrução e depois por idade. A noção de infância, anteriormente curta, foi gradativamente prolongada ao longo dos séculos XVI a XVIII, devido à noção de escola, dependendo ainda da classe social a que se pertencia. A obrigatoriedade da instrução escolar surge a partir da metade do século XIX como instrumento de controle da classe burguesa, que visava educar as classes populares. Assim, a invenção da juventude foi decorrente de algumas mudanças sociais e políticas, relacionadas ao crescimento da população e à etapa de instrução que preparava os sujeitos para o trabalho. Também a universalização dos direitos humanos legitimou os direitos dos jovens, que passam a ser foco da indústria cultural, como sujeitos de consumo.

A ascensão das culturas juvenis se deu predominantemente após a Segunda Guerra Mundial, quando a introdução da escola de massa modificou o percurso da adolescência, que antes transitava diretamente da infância para o trabalho. A escolarização em massa e a difusão dos meios de comunicação e da sociedade de consumo contribuíram para a criação da noção de cultura juvenil, tendo ampliado o tempo de permanência dos jovens nas escolas (PRATES, 2014).

As culturas juvenis representam modos de vida específicos e práticas cotidianas que expressam um conjunto de significados compartilhados, um conjunto de símbolos específicos que sinalizam o pertencimento a um determinado grupo. São as linguagens e seus usos particulares, os rituais e os eventos por meio dos quais a vida adquire, para eles, um sentido. Essa diversidade também é dada pelo contexto de origem social e das condições concretas de vida nas quais os jovens são socializados (DAYRELL, 2008, p. 187).

Portanto, o período denominado juventude não se caracteriza apenas por ser uma fase da vida; mas, ao contrário é um momento singular e complexo da realidade vivenciada por sujeitos na sociedade. Sousa (2014, p. 61) reitera que a juventude é objetivamente heterogênea justamente porque existem juventudes socialmente diferentes e desiguais.

O termo Juventude, segundo Fischer (2012, p. 397), é usado desde os anos 50, oscilando como uma fase simples da vida, de descobertas e otimismo a uma força social renovadora, para além de uma etapa cronológica, de um tempo de quase irresponsabilidade e dependência, um momento de constituição de um modo de existência próprio. O jovem, como protagonista, é criador e agente de transformação das formas de vida das quais faz parte, em diferentes ambientes sociais, econômicos e culturais.

Prates (2014) traz uma retrospectiva das décadas de 60 e 80, destacando aspectos significativos que contribuíram na construção de diferentes estilos e modos de ser jovem. A década de 60 foi marcada por um protagonismo juvenil perante as questões sociais e políticas da época, marcada pelos efeitos da ditadura militar, sendo eles ativos nos protestos e manifestações, opondo-se ao regime autoritário e questionando normas e padrões socialmente aceitos e naturalizados. Já, na década de 80, com o advento da democracia e da perspectiva de transformações sociais, os jovens manifestaram ações de paralisação, dependência à família e dificuldades de inserção social, num contexto de crise econômica e social. Havia um relativo incentivo ao protagonismo social exercido pelos jovens nesse período, porém, com traços de individualismo e falta de perspectivas e construção de projetos de vida. Nesse período, foram criadas políticas públicas voltadas para a juventude, reforçando a importância de seu protagonismo, principalmente colocada nas classes populares, criando espaços de interlocução e exercício de cidadania (PRATES, 2014).

Diante das profundas mudanças ocorridas na contemporaneidade, se produz uma série de deslocamentos e alterações no que denominamos juventude. Trata-se de um conceito complexo e cambiante que emerge no processo de constituição da modernidade, cujo projeto procurou solidificar determinadas formas de constituição de sujeitos, inclusive juvenis e que agora nos desafia a pensar de outra maneira. (PRATES, 2014, p.8-9)

A sociedade contemporânea encara a adolescência como uma fase biológica própria, com sentido em si mesmo e não mais como uma etapa de transição para a vida adulta. Essa fase tem iniciado cada vez mais cedo com a precocidade da puberdade e se estendido, com o adiamento dos processos de independência dos jovens, que permanecem mais tempo na casa dos pais, com extensão da escolarização e dificuldades de inserção no mundo do trabalho. No entanto, o processo de juvenilização tem sido evidente e, portanto, os jovens são, ao mesmo

tempo, protagonistas e coadjuvantes de profundas mudanças societárias, considerando principalmente aquelas produzidas pelas revoluções infotecnológicas.

As novas gerações de nossos jovens alunos se mostram fortemente imersas na trama das interações midiáticas, se constituindo *sujeitos em midiatização* (SOUZA, 2014, p. 59), acessando tecnologias de rede e ampliando suas relações sociais a partir dos processos promovidos por estas.

As redes sociais possibilitam, entre outras atividades, a comunicação e a exposição instantânea do indivíduo, caracterizados tanto por perfis virtuais como por acentuado compartilhamento de sua intimidade. Esse contexto converteu-se em ponto de encontro para os jovens, possibilitando a criação de novas condutas sociais e de uma cultura específica, caracterizada pela velocidade acelerada do fluxo de informações. A juventude, então, aprendeu a se expressar por meio de várias ferramentas multimídia, estabelecendo uma teia de conexões cada vez maior, onde podem postar fotos, expressões escritas e vídeos, num ambiente profundamente relacional e ao mesmo tempo privado. Essa nova realidade, fortalecida pela internet e pelas redes sociais, faz suscitar problemáticas distintas nas relações humanas, desafios que afetam diretamente adolescentes e jovens.

Os avanços das tecnologias da informação e da comunicação acarretaram mudanças revolucionárias, afetando a constituição da identidade dos sujeitos, em especial dos jovens. Costa (2005) ressalta o caráter provisório das identidades em que a cultura pós-moderna, predominantemente midiática, tem alterado as diversas relações sociais, ao ter no mercado uma grande força de controle. As influências sobre o jovem contemporâneo são múltiplas e ainda não são conhecidas e compreendidas por muitos. Pode-se dizer que “ainda não refletimos de forma suficientemente imaginativa sobre como lidar com tais estudantes na escola, e continuamos nos comportando como se essa juventude, e também uma nova infância, não existissem, não estivessem lá” (COSTA, 2005, p. 5).

A cultura da imagem é vivenciada pelos jovens, afetando a constituição de suas subjetividades e de suas relações sociais. A internet ganhou uma inserção privilegiada no dia-a-dia das pessoas, afetando as formas de se relacionar e de conceber a vida em sociedade em praticamente todas as instâncias. Na escola, os impactos são grandes e se faz importante aprofundar suas causas e os tipos de mudanças decorrentes nos processos de ensino e de aprendizagem e na concepção de conhecimento.

A atuação das mídias nos processos de constituição das próprias categorias de adolescência e juventude, o crescimento das pesquisas comprometidas com a escuta de jovens e interessados a aprender como os jovens vivem e elaboram suas situações de vida, o que os

jovens gostam de ler e ver durante os intervalos de aula (e durante as aulas!!) e o que fazem no seu tempo livre, sinalizam um grande interesse e foco em compreender as juventudes, que tanto reproduzem práticas sociais quanto criam possibilidades de agenciamento. (FISCHER, 2002).

Esse lugar ocupado na Contemporaneidade, acoplado a novos sentidos e significações, suscita um apelo de mercado veiculado pelas mídias, que alimenta o comportamento consumista que valoriza, dentre outros, o corpo e o comportamento jovem.

a vida adulta perdeu o poder de sedução que tinha anteriormente – não é mais, para muitos jovens, um lugar desejado de chegada; pelo contrário, como escrevem muitos autores, o que ocorre é o contrário: o lugar da juventude é o grande ponto de chegada, o próprio lugar que seduz e que interpela não só a criança (que anseia se tornar rapidamente adolescente) como o adulto (capaz de realizar todas as operações possíveis em seu corpo para se manter belo e juvenil). (FISCHER, 2002, p. 402)

As identidades juvenis se constituem com grandes potenciais e habilidades comunicacionais, realizando várias tarefas ao mesmo tempo, caracterizadas pela rapidez e fluidez da Contemporaneidade e pelo vazio de sentidos, que são reflexos desse contexto. Por mais que estejam quase que permanentemente conectados uns aos outros, numa pretensa onipresença, cada vez mais os jovens estão sozinhos em seus computadores ou celulares ou em qualquer outro meio de acesso digital.

Fischer (2012, p. 410) alerta para a necessidade de “avançar em novas investigações sobre os modos de entretenimento, lazer e estudo dos jovens, em direta conexão com as múltiplas formas de comunicação e inclusive de leitura de nossos dias”. A autora destaca que há que se tomar cuidado para não dicotomizar, não separar, nem fazer juízo de valor quanto ao fato do retraimento dos jovens para dentro de casa e tantas horas conectados à internet. Eles também saem e buscam novos relacionamentos de corpo presente, sendo importante voltar um olhar às novas complexidades sociais e às novas maneiras de usar o tempo pelos mais jovens.

Nas palavras de Dayrell (2006, p.295-296),

A existência das redes de sociabilidade configura a formação de interdependências, de alianças, de laços de solidariedade, de espaços de lazer e de encontro, e possibilita trocas de experiências entre eles, respondendo as suas necessidades de comunicação, de solidariedade, de democracia, de autonomia, de afetividade e, principalmente, de construção e afirmação identitária. Nesse sentido, pode-se entender os grupos culturais como produtores de sociabilidades.

Os novos espaços de aprendizagem, como os oportunizados pelas mídias digitais, geram um novo tipo de pertencimento para as novas gerações, trazendo uma necessidade de acesso a um aparato tecnológico que responda a essa possibilidade. Tal situação se relaciona diretamente à possibilidade de inserção ou exclusão social, beneficiando o mercado de arsenais

tecnológicos. Muito se fala em popularização desses instrumentos infotecnológicos por meio de financiamentos e facilidade de aquisição, porém, sabe-se que, apesar disso ser favorável a vários, muitos ficarão excluídos desse processo, o que também gera consequências sociais e culturais.

Identifica-se uma profunda alteração nos modos de existência contemporâneos, em que as práticas cotidianas (também da escola) se transformam no que se refere às nossas experiências com os saberes, às trocas com os outros, às formas de inscrever-se no social, de escrever, falar, de pensar o mundo e a nós mesmos (FISCHER, 2007).

Sousa (2014) aprofunda a discussão a respeito das novas percepções de espaço e tempo dos jovens contemporâneos desencadeadas a partir dos novos modos de inserção social, em especial pelo processo de midiatização:

Os jovens ensaiam novos modos de ser, de se expressar e se relacionar, impactando diretamente na sua relação com as instituições tradicionais (família, escola, igreja, Estado) que até então detinham a função de demarcar o espaço e o tempo, e legitimavam as relações cotidianas neles situadas. Portanto, os jovens estão mais expostos ao excesso e à diversidade de informações: velocidade de acesso aos fatos; imediatez de imagens e dados; os novos modos de viver a intimidade, a moral e a vida privada; outras formas de compreender e vivenciar as diferenças; e, por fim, a crescente miscigenação de linguagens de diferentes meios (cinema, televisão, jornais, fotografia, livros, publicidade, computador). Estes elementos compõem a recente “ambiência” na qual os jovens tendem a sentir-se cada vez mais familiarizados, produzindo valores, opiniões, aprendizagens e comportamentos. Esse contexto tem impactos sobre as relações dos jovens com as instituições e sobre seus modos de ser e se posicionar diante do mundo, em nosso caso específico, na relação e nos sentidos da escola. (SOUSA, 2014, p. 63)

A midiatização da cultura contemporânea implica em novas formas de organização, visibilidade e presença no mundo dos indivíduos e das instituições sociais, com novos modos de relações entre eles. Para estas instituições, há um novo padrão de condutas e comportamentos, com mudanças significativas e que orientam novas formas de interação social, trazendo impactos no modo como as pessoas interagem entre si, aprendem e se relacionam com o mundo (SOUSA, 2014).

A midiatização, mais que oferecer novos aparatos tecnológicos, trata-se de um processo de “transmissão” que tem alterado o modo de conceber a comunicação humana, com combinações múltiplas no contexto cultural, influenciando diretamente as relações entre os indivíduos e as instituições, interferindo diretamente na constituição das identidades, dos vínculos sociais e dos sentidos (SOUSA, 2014).

Como expõe Sousa (2014, p. 70),

A potencialidade desses aparatos (TV digital, notebook, celular, iPhone etc.) se concentra no poder de interferir não apenas nas relações do indivíduo com a realidade, mas do indivíduo consigo mesmo, pelas múltiplas possibilidades abertas, pelas conexões interpessoais rápidas e amplas, pela mudança que operam na percepção do tempo e espaço ordinários. A midiatização afeta tanto os sujeitos quanto as sociedades que eles configuram com suas conexões.

Como discute Fischer (2006), os jovens são atores sociais que trazem consigo os sintomas da produção de uma nova ordem cultural que problematiza os modos de “ser sujeitos”.

A linguagem midiática, nesse aspecto, exerce grande influência na formação dos jovens, em seus hábitos, sentidos e valores, provocando mudanças que geram novos interesses que afetam, por sua vez, a mídia. Sousa (2014, p.75) afirma que “o que temos então é uma ‘afetação’ de mão dupla entre a linguagem midiática e a linguagem cotidiana dos jovens”.

Ou seja, os jovens como consumidores e como produtores de mídia, em que as tecnologias de informação e comunicação favorecem para que participem efetivamente da midiatização da cultura contemporânea. No entanto, como já fora indicado anteriormente, é importante referendar que assim como há a facilidade de acesso a muitos, outros tantos jovens não apresentam tal condição, provocando um processo de exclusão juvenil no contexto da cultura midiática (SOUSA, 2014).

Muitas consequências são advindas do excesso de informações, da rapidez de seu processamento, da superexposição a imagens midiáticas de várias intencionalidades, acarretando novos modos de viver e de conceber as relações, os vínculos e os papéis sociais. Se faz urgente, pois, incluir aspectos relacionados às mídias nos debates sobre didática e práticas de ensino, além de discutir suas relações com o social e o cultural e as possibilidades decorrentes do embate entre tecnologias midiáticas e práticas pedagógicas em nosso país.

Nesse ponto, insere-se um papel fundamental da escola, ao propor leitura e análise do contexto e do papel da cultura nos processos de aprendizagem, alertando para as estratégias de mercado voltadas para o consumismo, com elevados níveis de sedução, predominantemente ao público jovem.

Fischer (2007, p.293) enfatiza,

É impossível pensar as relações entre mídia e educação sem pensar em lutas de poder, em estratégias de controle globalizadas, em batalhas pelo controle das grandes redes de comunicação e, ao mesmo tempo, em lutas de grupos e indivíduos para terem acesso e participação quanto à informação e ao direito de voz e expressão.

As novas tecnologias e os saberes construídos historicamente têm levado a transformações culturais e sociológicas de grande relevância, apontando para uma urgente e necessária rediscussão e reorganização das práticas pedagógicas em todos os níveis de Ensino

no Brasil, já que a aprendizagem não se restringe à escola, ocorrendo em diferentes espaços sociais regulados pela cultura, ou seja, espaços culturais como espaços de aprendizagem (ANDRADE, 2015). A influência da mídia e dos vários espaços culturais tem provocado aprendizagens em níveis significativos na constituição da identidade dos sujeitos, nas percepções sobre o outro e sobre o mundo, tendo a escola por função, estabelecer diálogo e análise crítica sobre os discursos que circulam, além de sinalizar outras visões de mundo.

Necessário se faz, então, problematizar os modos de produção e circulação de sentidos, a respeito das concepções de vida pública e de vida privada, e da constituição de si e do outro, com olhares para a Educação (FISCHER, 2008). Por exemplo, a superexposição da imagem e do corpo revelam mudanças profundas nas concepções de público e privado, caracterizando a não valorização do que é público e uma idealização da ordem do privado. Nessa esfera, as questões éticas sinalizam especial atenção, em que o julgamento e a falta de respeito ao outro, ao espaço e especificidades do outro, torna-se algo banal e inconsequente.

Costa (2004, *apud* Fischer, 2008) sinaliza que nossa sociedade estaria promovendo, com o apoio fundamental dos meios de comunicação, personalidades narcisistas, hedonistas, para as quais cuidar de si significaria obter todo tipo de satisfação sensorial, que passa pelo julgamento da aparência física, dos modos de vestir, dos lugares que se frequenta, das pessoas com quem anda.

Portanto, destaca-se a importância de aprofundar como se alteram em nosso tempo a forma desses jovens se relacionarem com o tempo e a história, com as memórias de si mesmos. Como os meios de comunicação constroem uma suposta alteridade juvenil? Tratando-se de Educação, como tratar o histórico nas diferentes áreas do conhecimento? Que modos de contar e ouvir histórias as crianças e jovens de nosso tempo experimentam? Como isso aparece nas facilidades e dificuldades vividas em sala de aula? Que impaciências ou que desejos de saber esses sujeitos mostram? Como essas manifestações aparecem no cotidiano do trabalho pedagógico escolar? (FISCHER, 2007).

É claro que não pretendo aqui discutir todas estas questões, mas elas foram mobilizadas a partir do referencial teórico estudado. A organização desse capítulo que foi dividido em três seções, que estão diretamente articuladas, tem como principal objetivo compreender a sociedade contemporânea que é altamente complexa na sua interface com a constituição dos jovens. A partir das discussões realizadas até aqui – que serviram como pano de fundo – na próxima seção discutirei sobre os processos de escolarização na Contemporaneidade.

### 3.3 Processos de escolarização: descompassos na formação dos sujeitos da educação

Ao analisar as características do jovem de Ensino Médio e o papel da escola no contexto da Contemporaneidade, referencio Jorge Larrosa Bondía (2002) que nos convida a refletir sobre a educação a partir da experiência e o saber de experiência, tratando por experiência “aquilo que ‘nos passa’, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma” (BONDÍA, 2002, p. 21).

Muitos desafios se revelam a partir da fluidez dos processos, das novas temporalidades e espaços móveis. Mudanças nas formas de se relacionar consigo mesmo e com o outro delegam à escola uma função crucial que é a de repensar o sentido e os alcances das novas tecnologias e o acesso a tantas informações, na maioria das vezes, descoladas de um significado na vida dos sujeitos juvenis. A sociedade da informação valoriza os recursos de fácil acesso a múltiplas e variadas fontes de informação, a muitos canais e veículos de disseminação desta, sem, no entanto, ter tempo ou preocupação em se aprofundar e buscar um sentido na mesma. Muitos cometem o equívoco de conceber a informação como conhecimento, acreditando que se constitui como forma de aprendizagem, bastando dominá-la para emitir opiniões convictas. Outro aspecto se refere à velocidade da informação, extremamente rápida e volátil, que impede aprofundamento e busca de um saber significativo, em que a aceleração dos processos instaura um ritmo frenético de trabalho, sendo a experiência cada vez mais rara.

Bondía (2002, p. 24) aprofunda o sentido de experiência, ao afirmar que:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

A experiência dos sujeitos está na capacidade de se transformar, está na possibilidade de que a vida se revele no sentido e significado de ser, portanto, se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana (BONDÍA, 2002).

Mas, qual a relação da escola com a experiência explicitada por Bondía? A experiência dá sentido à educação na medida em que se propõe à transformação do mundo, do outro e de si mesmo. No entanto, muito se tem criticado a escola e o sistema estabelecido por ela, no tocante a sua inadequação ao tempo presente, com indicação e necessidade de se reinventar. Muitas das críticas e problemas indicados se relacionam ao currículo escolar, que apresenta uma forte

tendência de não conexão com a realidade dos sujeitos da educação, tendo se tornado desinteressante e desmotivador, contribuindo com as desigualdades sociais.

Masschelein e Simons, em seu livro *Em defesa da escola – uma questão pública*, discutem a respeito do cuidado da escola em dar ênfase a um aspecto funcional, com movimentos centrados no aluno, revelando esforço para desenvolver seus talentos e prepará-los para o mercado de trabalho, otimizando o desempenho de aprendizagem individual. Esse desempenho tem ganhado crescente valorização a partir do apoio por meio de avaliações de larga escala realizadas periodicamente.

Os autores ressaltam que “o mais importante ato que a ‘escola faz’ diz respeito à suspensão de uma chamada ordem desigual natural” (MASSCHELEIN; SIMONS, 2017, p. 26), ao enfatizar que o escolar se refere à democratização do tempo livre e ao direito igualitário de acesso a todos os cidadãos, sem distinção.

Masschelein e Simons (2017, p.29) ainda enfatizam que

A escola oferece o formato (ou seja, a composição particular de tempo, espaço e matéria, que compõe o escolar) para o tempo feito livre, e aqueles que nele habitam literalmente transcendem a ordem social (econômica e política) e suas posições (desiguais) associadas.

Deve-se atentar aos aspectos que visam tornar a escola um ambiente de produtividade e investimento, em detrimento do tempo aqui chamado livre (MASSCHELEIN; SIMONS, 2017), com a possibilidade de criar e pensar de forma diferente daquela difundida social e culturalmente. A ação propiciada pela escola leva os jovens a um processo de reflexão sobre si mesmos e sobre o mundo, provocando um despertar para o presente, se caracterizando como um espaço e um tempo de novas possibilidades e liberdade.

Há que se ter o cuidado de aproximar a escola do mundo do jovem contemporâneo, sem perder sua essencialidade, ou seja, sua função nos processos de ensino e de aprendizagem, ou seja, considerar o tempo presente não pressupõe uma simples “adequação” ao tempo. No contexto da Modernidade Líquida, em que muitas coisas são fugazes, instantâneas e motivadas pelo e para o consumismo, é necessário reforçar o que é inegociável na educação de nossas crianças e jovens. A que deve servir efetivamente a escola? O conhecimento trabalhado precisa ser significativo aos sujeitos envolvidos, tanto para os professores como para os estudantes. Ao ser significativo ao professor, este se revela, se expõe e mostra o sentido da experiência trazida por meio desse conhecimento, traduzindo os desejos, as aspirações e sua concepção de mundo, pessoa e sociedade. Isso traz sentido a quem se relaciona com ele, no caso mais direto no

contexto escolar, o estudante, provocando inserções pessoais e coletivas, questionamentos, redimensionando o conhecimento envolvido e dando novos sentidos a ele.

Os currículos escolares revelam avanços na incorporação de saberes científicos e tecnológicos, porém, revelam-se ainda com menor densidade de experiências sociais nos mesmos, tanto na Educação Básica como na formação de docentes. Dessa forma, não estão valorizadas as experiências sociais nem as tensões postas na sociedade. Os currículos, sua organização, estruturação e níveis de hierarquização dos conhecimentos, fazem parte das relações, experiências, interesses e tensões sociais. O conhecimento e a seleção de conteúdos curriculares não são neutros; eles revelam a relação de poder e de ausência de vários sujeitos sociais que “não interessam” politicamente e economicamente à sociedade. Miguel Arroyo enfatiza, “o currículo, portanto, é território de disputa dos sujeitos da ação educativa” (2011, p.123).

Faz-se, então, urgente instaurar um novo estilo de relacionamento das instituições educacionais com a sociedade em geral, considerando uma visão global de Escola, percebendo a teia de relações entre os vários integrantes do contexto educacional. Sabe-se que este é um processo longo, com muitas resistências e divergências. Arroyo expõe que “ainda há conhecimentos e produção cultural que não têm vez no território dos currículos” (2011, p.1). Na sociedade, nas escolas, nas políticas e diretrizes curriculares, há disputa por conhecimentos e manifestações culturais. Ainda há interesses em silenciar os sujeitos sociais, pois a produção do conhecimento é pensada com distanciamento da experiência e do real vivido. A Escola precisa ser compreendida como um espaço de formação de cidadania, que só ocorrerá a partir de uma prática pedagógica reflexiva, que promova sensibilidade, criticidade e autonomia dos atores sociais envolvidos.

Por exemplo, o conhecimento sobre materiais audiovisuais e operacionalização nos meios digitais tem sido fundamental na formação dos professores e demais educadores que se propõem a trabalhar no Ensino Básico ou no Ensino Superior. No entanto, somente a técnica ou operacionalização de equipamentos não acarretará a necessária transformação dos processos de ensino e de aprendizagem que dialoguem com as profundas mudanças do jeito de ser e conceber a aprendizagem na Contemporaneidade. É necessário repensar as bases epistemológicas que alicerçam o currículo e as práticas pedagógicas. A discussão sobre o contexto da Contemporaneidade, sobre a concepção de conhecimento e da Ciência com a qual se trabalha, atrelada a formas diferenciadas de comunicação e busca de novas e diversificadas estratégias metodológicas, são fundamentais para endereçar caminhos que respondam a tais demandas analisadas.

Ampliar o conhecimento dos sujeitos da Educação sobre artes, linguagens, cinema, vídeos, música, dentre outros, será enriquecedor na (re)invenção das práticas pedagógicas, pois esses estão presentes na mídia e no cotidiano de nossos estudantes. O exercício da criatividade e do senso crítico demandam apropriações pela escola que aproximem os estudantes e favoreçam maior inserção e estabelecimento de relações que norteiem leituras complementares ou opostas àquelas obtidas mais comumente pelos veículos de comunicação e informação.

A cultura escolar, no entanto, continua referenciando a normatização e a homogeneização, como pontua Severo:

O que se observa, no entanto, é que a cultura escolar ainda continua referendando a normatização, a organização fragmentada e descontextualizada de programas curriculares formalizados com uma proposta educativa homogeneizante. Desconsidera o jovem em sua especificidade e diversidade de gênero, etnia, cultura, de orientação sexual, dentre outras expressões, manifestadas pela condição juvenil. A escola parece ainda apresentar dificuldades para compreender o currículo como uma construção cultural. (SEVERO, 2014, p. 177)

É necessário romper com o ocultamento nos currículos escolares em relação às culturas juvenis, pois a escola, como um dos espaços de sociabilidade juvenil que congrega e educa os jovens, não pode mais se restringir unicamente aos seus próprios valores. Muitas vezes, ela não reconhece os diferentes espaços sociais e culturais por onde os jovens circulam e elaboram, e desenvolvem e aprendem outros valores, hábitos, visões de mundo e saberes que, de alguma forma, se tornam elementos constituidores de identidades. (*Idem*, p.177-178)

O conhecimento e a aprendizagem significativa relacionam um sentido de pertencimento, à medida que desperta interesse nos estudantes e nesse aspecto cabe à escola estimular a ponte que pode abrir esse caminho. Ao provocar a curiosidade e instigar o convite ao conhecer, ao despertar da reflexão, o sentido do ato de estudar se instaura e favorece a busca de estratégias e meios de acessar o conhecimento e aprofundá-lo.

Masschelein e Simons (2017) tratam a questão da motivação como “uma espécie de caso pessoal, mental” e o interesse como “algo fora de nós mesmos, algo que nos toca e nos leva a estudar, pensar e praticar” (p. 52). A escola pode oferecer processos que despertem o interesse dos sujeitos, atingindo um nível de significação que perpassa aspectos específicos do indivíduo, traduzindo-se em interação e compartilhamento com o outro e com o coletivo.

Nesse aspecto, os processos metodológicos desenvolvidos ou pretendidos pela escola e o papel do professor na mediação deles têm se mostrado como um grande desafio no contexto atual para a educação. Espera-se que o professor consiga desenvolver essa aproximação significativa do conhecimento com os estudantes, a partir do desenvolvimento de práticas pedagógicas que favoreçam essa conexão.

Andrade (2008) defende a emergência destes novos sujeitos que chegam às nossas escolas de Educação Básica, enunciando

A importância, a necessidade e a emergência de olhar, investigar e analisar esta juventude que aí está – a juventude pós-moderna –, com outros e diferentes olhares. Olhares atentos para suas necessidades e experiências que são de outra ordem, distante daquela em que nos acostumamos a pensa-la, pois os/as jovens contemporâneos são filhos e filhas de um novo tempo histórico que recebe, talvez mesmo por sua novidade, múltiplas denominações: globalizado, líquido, pós-moderno, modernidade tardia etc. (ANDRADE, 2008, p.79)

Essa dissertação se propõe a colaborar nesse sentido, ao buscar aprofundar o estudo da complexidade do jovem contemporâneo, em suas novas relações com o tempo/espço, com o conhecimento e com a aprendizagem. A pesquisa realizada considera também a escuta e o contato mais próximo com questões próprias do processo pedagógico desses jovens, a fim de favorecer a busca de pressupostos norteadores que colaborem na (re)invenção das práticas pedagógicas pela escola. Parto do pressuposto de que temos ouvido pouco os jovens, de modo que é preciso perguntar-se: em que momentos se consegue efetivamente colher informações e conhecer sobre e como pensar e sentem nossos jovens, tanto em relação às questões pedagógicas como questões de ordem emocional, cultural e social?

## **CAPÍTULO 4 – CONVERSANDO SOBRE A ESCOLA COM ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO**

Esse capítulo tratará sobre a pesquisa realizada com estudantes do Ensino Médio do Colégio Medianeira, sendo organizado em três seções. A primeira seção envolverá a descrição das temáticas abordadas; a segunda seção trará a descrição dos encontros do grupo focal; e a terceira seção focará na análise dos dados coletados por meio do questionário com exposição de gráficos e na análise das discussões ocorridas em cada encontro do grupo focal (considerando e sinalizando cada temática escolhida). A discussão envolvendo os referenciais teóricos que dialogam com as temáticas pesquisadas foi contemplada no Capítulo 3.

### **4.1 As temáticas escolhidas e os instrumentos de pesquisa**

Como indicado no capítulo 2, relativo aos caminhos metodológicos, nesse trabalho foram utilizados o questionário e o grupo focal como instrumentos de pesquisa. O questionário (apêndice A) foi aplicado com 158 estudantes das três séries do Ensino Médio (EM) em 2017, contendo dezessete questões, sendo as nove primeiras de múltipla escolha e as demais abertas, com enfoque em três temáticas, que posteriormente foram aprofundadas nos cinco encontros que foram realizados com o grupo focal. Retomamos as temáticas abaixo:

Temática 1 – Relação e percepções dos estudantes de EM sobre a escola, envolvendo as seguintes perguntas do questionário<sup>2</sup>: n.º 2 (“assinale a opção que mais revela sua relação com a escola”), n.º 3 (“assinale a opção que mais se relaciona com sua percepção sobre a Escola”), n.º 6 (“qual o grande mérito que você confere à Escola hoje?”), n.º 7 (“quais os principais problemas que você sinaliza com relação à escola”) e n.º 14 (“você considera que a escola responde ou prepara para responder às demandas da juventude hoje? Por quê?”).

Temática 2 – Como o jovem de EM aprende no contexto atual: aulas, métodos e abordagens (relação ensino e aprendizagem), a partir das seguintes perguntas do questionário: n.º 4 (“em que tipos de aulas você mais aprende?”), n.º 5 (“que tipo de aula mais te motiva a manter-se atento e querer aprender mais?”), n.º 10 (“de que forma você aprende melhor? Em que lugares ou situações?”), n.º 11 (“como você organiza o seu tempo para estudar?”), n.º 15

---

<sup>2</sup> Questionário no Apêndice A.

(“que métodos de ensino têm sido eficazes para o seu processo de aprender na escola?”), n.º 16 (“que métodos utiliza para estudar fora do ambiente escolar?”), e n.º 17 (“Esses métodos usados na escola e fora dela se complementam ou se relacionam? De que maneira?”).

Temática 3 – O uso do tempo pelos jovens de EM e a relação com a internet e a aprendizagem, com referência às seguintes perguntas do questionário: n.º 1 (“assinale a opção que mais se relaciona com seu dia-a-dia”), n.º 8 (“sua busca pela internet está mais relacionada”), n.º 9 (“o uso da internet como recurso pedagógico que você faz na escola ou em casa se relaciona mais com”), n.º 12 (“que atividades você realiza durante a semana?”), e n.º 13 (“quais são suas prioridades? Como você usa seu tempo? O que faz quando não está no colégio?”).

O grupo focal foi constituído por 12 estudantes do EM, sendo quatro de cada série, tomando como referência os estudantes que estavam respectivamente na 1ª, 2ª e 3ª séries em 2017. Foram realizados cinco encontros no decorrer do 1º semestre de 2018, com o objetivo de aprofundar as várias temáticas e dimensões já exploradas no questionário, no sentido de maior refinamento analítico.

#### **4.2 Descrevendo os encontros do grupo focal...**

O 1º encontro focou na primeira temática (relação e percepções dos estudantes de EM sobre a escola) e teve por objetivo aprofundar as preferências sobre o uso do tempo pelo jovem na contemporaneidade e como ele é utilizado para os processos escolares, na relação com o conhecimento e com a aprendizagem. Foram utilizados dois recursos disparadores, pelo *mentimeter* ([www.menti.com](http://www.menti.com)): o primeiro se deu por meio da solicitação para que os estudantes escrevessem em seus celulares (acessando o *mentimeter*), três palavras que expressassem o significado de ESCOLA para eles. As palavras foram projetadas ao mesmo tempo em que os estudantes as escreviam e com a projeção de todas, procedeu-se à discussão. Em seguida, foi dado o segundo disparador, solicitando aos estudantes que respondessem à questão abaixo, utilizando o mesmo recurso (*mentimeter*), obtendo-se um gráfico que indicava quais respostas foram assinaladas e a quantidade de cada alternativa marcada. A partir destes disparadores, a conversa com o grupo fluiu e buscou-se aprofundar a temática proposta para esse encontro.

“No meu dia-a-dia dedico grande parte do meu tempo para? ”

- a) ler e estudar
- b) acessar sites de pesquisa sobre assuntos de meu interesse pessoal
- c) acessar sites para divertimento e entretenimento

- d) me relacionar por meio das mídias sociais
- e) praticar esporte/atividade física

O 2º encontro do grupo focal também abordou a primeira temática e teve como objetivo aprofundar aspectos da relação e das percepções dos estudantes de Ensino Médio do Colégio Medianeira sobre a escola. Utilizou-se como disparador para esse encontro a projeção das respostas dadas pelos estudantes no questionário, envolvendo as questões referentes à relação dos estudantes com ela (n.º 2), à percepção destes sobre a escola (n.º 3), ao seu mérito (n.º 6), aos principais problemas relativos a ela (n.º 7) e se ela responde ou prepara para responder às demandas da juventude hoje (n.º 14). As respostas das questões objetivas, de múltipla escolha, foram apresentadas em forma de gráfico, sendo projetadas durante todo o encontro. O grupo foi dividido em três subgrupos, com a finalidade de discutir os resultados trazidos por cada gráfico e se posicionar frente a estes. As conversas realizadas nos subgrupos foram gravadas pelos próprios estudantes, sendo todas repassadas no final de cada encontro. Posteriormente, foi realizada uma roda de conversa com todos juntos, buscando-se compartilhar e aprofundar a análise realizada por cada subgrupo.

O 3º encontro pretendeu discutir a segunda temática, que tratava da relação ensino e aprendizagem, buscando aprofundar como o jovem de Ensino Médio aprende no contexto atual: aulas, métodos e abordagens. Para isso, projetou-se as respostas das perguntas do questionário relacionadas a essa temática (novamente as de múltipla escolha foram apresentadas na forma de gráficos), contemplando: em que tipos de aulas o jovem de EM mais aprende (n.º 4), em que tipo de aula o estudante se motiva mais a manter-se atento e querer aprender mais (n.º 5), de que forma eles aprendem melhor, em que lugares ou situações (n.º 10), como organizam o tempo para estudar (n.º 11), que métodos de ensino têm sido eficazes para o seu processo de aprender na escola (n.º 15), que métodos utiliza para estudar fora do ambiente escolar (n.º 16) e se esses métodos usados na escola e fora dela se complementam ou se relacionam (n.º 17). Seguiu-se o mesmo encaminhamento do encontro anterior, tendo o grupo se dividido em subgrupos, objetivando-se maior espaço de diálogo, troca e participação de todos na discussão, com registro de áudio em cada um deles. O encontro finalizou com a roda de conversa com todos juntos.

O 4º encontro pretendeu abordar a terceira temática que visava discutir o uso do tempo pelos jovens de EM e a relação com a internet e a aprendizagem. Algumas perguntas do questionário foram referendadas e suas respostas explicitadas para todos, seguindo o mesmo encaminhamento dos encontros anteriores, utilizando e projetando gráficos para as questões de

múltipla escolha e realizando a discussão nos subgrupos, que também foi gravada pelos próprios estudantes. As questões que foram aprofundadas nesse encontro foram as seguintes: indicativo de situações que mais se relacionam com o dia-a-dia de cada um (n.º 1), motivos da busca dos estudantes pela internet (n.º 8), formas usadas por eles sobre o uso da internet como recurso pedagógico tanto na escola como em casa (n.º 9), que atividades realizam durante a semana (n.º 12) e quais suas prioridades, como usam o tempo e o que fazem quando não estão no colégio (n.º 13). A finalização do encontro se deu com todos, na roda de conversa.

O 5º e último encontro visou dar um fechamento às discussões, por meio de uma roda de conversa com todos do grupo. Foi feita uma retomada sobre as temáticas discutidas nos encontros anteriores, buscando realizar uma síntese e instigando-os a contribuir com ideias e sugestões à Escola, partindo-se das análises e críticas realizadas. Após a conversa e discussão na roda, pediu-se que cada um produzisse um texto que contemplasse essa análise e sugestões.

#### **4.3 Análise e discussão dos dados trabalhados nos encontros do grupo focal**

Nesta seção, farei a análise dos dados trabalhados em cada encontro do grupo focal. Conforme já mencionado, os dois primeiros encontros foram destinados a discutir e aprofundar a primeira temática proposta nesta pesquisa (relação e percepções dos estudantes de EM sobre a escola). O 1º encontro se dedicou mais à conversa gerada a partir de dois disparadores utilizados para provocar a conversa sobre o papel da Escola, uso do tempo pelos jovens e as relações e percepções dos estudantes de EM a respeito da Escola. O 2º encontro envolveu a análise dos resultados de cinco perguntas do questionário relacionadas a esta temática, que foram as questões n.º 2, 3, 6, 7 e 14 (já anunciadas anteriormente)<sup>3</sup>.

O 1º encontro do grupo focal buscou iniciar o aprofundamento da primeira temática – a relação e as percepções dos estudantes de EM sobre a escola, usando os recursos oferecidos pelo *mentimeter*, conforme descrito anteriormente. Portanto, cada estudante indicou três palavras que expressavam o significado de ESCOLA para ele. Por meio do celular, puderam acessar o link indicado do *mentimeter* e digitaram três palavras, que foram projetadas para todos, à medida que cada um escrevia, compondo a figura abaixo:

---

<sup>3</sup> As nove questões de múltipla escolha continham cinco alternativas e mais um campo escrito “outros”, em que os estudantes podiam indicar duas ou mais alternativas, nos casos em que concordassem com mais de uma proposição. Alguns estudantes usaram esse campo para escrever outras possibilidades diferentes das colocadas nas cinco alternativas, sendo indicado por “outros” nos gráficos relacionados a cada questão. Os percentuais indicados em cada alternativa nos gráficos apresentados já contemplam os indicativos deste campo, além daqueles que assinalaram somente uma alternativa.

Figura 2 – Palavras-chave com Mentimeter



As palavras mais centralizadas e maiores tiveram maior repetição e foi feita uma discussão e análise do sentido delas em relação à concepção que possuíam sobre a Escola. Amizade, união e convivência chamaram a atenção na projeção e na discussão do grupo, reforçando a importância das relações entre os estudantes, destes com seus professores, além da oportunidade de se conhecerem e estabelecerem vínculos significativos de amizade e respeito ao outro e à diversidade. Indicaram o amadurecimento, a construção de autonomia e a responsabilidade, além da dedicação, esforço e comprometimento que ela gera, como aspectos muito relevantes na formação realizada pelo colégio.

“É aqui que a gente aprende a se relacionar, então, a gente vai ter amizades, mas a gente também vai aprender a conviver com pessoas que, enfim, a gente não se dá bem. Acho que na vida é assim, vamos ter que conviver com pessoas que às vezes a gente não se dá bem. É um aprendizado tanto acadêmico quanto pessoal.” (Estudante codinome Arraia)<sup>5</sup>

“A palavra aprendizado às vezes remete muito a aprender coisas dentro da sala de aula, mas a gente também aprende a ser seres humanos melhores, aprende a convivência, aprende várias coisas, como a base humana de formação que a gente precisa para a vida inteira. É por isso que o primeiro ensino é o fundamental, porque a gente vai precisar para usar a vida inteira.” (Estudante codinome Peixe Lua)

<sup>4</sup> A transcrição das falas dos estudantes do grupo focal que aqui serão expostas foram adequadas em sua gramática e ortografia, para favorecer a compreensão do sentido da frase e a análise realizada.

<sup>5</sup> Por questões éticas, os estudantes que compuseram o grupo focal foram identificados por codinome escolhido por eles, a partir de uma situação ocorrida em um dos encontros, explicitada no capítulo dos Caminhos Metodológicos.

“Mais do que isso, a gente passa a maioria da nossa adolescência e infância no colégio, então, ali que a gente vai descobrir com quem gosta de se relacionar. Acho que isso tem muito a ver com a maturidade, mas no final desse processo, principalmente agora no terceiro ano, você percebe toda evolução que se teve. No início você tinha grupos específicos e você aprendia a se relacionar, você aprendia a interagir e, enfim, agora no final, a gente está no fim desse aprendizado, para passar isso para a vida, em outras relações.” (Estudante codinome Arraia)

Retornando à análise da figura constituída com as palavras expressas pelos estudantes a respeito da Escola, destacou-se a palavra aprendizado como central e maior na figura projetada, evidenciando a forte relação do conhecimento específico de cada Ciência com o processo de formação global da pessoa. Porém, por vezes, foi indicado que os conteúdos são maçantes e não significativos. Há, no entanto, a possibilidade de conhecer e perceber identificações com as várias áreas do conhecimento, por mais que reforçassem a necessidade da Escola dar mais sentido aos conteúdos estudados, por meio de relações com o dia-a-dia e entre os conteúdos. Sinalizaram como contraditório no processo de formação proposto, a “decoreba” a que são por vezes forçados a fazer, ao precisarem saber fórmulas e macetes, com foco nos vestibulares. Percebem muita valorização dos conteúdos formais, sem relação com o contexto, por pressão e indução dos processos seletivos para entrada nas Universidades, e devido aos problemas estruturais da Educação no Brasil. Questionam se não haveria outro meio de acesso ao Ensino Superior, sugerindo a referência do histórico escolar da Educação Básica realizado por todos, o que serviria de estímulo ao estudo em todo o processo vivenciado por eles, ao longo de aproximadamente treze anos. Nesse contexto, surgiram vários questionamentos sobre a relevância hoje da formação no Ensino Superior e a experiência de vida, refletindo sobre as tendências do mercado de trabalho, cada vez mais global e interconectado, valorizando as relações, as experiências e as vivências.

“É uma realidade! A gente vai ter que aprender tudo isso e não necessariamente faça diferença na nossa vida, mas acho que o principal é o conteúdo. Você aprender, por exemplo, como eu posso utilizar isso na minha vida, mesmo que seja a coisa mais absurda. Enfim, por mais que para você ou para qualquer um não faça sentido, como eu posso colocar sentido nessa matéria? Eu estou falando agora de uma forma de estudo mesmo, como eu tento estudar de forma que eu terei que passar por conteúdos que eu nunca vou querer, que eu não quero ver depois, mas eu vou tentar colocar algum sentido nisso. Eu sempre tento colocar como eu uso isso na vida, no dia a dia, porque querendo ou não, tem algum sentido. A gente está aprendendo mais do que para a gente saber no geral, para poder escolher no futuro uma especialização. A gente também precisa ver o sentido disso que tem que ser dado no nosso dia a dia. Então, mais do que os próprios alunos, os professores também... é uma forma de você ensinar relacionando com o seu dia a dia! Por exemplo, Física, que é basicamente fenômenos naturais, ou Geografia... tudo se relaciona, mas acho que o que acontece frequentemente é que a gente se prende muito a fórmulas, decorar o volume e esquece porque a gente está calculando, que é a razão de tudo! Só que é tanto conteúdo que a gente se perde.” (Estudante codinome Arraia)

“Eu acho que há uma sobrecarga do Ensino Médio aqui no Brasil, por causa do vestibular e tem esses testes seletivos. Isso que você falou de sistematizar, de dar um sentido para calcular o volume... para mim não faz sentido

nenhum, para ele também não. Foi meio perdido, aí a pessoa fica calculando o negócio só porque ela quer passar no vestibular. Eu estou no segundo ano e aí a gente discute toda semana o que você quer fazer da vida, pelo resto da sua vida! Eu não sei o que eu quero fazer o resto da minha vida, então, eu acho que alguns conteúdos, por exemplo, eu não quero me aprofundar muito, como em Matemática. Então, não sei se eu precisaria de tanto ensinamento na Matemática assim, porque eu já sei que eu não gosto. Eu acho que as provas, os testes seletivos que tem aqui é muito ridículo.” (Estudante codinome Tucunaré)

“Talvez, para ingressar numa faculdade se olhasse mais no sentido do histórico escolar do que numa prova específica. Porque você precisar do seu histórico escolar para poder entrar numa faculdade é muito mais, te estimula muito mais a ir bem durante todo o Ensino Médio do que você só “dar um gás” no último ano, “male má” nos últimos três meses antes do vestibular para tentar passar.” (Estudante codinome Peixe Lua)

Nas conversas entre e com os estudantes, foram retomadas algumas vezes a contradição colocada quando o foco da Escola se torna o vestibular, contrapondo os valores e o sentido do estudo propriamente na vida de cada um. Quando não percebem sentido, indicam um sentimento de tédio com a Escola, com aulas conteudistas, sem relação com o contexto pessoal e coletivo, deixando de ser dinâmicas.

Ao analisarem especificamente o contexto do Colégio Medianeira, os estudantes expuseram percepções externas de que o colégio não aprova nos vestibulares tanto quanto se considera satisfatório. No entanto, defendem a proposta de ensino do Colégio e a visão mais ampla sobre Educação, com preocupação na formação humana, além da acadêmica. Consideraram fundamental o olhar da Escola sobre a construção da base emocional e psicológica dos sujeitos envolvidos, enfatizando sua função social e visão no coletivo. Defenderam maciçamente ao retomarem a respeito do papel da Escola, a proposta do Colégio Medianeira pela concepção humanista de Educação e exemplificaram com várias propostas metodológicas vivenciadas por eles (trabalho de pesquisa em grupo, estudo cooperativo, dentre outros).

“Acho que dá para falar um monte de coisa, só que é a realidade do Brasil mesmo, independente do que você for fazer. Se é uma escola “diferentona”, daquelas que tem Filosofia, mas se você não passar no vestibular, a escola não é valorizada. Então, acaba que você pode ter as melhores intenções, as melhores ideias, mas se os seus alunos não passarem no vestibular, que é isso que vale para os números, você está num colégio ruim, num colégio que não passa. Eu até lembrei agora que esses dias eu peguei um Uber e aí ele me perguntou assim: como você está? Eu falei: estou bem. Aí ele falou: só o colégio Medianeira que não vai bem<sup>6</sup>. Nossa aí eu fiquei de cara”. (Estudante codinome Tucunaré)

<sup>6</sup> A partir das falas dos estudantes é possível retomar uma série de discussões no cotidiano escolar. Tais como: os indicadores como sinônimo de qualidade; a lógica da concorrência, a mensuração do desempenho e o viés utilitarista do conhecimento; o desafio da formação integral da pessoa humana na Contemporaneidade; o lugar dos saberes das Ciências Humanas na produção do conhecimento; o mito de que os alunos valorizavam apenas a lógica da convivência e não veem a escola como um espaço de produção do conhecimento, de partilha e de construção coletiva.

“Mas porque ele falou isso?” (Estudante codinome Peixe Lua)

“Ah, porque não passa, tem a visão externa que o Medianeira não passa no vestibular”. (Estudante codinome Tucunaré)

“Eu acho engraçado porque quando eu era pequenininha ainda, os meus pais pesquisaram um colégio que trouxesse uma formação humana. Hoje em dia um pai vai colocar um filho num colégio pensando quando chegar no Ensino Médio. Ah, então se esse colégio está com uma boa seletiva para passar no vestibular, vou colocar ele aqui. Não se pensa mais tanto sobre a excelência humana quanto antigamente.” (Estudante codinome Peixe Lua)

“Eu acho que dentro das condições de existência do sistema que você tem que entrar na faculdade, eu acho que o Medianeira é realmente um diferencial comparado com os outros colégios. Eu pelo menos me vejo aqui com uma formação humana muito melhor. Enfim, mais aguçado do que qualquer outro colégio, agora também pelas matérias que se colocou no Ensino Médio e Fundamental, como design e várias matérias mais específicas e diferentes que não tem em outros colégios. Para mim fez muita diferença ter Filosofia desde muito novo. Fez muita diferença a forma como isso é colocado pra gente! Claro, eu não tive a experiência de outro colégio, mas comparando com outras pessoas que estudam em outros colégios, nem se compara!” (Estudante codinome Arraia)

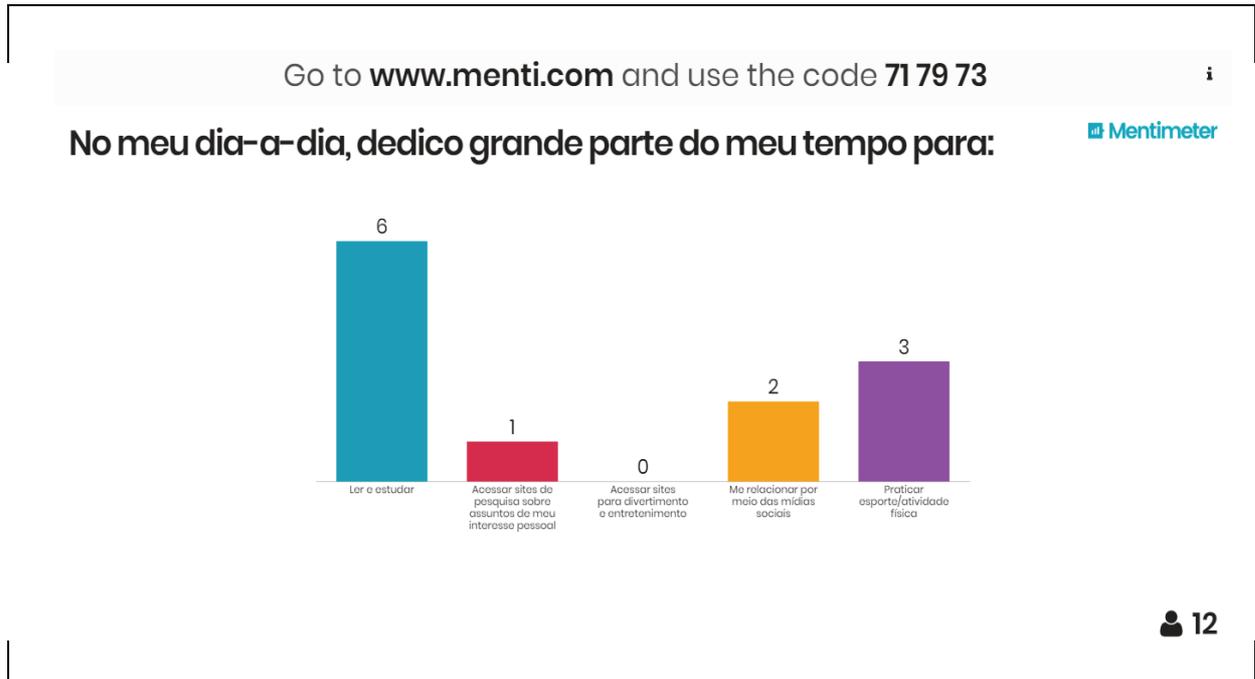
“Eu acho que um exemplo desse de que o acadêmico acompanha o humano, é a monitoria<sup>7</sup>. Porque ali você está visando o acadêmico, mas por outro lado, você vai ter o humano também, porque uma vez que você está querendo ajudar aquela outra pessoa que não entende a mesma coisa que você, você a ajuda a entender aquela matéria, independente da profundidade! Eu sei isso, então eu posso ajudar o outro também! Não é porque ele vai ser meu concorrente que eu vou deixar de ajudar ele.” (Estudante codinome Peixe Colisa)

“Eu acho a mesma coisa. Eu acho que o humano tem que acompanhar o acadêmico, e eu acho que aqui no Medianeira por exemplo, nos três anos que eu estudei aqui, eu senti isso, eu vi que tinha... como ela falou da monitoria. Tinha monitoria, então acompanha o acadêmico e acompanha o humano. O emocional... aí vem o Terceirão, como o estudante codinome Peixe Dourado falou, que tem toda essa abertura, que a gente tem liberdade para chegar para um professor, para um amigo ou coordenador e falar o que você precisa falar. Se você precisa de ajuda e eu acho que não só no acadêmico, a grande maioria das pessoas dentro da escola estão dispostas a ajudar, então é uma coisa para o bem!” (Estudante codinome Piramboia)

Como segundo disparador deste encontro, em relação ao uso do tempo pelos estudantes, foi lançada uma questão de múltipla escolha, em que as respostas foram reveladas na forma de gráfico e projetado para todos analisarem.

<sup>7</sup> Monitoria refere-se a uma estratégia em que um estudante que demonstre maior facilidade em uma determinada disciplina colabora com seus colegas, mediando grupos de estudos no contraturno ou contribuindo com o professor nas aulas do período regular.

Gráfico 1 – Divisão do tempo dos alunos



O grupo conversou sobre a escolha referente à utilização do tempo feita pela metade dos estudantes ali presentes, para ler e estudar, retomando o sentido e o papel da Escola em suas vidas e o quanto a convivência e as amizades constituídas nesse espaço favoreciam seus processos de aprendizagem. A prática de esportes e de atividade física apresentou destaque no grupo e remeteu às respostas dadas no questionário aplicado anteriormente, quando revelou uma predominância entre os jovens, no uso de seu tempo diário. A utilização das mídias sociais para eles não apareceu como uma evidência, trazendo uma percepção de naturalização desse recurso, o que já seria propriamente uma forma de vida, sem inferências sobre isso significar “ocupar” ou usar o seu tempo.

“Eu me dedicar para estudar faz com que eu não tenha todo o tempo que eu gostaria, mas não que não seja bom! Eu gosto, agora eu estou vendo sentido para o que eu estudo, agora eu tenho prazer de estudar! Algo que eu não tinha nos outros anos.” (Estudante codinome Arraia)

“No meu caso o esporte, praticar atividade física, é uma forma de relaxar. Eu acho que eu me estresso muito com muita coisa, e o esporte me dá muito prazer de fazer. Eu acho que eu não tenho prazer em fazer muita coisa, eu acho tudo chato e tedioso no dia-a-dia, então o esporte é uma das coisas que eu tenho e sou feliz.” (Estudante codinome Bluegill)

“Eu acredito que vai desde procrastinar nas redes sociais até você pegar e conversar com os amigos que estão longe. Agora por exemplo, a gente saiu da escola, então eu não vejo a Peixe Lua todo dia, eu não vejo o Sardinha todo dia. Inclusive eu e o Sardinha, a gente quase não se fala, e pelo fato da gente não se ver todo dia, usar as mídias sociais pra gente, acaba se tornando um veículo para se comunicar de um jeito mais frequente e isso pode ter outras razões também.” (Estudante codinome Peixe Dourado)

Foi muito perceptível na conversa do grupo a mudança desencadeada na maioria dos estudantes sobre a dedicação e o comprometimento com o estudo na 3ª série do Ensino Médio. Eles revelam maior consciência sobre a importância e a necessidade do estudo no último ano, em função dos Vestibulares e ENEM, como para seu preparo para a vida universitária e profissional. Ao mesmo tempo, evidenciou-se, em algumas falas, que o estudar significa abrir mão dos prazeres da vida e que conseguem fazer isso de maneira um pouco mais favorável, ao perceber sentido naquele que estudam. Os estudantes da 3ª série expõem que sentem arrependimento por não terem feito uma 1ª e 2ª série do EM com mais qualidade e revelam perceber a importância desse processo em sua vida, favorecendo inclusive o fechamento da Educação Básica. Alguns estudantes indicam ser a 3ª série um momento de muita pressão, muitas responsabilidades e desafios, ao mesmo tempo que consideram o melhor ano de sua vida escolar, ao referenciar as relações com seus pares e também com os professores e com a escola. O maior tempo em que ficam no colégio nesse ano, o aumento da carga horária e as demandas desta série, impõem a eles mais trabalho e ao mesmo tempo, um amadurecimento muito rápido e positivo, criando maiores identificações com as áreas do conhecimento e com as pessoas com as quais convivem. Por vezes, fazem referência ao colégio como uma família. Uma estudante do grupo fez um comentário utilizando uma metáfora: “é você ver que a vida é comer só pão, gente! É vender a vira e comer só pão... do cachorro quente!” (Estudante codinome Peixe Lua). Esta fala foi entendida de maneira equivocada, o que gerou uma certa confusão inicial, pois foi compreendida como “o pão e o salmão”, o que “batizou” o grupo de “Pão com Salmão”. Depois que a estudante explicou o sentido da metáfora utilizada, identificou-se de uma forma simples e descontraída, a percepção do grupo sobre o processo de estudo no EM:

“Vamos lá então... é você vender a salsicha e comer só o pão, não tem nada a ver com salmão!! É você se esforçar sabendo que às vezes pode não ter o retorno que se espera. É isso que ele falou, você estudar para uma matéria tanto, tanto, tanto, para chegar lá e conseguir tirar um seis! Eu acho que esse é o esforço!” (Estudante codinome Peixe Lua)

“Ah é que falando de comprometimento, eu ia falar que na escola o comprometimento obrigatório é o seu! Por que fazer a tarefa por fazer, entregar o trabalho porque o colégio está cobrando?? Você tem que chegar em casa e estudar à tarde, por exemplo, ter seu cronograma. São coisas de comprometimento pessoal que colégio não vai cobrar diretamente.” (Estudante codinome Apapá)

“Ah eu acho que a ideia de comprometimento é pessoal, mais do que tudo. É de você com você mesmo, ninguém te obriga a fazer nada e, se você não quiser, você não faz. Você faz algo para obter o resultado final, você se esforça porque você quer passar no vestibular e isso ficou muito claro no Terceirão, pelo menos para mim. Eu estabeleci que esse ano era o ano que eu ia estudar, negando vários prazeres da vida de poder sair, sendo que nos outros anos eu pude aproveitar um pouco mais, passeando...” (Estudante codinome Arraia)

“Salmão!! Eu vou trocar o salmão só pelo pão!” (Estudante codinome Peixe Lua)

“É porque eu estabeleci um compromisso comigo sabe, e eu pelo menos não me arrependo até agora de ter feito isso. Porque eu acho que é um momento, e o comprometimento mesmo com o colégio. Mais do que você fazer uma tarefa porque o professor manda, é o sentido que você vai ter com essa tarefa e você querer aprender. É o quanto você quer aprender com aquilo, no sentido que tem para sua vida. Vale a pena você se comprometer para entender algo que inicialmente não faz nenhum sentido... por isso muita gente não tem esse comprometimento, porque não vê sentido!” (Estudante codinome Arraia)

“Isso que tu falaste do arrependimento e tal, de você ter falado, ah eu não me arrependo de ter trocado o “salmão pelo pão seco”. É, eu me arrependo muito agora de ter trocado, “comido o salmão em vez de ter comido o pão seco”, porque agora eu percebi o quanto fez diferença! O quanto a falta de comprometimento e a falta de esforço faz diferença agora para mim que já estou em outra fase. Porque eu achava que ia ser fácil fazer o vestibular... e agora estou no cursinho e vejo que não é bem assim. Eu me arrependo de não ter dado valor para o aprendizado, quanto eu queria ter dado<sup>8</sup>.” (Estudante codinome Peixe Lua)

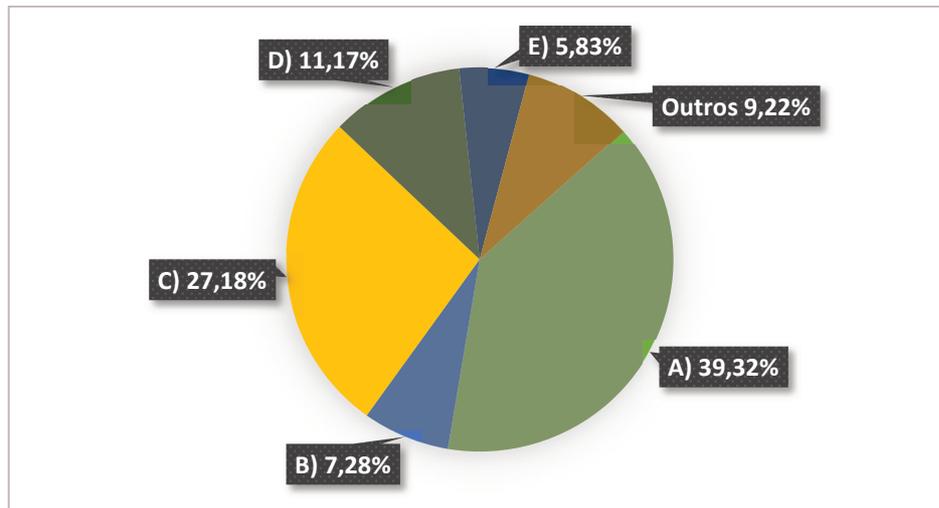
A partir do 2º encontro, tomou-se como referência nas análises e discussões as questões do questionário, selecionadas a partir de sua relação com a temática discutida em cada encontro. O 2º encontro buscou aprofundar a respeito da relação e da percepção dos estudantes de Ensino Médio sobre a Escola (primeira temática proposta), buscando-se como referência de análise e conversa, os dados das questões n.º 2, 3, 6, 7 e 14. Esses dados serão descritos a seguir, sendo também explicitados por meio de gráficos, seguidos por uma análise e discussão destes dados. Importante citar que após a exposição de cada questão com seus dados e projeção dos gráficos, o grupo foi dividido em três subgrupos, a fim de analisar e aprofundar as respostas obtidas em cada questão, usando cada gráfico apresentado. Portanto, as análises aqui apresentadas referem-se ao conjunto das análises e discussões realizadas nos subgrupos e depois na roda de conversa com todos juntos.

A questão n.º 2 pedia para assinalar a opção que mais revelava a relação dos estudantes com a escola, obtendo-se as seguintes respostas: 39,3% responderam ser a escola o lugar onde se sentem à vontade, com livre expressão, fazem amigos facilmente e aprendem a se relacionar com diferentes pessoas (alternativa A), 27,2% indicaram ser a escola o local onde mais aprendem, pois ativa o raciocínio, faz ler e escrever mais, além de buscar formas de organização pessoal e método de estudo (alternativa C), 11,2% consideram-na um lugar onde aprendem múltiplas linguagens que os ajudam nas formas de comunicação que mais usam em seu dia-a-dia (alternativa D), 7,3% assinalaram ser um lugar onde me sinto entediado, solitário e vou porque sou obrigado (alternativa B) e 5,8% indicaram ser um lugar onde existe preconceito com

<sup>8</sup> A noção da valorização do percurso e da construção de conhecimentos, bem como a produção de sentido nos processos de aprendizagem é um tema a ser considerado e desdobrado posteriormente. Por mais que a preparação para o vestibular tenha sido problematizada pelo grupo, ela aparece em alguns momentos associada a importância de valorizar o estudo nos anos anteriores, no sentido de que no presente alguns conhecimentos “fazem falta”.

relação às questões de gênero, etnias e aspectos socioeconômicos (alternativa E). Outras respostas que não contemplaram as alternativas propostas representaram 9,2%.

Gráfico 2 – Questão 2



Na questão n.º 2, foi relevante para o grupo a alternativa D (“escola como um lugar onde aprendem múltiplas linguagens e que os ajudam nas formas de comunicação que mais usam no dia-a-dia”) – apesar de ter sido pouco destacada pela maioria dos estudantes que responderam o questionário – a concordância sobre a alternativa B (“escola como um lugar onde me sinto entediado, solitário e vou porque sou obrigado”) e a discordância sobre a alternativa E (“escola como um lugar onde existe preconceito com relação às questões de gênero, etnias e aspectos socioeconômicos”). A respeito destas, os estudantes enfatizaram que no Colégio Medianeira se sentem livres para se expressar e se relacionar com as pessoas, porém, destacaram a questão do tédio, abordada na alternativa B, como real, pois com a dinâmica de 6 aulas em cada manhã e apenas 20 minutos de recreio, as aulas se tornam maçantes, com muitas repetições e poucas abordagens motivadoras ou inovadoras. Houve contraposição de alguns a respeito da alternativa A (“escola como lugar onde se sentem à vontade, com livre expressão, fazem amigos facilmente e aprendem a se relacionar com diferentes pessoas”), pois argumentam sobre a necessidade de saber o que se pode falar ou não no ambiente escolar. Alguns contrapuseram a alternativa C (“escola como local onde mais aprendem, pois ativa o raciocínio, faz ler e escrever mais, além de buscar formas de organização pessoal e método de estudo”), pois não consideram que o lugar onde mais aprendem hoje seja na escola. Outros já consideraram que a escola favorece com vários aprendizados que não teriam em outro lugar.

“A Escola dá as ferramentas para o estudante ver as coisas, mas onde mais se aprende é no dia-a-dia, assistindo vídeos, lendo um livro ou tendo experiências.” (Estudante codinome Arraia)

“Se a gente for parar para pensar, onde a gente aprende a escrever, ler e tal é na escola, mas a gente consegue fazer em videoaula também. Não precisa necessariamente estar na escola para fazer isso. Educação à distância e tal, a gente aprende do mesmo jeito que estivesse numa escola. Então, o diferencial da escola é que você está se relacionando com as outras pessoas também.” (Estudante codinome Peixe Colisa)

“Eu acho que aprendi muita coisa dentro da escola que eu não aprenderia em outro lugar. Muita coisa que eu acho que vou levar para minha vida durante muito tempo. Como você falou do Colégio Positivo que mais aprova no vestibular, mas eles veem os alunos como um número, número de aprovados. Já o Medianeira traz certos valores, certas coisas que a gente pode levar para a vida inteira.” (Estudante codinome Arraia)

“Eu acho que o que me pegou na alternativa A e que me fez desmarcar, foi que posso me expressar livremente. Eu achei meio forçado.” (Estudante codinome Peixe Lua)

“Você tem que saber o que você pode ou não falar. Só que a parte de fazer amigos e se sentir à vontade na escola, você se sente à vontade a partir do ciclo de amizade que você tem. Isso relaciona os dois; eu acho que por isso que foi tão marcada a alternativa A, porque as pessoas vão mais pela questão da amizade.” (Estudante codinome Manjuba)

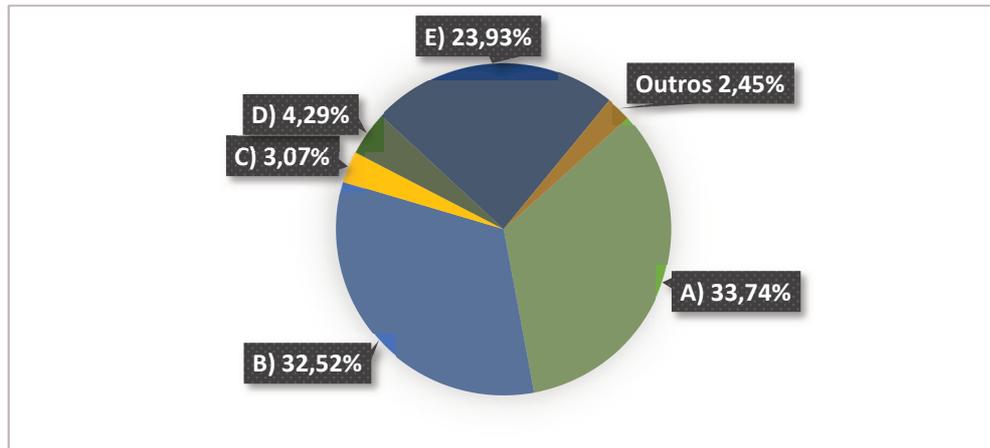
Os estudantes relacionaram a função da Escola e as condições para a escolha de uma profissão, de um curso superior, situando contradições e a necessidade de se ter mais tempo para isso e ao mesmo tempo sofrerem uma grande pressão por acertarem precocemente a escolha de um curso e profissão e terem êxito nos vestibulares.

“Todos acham que as escolas têm métodos ultrapassados, mas eu acho que é a forma de ensino, do sistema em geral, uma forma de ensino que cobra. Você vai entrar em uma universidade, num sistema acadêmico, então você vai precisar desse método acadêmico que é o que se ensina no colégio. Mas não necessariamente você vai ser cobrado de fato na vida. Hoje em dia acho que as coisas estão mudando e às vezes você pode não precisar desse tipo de pesquisa. Eu acho que é um conhecimento mais falso do que verdadeiro esse que se aprende, mas você não sabe, não utiliza isso... você não tem como utilizar aquele conhecimento a não ser uma forma de você selecionar alguns grupos. Então, depende... você sabe, mas sabendo que você tem conhecimento, você sabe aquilo para te diferenciar de um povo, de uma massa e esse seu conhecimento que é específico, na verdade é só para você ser selecionado. Mas aquilo não diz nada, não te soma nada.” (Estudante codinome Arraia)

A questão n.º 3 solicitava marcar a opção que mais se relacionava com a percepção dos estudantes sobre a Escola, tendo como resultados: 33,7% das respostas consideraram que a escola oferece condições para o processo de formação, dando subsídios para projetar uma profissão e um sentido de vida (alternativa A), 32,5% das respostas indicaram que a escola traz muitos aprendizados e desafios importantes na formação (alternativa B) e 23,9% das respostas mostraram que a escola necessita rever seus métodos de ensino e formas de ensinar e avaliar o conhecimento dos estudantes (alternativa E), 4,3% consideraram que a escola está ultrapassada, não sabendo dialogar com as crianças e jovens na atualidade (alternativa D) e 3,1% apontaram

que a escola não dialoga com a realidade e com as motivações do jovem nos dias atuais (alternativa C). Outras considerações que não estão contempladas nas alternativas propostas representaram 2,5% das respostas.

Gráfico 3 – Questão 3



Na análise da questão n.º 3 e das respostas mais assinaladas e das menos referenciadas, os subgrupos evidenciaram as alternativas E (“necessidade da Escola rever seus métodos de ensino e formas de avaliação”), C (“não dialoga com a realidade e com as motivações do jovem nos dias atuais”) e D (“está ultrapassada, não sabendo dialogar com as crianças e jovens na atualidade”). Julgaram essas alternativas interligadas, considerando que a Escola está ultrapassada, pois não dialoga com a realidade e não compreende o mundo dos jovens, estando a tecnologia em tudo menos na sala de aula. Outros concordaram que a Escola precisa incentivar o aprendizado de questões práticas do dia-a-dia, mas poderia trabalhar mais com a tecnologia, aproveitando mais suas possibilidades na aplicação dentro da Escola.

“Meu irmão tem onze anos e quase tudo ele brinca pelo celular. Então, por que no colégio é tão pouco utilizada a ferramenta do celular? Chegando em casa, todo dia eu abro meu computador para estudar. Nesse sentido, eu acho que a escola está meio ultrapassada, porque a tecnologia está em tudo, menos dentro da sala de aula.” (Estudante codinome Tucunaré)

“Eu acho que nesse ponto, ela deveria rever os dois lados. Na minha opinião, hoje em dia as coisas são muito mais avançadas e precipitadas em alguns pontos. Seu irmão já tem onze anos, mas crianças desde cedo já estão ligadas a essa tecnologia. Eu acho certo o colégio, pelo menos lá, incentivar esse outro lado... brincar no campo, trabalhar coisas fora, para não excluir da realidade de mundo. Para o Ensino Médio eu entendo o que você fala, eu também concordo, a gente podia trabalhar com isso.” (Estudante codinome Apapá)

“Também faz sentido você dividir as coisas e mostrar essa parte da tecnologia. Para a criança desde pequena já saber como usar a tecnologia e não ficar perdendo tempo. Mas já usar do jeito certo para aprender, ter cultura, e ter o tempo de ir no parquinho e brincar.” (Estudante codinome Sardinha)

“Falam tanto que eu tenho que usar a tecnologia da melhor forma, então, porque a gente não aproveita o que ela traz? Deviam construir isso na cabeça do sujeito desde criança. Não chegar falando que você usa errado. Estão falando que a gente perde muito tempo em rede social.” (Estudante codinome Peixe Colisa)

Consideraram o próprio colégio avançado em vários aspectos, porém, ainda com algumas características que remetem à alternativa E, referenciando problemas metodológicos e avaliativos. Ao mesmo tempo trazem elementos de destaque positivo ao processo do Colégio, citando várias vezes o Trabalho de Pesquisa<sup>9</sup> desenvolvido ao longo do ano<sup>10</sup> por núcleo de disciplinas das diversas áreas do conhecimento, como fortemente favorável ao processo de formação dos jovens, auxiliando inclusive na escolha de um curso e uma profissão. Destacaram a importância da Escola ao dar sentido para a vida dos jovens, ajudando-os a descobrir suas afinidades e potencialidades. Relacionaram a alternativa B (“a escola traz muitos aprendizados e desafios importantes na formação”) com o Colégio Medianeira, ao colocar que aprenderam muita coisa na Escola que não aprenderiam em outro lugar e vão levar para a vida; enfatizaram a importância dos valores trabalhados e valorizados no processo de formação do Colégio, sendo altamente relevantes. Consideraram que tiveram ótimas oportunidades, pois puderam estudar em uma escola boa e por isso a maioria das respostas identificadas no questionário aplicado a um grupo de estudantes do Colégio, provavelmente não seriam as mesmas se fossem respondidas por estudantes de outras escolas, com menos oportunidades do que eles.

“Hoje em dia, principalmente para o Ensino Médio, tem várias coisas que deveriam ser revistas. Mas aqui no Medianeira, eu concordo com as alternativas A e B (questão 3), mas também acho que o colégio, por mais que seja avançado em vários pontos, ainda tem alguns pontos que eu marcaria a alternativa E.” (Estudante codinome Apapá)

“Eu acho que a escola traz um sentido de vida para a gente, só que profissional não tem como. Você vai descobrindo suas afinidades, mas, pelo menos no meu caso, eu estou perdido, para que campo eu vou ...” (Estudante codinome Tucunaré)

“Mais para o final do ano eles começam a focar bastante nisso; mais no 3º ano, bem no início, é mais focado. E começam as aulas específicas e dentro delas você aprofunda bastante. Você vê "nossa, realmente vou trabalhar com isso". Aí você consegue decidir melhor.” (Estudante codinome Apapá)

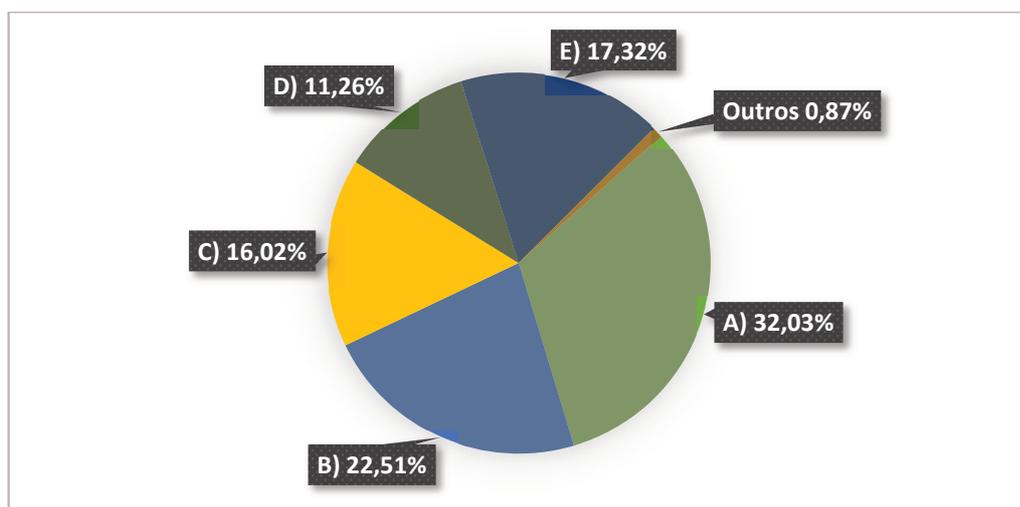
“Eu acho legal no Medianeira, que ajuda a escolher uma profissão, como no trabalho de pesquisa. Isso não tem mais em lugar nenhum.” (Estudante codinome Sardinha)

<sup>9</sup> Trabalho de Pesquisa aqui referendado diz respeito a uma proposta interdisciplinar, por núcleo de disciplinas que integram a mesma área do conhecimento, propondo temáticas de pesquisa diversificadas. Este trabalho é anual, realizado em grupos, ao longo do ano, em cada série.

<sup>10</sup> No ano de 2018 o Trabalho de Pesquisa citado passou por modificações, deixando de ser interdisciplinar e focando especificamente na ONU, com abordagens diversas relacionadas à geopolítica e ao contexto socioeconômico de cada país.

A questão n.º 6 relacionava qual o grande mérito que os jovens de EM conferem à Escola na contemporaneidade e mostrou que 32% das respostas indicaram a formação humana – princípios e valores com respeito aos direitos humanos, posicionamento ético, capacidade de discernimento (alternativa A), 22,5% sinalizaram ser o preparo técnico específico para fazer os vestibulares (alternativa B), 17,3% relacionaram com a possibilidade de gerar novos conhecimentos fundamentais em seu processo de formação (alternativa E), 16% com o preparo para ingressar no mundo adulto e do trabalho (alternativa C) e 11,2% indicaram ser a socialização e o respeito à diversidade (alternativa D).

Gráfico 4 – Questão 6



A discussão nos subgrupos evidenciou as alternativas A (mérito à formação humana), E (possibilidade de novos conhecimentos fundamentais em seu processo de formação) e B (preparo técnico específico para fazer os vestibulares). Foi dada muita ênfase à contradição entre a proposta de Educação da Escola e a função imediata a que se presta a forma seletiva de ingresso no Ensino Superior.

“A alternativa A (questão 6) porque de fato, pelo menos aqui no nosso colégio, essa questão da formação humana é bem forte e a alternativa E porque eu acho que é a possibilidade de adquirir novos conhecimentos fundamentais nesse processo de formação. Eu acho que o colégio, pelo menos eu acredito, que o colégio antes da questão da universidade, dos processos seletivos, eles tinham esse objetivo, que é você apresentar ao indivíduo os conhecimentos gerais que ele procurou alcançar até aquele momento. Antigamente era menos coisa, hoje é muito mais coisa... tanto é que a gente tá meio maluco! Só que eu acho que hoje em dia o objetivo do Ensino Médio, principalmente, é o processo seletivo, os vestibulares. Não existe esse peso no 8º, no 6º ano e eu acho que ali é o

verdadeiro colégio, a verdadeira escola. Afinal, qual é o objetivo, a essência? Porque é muito bom, tanto é que pelo menos eu tenho os meus melhores momentos naquele período... é um processo, você vê a mudança, você vê que uma hora não entendia e depois de um tempo você consegue entender, você vê a sua maturidade crescendo, você crescendo como indivíduo e aí o Ensino Médio vira vestibular quase duzentos por cento. Então, você pula o objetivo central que seria o ensino, a qualidade do conhecimento, para uma questão que é horrível.” (Estudante codinome Arraia)

“Concordo com a alternativa B porque eu acho que apesar de ter essa formação humana, de valores, enfim, infelizmente ou felizmente no Ensino Médio a gente foca muito no vestibular. Então você chega na sala e é: “vai cair no ENEM, vai cair na UFPR, isso vai cair no vestibular”! Então, eu acho que realmente existe um preparo técnico, querendo ou não, porque as coisas que você está aprendendo, é pra passar no vestibular, pra passar em processo seletivo, como a Arraia falou, diferenciar você de um povo, de uma massa!” (Estudante codinome Pirambóia)

“É, eu concordo com a B também, porque não é algo que eu gostaria de dizer que concordo, mas infelizmente hoje em dia ele serve pra isso.” (Estudante codinome Bluegill)

“É, é uma das funções, mas o mérito, o grande mérito do colégio acho que não seria esse. Eu não me sinto bem em falar que o colégio serve pra isso. Você está reduzindo os objetivos dele a passar no vestibular!” (Estudante codinome Arraia)

Ao mesmo tempo que criticam esse sistema, questionam se o Colégio Medianeira deveria intensificar o foco sobre o preparo para os vestibulares desde a 1ª série do EM, destacando o fato de que a 3ª série é muito exigente em relação ao ritmo de estudos, quantidade de conteúdos trabalhados e pressão sobre a escolha do que fazer na Universidade e na vida.

“Pois é, eu não lembro quem fala isso, mas algum professor fala que o vestibular é só a entrada, é só uma entrada e no decorrer você tem o resto da sua vida pela frente. Então, se você se preparar toda a sua vida para aquilo, quando passar você vai falar: ‘e agora?’ ” (Estudante codinome Tucunaré)

“Mas eu acho que o Medianeira podia ter mais coisa de vestibular já no 1º ano, porque agora (no 2º ano) que a gente está tendo mais contato com certas coisas de vestibulares.” (Estudante codinome Peixe Colisa)

“É... Também não tem muito. Mas, sei lá, acho que no 1º ano, se eles focarem muito nisso, muita gente não vai ter cabeça para decidir... tem muita gente que não valoriza muito isso no 1º ano, dizendo ‘ah, eu estou no 1º ano ainda!’. Não que seria uma perda de tempo, mas acho que a partir do 2º ano isso é mais valorizado do que no 1º ano. Porque ficar empurrando isso no 1º ano é muito, pois desde o final do 2º ano até o início do 3º ano, para mim, já é muito!! Todo dia, todo dia lembrando de vestibular...” (Estudante codinome Apapá)

Os estudantes reiteraram a relevância da formação humana no Colégio Medianeira, exemplificando com a valorização das várias dimensões que envolvem os sujeitos em seu processo de formação. Comentaram sobre a constituição da nota de acompanhamento dos estudantes (NA)<sup>11</sup>, que contempla aspectos cognitivos, organizacionais, relacionais, emocionais

<sup>11</sup> NA significa nota de acompanhamento, referente a uma etapa avaliativa que considera aspectos diários do processo de aprendizagem dos estudantes do Colégio Medianeira, levando-se em consideração as dimensões sócio emocional e organizacional, além da cognitiva. O NA constitui 30% da média do estudante em todas as disciplinas, em cada trimestre de avaliação.

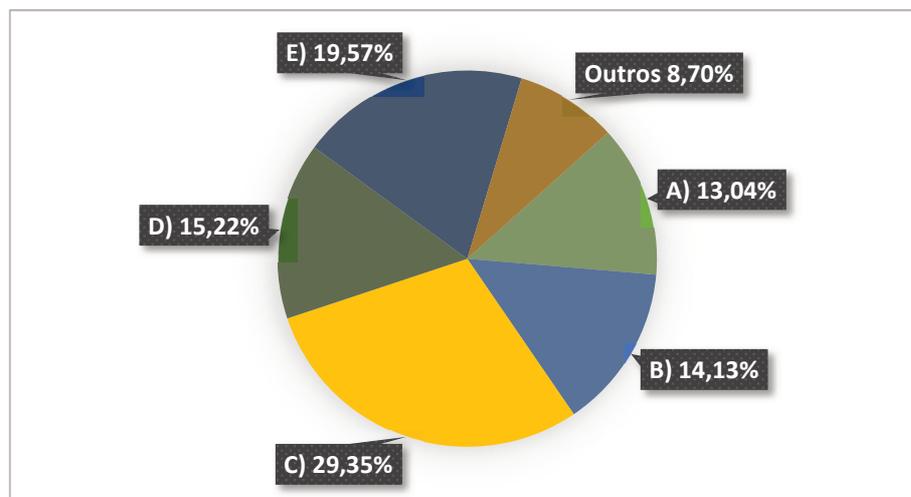
e éticos e enfatizam a importância do respeito à diversidade e da socialização, altamente proporcionadas pelo ambiente escolar.

“Você está na escola, você só vê gente diferente, muito diferente. Tanto que tem panelinha, grupinhos porque tem gente que não socializa com outras pessoas que não são do estilo dela. Você tem que aprender a conviver com isso. Ao mesmo tempo, você tem que aprender a conviver com quem é diferente de você; você tem que entender que você também é diferente dos outros e as pessoas também tem que saber lidar com você. Você vem pra escola com intenção de aprender a ser uma pessoa melhor, seus conhecimentos fundamentais também, além do respeito, solidariedade.” (Estudante codinome Manjuba)

Insistiram, em vários momentos, que as respostas desse questionário teriam sido muito diferentes se tivessem sido respondidas por estudantes de outras escolas, em que a formação humana teria ficado por último. Ressaltaram que no Medianeira, as pessoas auxiliam de verdade, ajudam mesmo quando você tem um problema, o que nos remete à proposta inaciana de Educação, no tocante à *cura personalis*<sup>12</sup>.

A questão n.º 7 perguntava sobre os principais problemas que os estudantes identificavam em relação à escola: 29,3% das respostas relacionaram as formas de avaliação (alternativa C), 19,5% sobre o ritmo das aulas e o nível de exigência dos professores com relação a tarefas de casa e trabalhos de pesquisa (alternativa E), 15,2% sobre o clima de sala de aula, envolvendo as relações com colegas e com professores (alternativa D), 14,1% sobre seus métodos de ensino (alternativa B), 13% sobre o distanciamento da escola em relação à realidade dos estudantes (alternativa A).

Gráfico 5 – Questão 7



<sup>12</sup> Cura Personalis é uma frase em latim que se traduz como "cuidar de toda a pessoa". Cura Personalis sugere atenção individualizada às necessidades do outro. A expressão é uma característica da espiritualidade inaciana que é comumente usada pela Companhia de Jesus.

Sobre os principais problemas da Escola, indicados na questão 7, os subgrupos focaram a discussão no método de ensino e nas formas de avaliação, relacionando as diferentes maneiras de aprender de cada um, dependendo do conteúdo e da estratégia utilizada pelo professor. Sobre a avaliação, compreendem que ela é necessária ao processo escolar, porém, que não tem sido a melhor maneira de saber se o sujeito aprendeu.

“Eu acho que o papel não diz todo o meu conhecimento, diz uma parte, mas algumas pessoas têm o conhecimento muito além daquilo e um conhecimento que não pode ser medido. E às vezes, a forma de avaliação tenta medir um conhecimento...que esse ambiente não favorece e desconsideram questões como o nervosismo. Isso é muito ruim.” (Estudante codinome Apapá)

“Por mais que tenha NA, por mais que tenha postura em sala de aula, a gente é muito uma nota.” (Estudante codinome Manjuba)

“O que mais conta é nota de prova!!” (Estudante codinome Peixe Lua)

“É que no Vestibular não vai contar sua postura em sala, não vai contar seu histórico escolar, vai contar uma nota que você tira em uma prova!” (Estudante codinome Manjuba)

Sinalizaram a avaliação oral como uma possibilidade distante da realidade da escola e reforçaram a importância da permanência dos trabalhos em grupo e trabalhos de pesquisa envolvendo temas diferentes dos assuntos abordados pelos professores como outras maneiras de avaliar, com destaque também aos debates realizados em algumas aulas. A validação e legitimação de outros meios de avaliação além da prova (principal forma de avaliar os estudantes ainda hoje), são aspectos de destaque nas conversas nos subgrupos, enfatizando a urgência da superação desta.

O contexto e a realidade de nossos jovens contemporâneos exigem outro olhar e outro tipo de relação com os processos escolares. Os estudantes do grupo focal chamaram atenção sobre a importância do professor em buscar alternativas para tornar as abordagens mais interessantes e diversificadas, enfatizando que cada um aprende de uma forma diferente e isso precisa ser considerado. Por várias vezes, repetem o argumento de que as aulas precisam ser mais dinâmicas, se referindo a aulas em que o professor apresenta uma capacidade de estabelecer um vínculo com o conhecimento que se traduz em significativo ao estudante, revelando interação, compreensão sobre a forma de aprender de cada um, olhar suas dificuldades e bom humor na forma como explica e se relaciona com os estudantes.

“Eu acho que cada pessoa aprende de um jeito, sabe? Tem pessoa que, por exemplo, aprende melhor ouvindo, outra vai aprender melhor assistindo, mas o professor, ele dá aula de um jeito só, ele não contempla os diversos tipos de pessoas, de alunos.” (Estudante codinome Tilápia)

“Eu acho que todo professor tem o seu tipo de ensino! Nenhum é igual. Em Geografia, o professor ensina mais debatendo, em História ensina mais pelo livro e falando mesmo.” (Estudante codinome Manjuba)

“É, cada professor tem o seu ritmo, e se você não se adapta a isso, você tem que buscar outras formas de estudar. E às vezes isso atrapalha a cabeça da pessoa, ela se desmotiva.” (Estudante codinome Peixe Lua)

“Eu acho que às vezes os professores não mudam... É que eu penso assim: para mim tem certos conteúdos que uma forma de ensino é melhor, e outros conteúdos é outra, entendeu? Têm conteúdos que são mais densos, mais chatos e que realmente cansam aprender. Então, às vezes, o professor tem que ter uma forma de tornar aquilo mais legal.” (Estudante codinome Apapá)

“Mais interessante é não ficar lá na frente só falando, falando sobre um conteúdo que ninguém gosta! Não funciona, entendeu? Eu acho que às vezes alguns professores não têm isso. Eles definem um método de ensino e é esse método sempre. Eu acho que isso às vezes falha.” (Estudante codinome Apapá)

A questão n.º 14 era aberta e perguntava se o jovem de EM considerava que a escola responde ou prepara para responder às demandas da juventude na contemporaneidade, tendo a maioria concordado, alguns não concordam e poucos consideram parcialmente (a escola só prepara para o vestibular ou só foca na formação humana), além de indicarem ser importante a Escola explorar mais aspectos sobre o desenvolvimento emocional/psicológico do jovem.

Ao perguntar aos estudantes do grupo focal se a Escola responde ou prepara para responder as demandas da juventude hoje, considerando o questionário respondido, identificou-se a partir da abordagem trazida pela questão n.º 14, (neste caso sem a análise gráfica) que a maioria concorda, alguns não concordam e poucos consideram parcialmente. Muitos indicaram ser necessário a Escola dar mais atenção e focar nos aspectos de desenvolvimento emocional e psicológico do jovem. Criticaram os colégios que direcionam seu projeto de ensino exclusivamente para os vestibulares, acreditando que podem formar técnicos excelentes, porém, sem visão de mundo, da vida, de pessoa. Especificamente sobre o Colégio Medianeira, algumas respostas dadas no questionário apontaram seu grande mérito na formação humana e falhas no preparo para o Vestibular. As discussões nos subgrupos mostraram discordância sobre esse aspecto relacionado ao preparo para o Vestibular, enfatizando que aqueles que sinalizaram esse tipo de crítica ao colégio revelaram não compreender a relação da busca pela formação humana com o preparo acadêmico pretendido. Ao mesmo tempo, outros trouxeram críticas consideráveis ao Ensino Médio ao buscar trabalhar aspectos relacionados às questões dos vestibulares e ENEM em detrimento ao aprofundamento de assuntos mais interessantes que poderiam ser realizados, mas consideram que o colégio realiza um bom processo no tocante à

formação humana. Percebe-se um conflito e uma contradição na forma como vários percebem e se posicionam frente ao Colégio, revelando opiniões contrárias.

“Olha alí (referindo-se a algumas respostas dadas à questão n.º 14 que estavam projetadas): ‘o Medianeira tem uma falha no preparo para o vestibular, porém, faz um grande trabalho na formação humana e interpessoal’. Eu acho que o Medianeira dá uma boa base para o vestibular e o resto da frase está certo! Realmente faz uma boa formação pessoal. Para essa pessoa pode não ser tão útil, mas eu acho que prepara para o vestibular.” (Estudante codinome Manjuba)

“Eu acho que essa pessoa ainda não conseguiu entender como se relaciona a sua formação humana com a sua preparação para o vestibular, pois disse “falha ao dialogar com a realidade social” ... Como assim, meu Deus? Falha em dialogar com a realidade social?? Vocês falando sobre a crise de mísseis em Cuba e ele falando que não tem abordagem sobre realidade social?” (Estudante codinome Peixe Lua)

Reforçaram a necessidade da aproximação das escolas com os recursos tecnológicos e alternativas para acompanhar o ritmo mais acelerado que estamos vivendo, pois em alguns momentos percebem movimentos do Colégio nesse sentido, mas ainda precisa haver maior interação e relação com questões práticas que os preparem para as demandas diárias. Consideraram haver muitas cobranças desnecessárias indicando à escola a necessidade de aprofundar e rever sua forma de avaliação. Alguns insistiram fortemente na distância entre o Colégio e a dimensão prática da vida, ao revelar maior preocupação curricular com “conteúdos abstratos e desnecessários”, no ponto de vista deles. Outros contrapuseram, indicando a necessidade de um conhecimento geral que abarque várias áreas e disciplinas escolares, mesmo com a incompreensão por parte de muitos sobre a relevância e a importância em seu processo de formação.

“Muitas pessoas não gostam do método de avaliação da escola e de julgamentos sobre seus alunos, em uma sociedade em que cada vez menos alunos se encaixam na escola. É sobre isso que eu penso quando as pessoas falam que as escolas estão ultrapassadas, sobre como os alunos não conseguem se adaptar à escola e a escola não consegue se adaptar a esses alunos.” (Estudante codinome Peixe Lua)

Referendaram a própria geração como “geração preguiça”, destacando o conformismo e a acomodação como características muito presentes na maioria dos jovens hoje, deixando claro a falta de motivação nos processos de ensino e de aprendizagem proposto pelas Escolas em geral. Assim, apontaram várias cobranças realizadas pelo Colégio como desnecessárias e uma dificuldade do estudante se encaixar nas proposições por ele oferecidas. Criticaram a forma de ensinar hoje, pois consideraram que continua a mesma de 10, 15 anos atrás, faltando

maleabilidade da escola ao exigir que todos sejam bons em todas as disciplinas, não valorizando suas qualidades e potencialidades individuais.

“Vocês já pararam para pensar que com 20 anos os nossos pais já estavam tendo filhos, estavam empregados, casando, comprando casa... e a gente com 20 anos não sabe o que fazer da vida. Vamos para balada beber e encher a cara.” (Estudante codinome Peixe Lua)

“Você ainda coloca na cabeça que vai estar morando com a sua mãe. Os jovens antigamente pensavam em sair de casa aos 18.” (Estudante codinome Manjuba)

“Sim, minha mãe aos 17 anos já estava morando em uma cidade diferente.” (Estudante codinome Peixe Lua)

“Para falar a verdade, somos muito preguiçosos.” (Estudante codinome Manjuba)

“Somos a geração preguiça. Os nossos filhos vão ter 36 anos e ainda vão morar nas nossas casas.” (Estudante codinome Peixe Lua)

“É que nós nos conformamos.” (Estudante codinome Manjuba)

“E o mundo em volta de você é outro mundo. E o colégio parece que, em muitos aspectos, não segue, não acompanha essas mudanças. Então tem aspectos que preparam, e tem umas que não tá acompanhado muito.” (Estudante codinome Peixe Sardinha)

Ao mesmo tempo que os estudantes criticam alguns processos escolares instaurados há algum tempo, é presente também uma certa insatisfação com a própria forma de vida que levam. As falas de alguns indicavam a necessidade da Escola se reinventar, mas buscando um certo meio termo entre o mundo digital em que estão imersos desde cedo e as aprendizagens consideradas mais tradicionais, mas que são concebidas por eles como muito importantes ao seu processo de formação.

Dando sequência à análise dos demais encontros do grupo focal, o 3º e 4º encontros apresentaram a mesma metodologia adotada no 2º encontro, levantando questões (do questionário) relacionadas às temáticas propostas, apresentando os respectivos gráficos e dividindo o grupo em subgrupos num primeiro momento e reunindo todos depois numa roda de conversa.

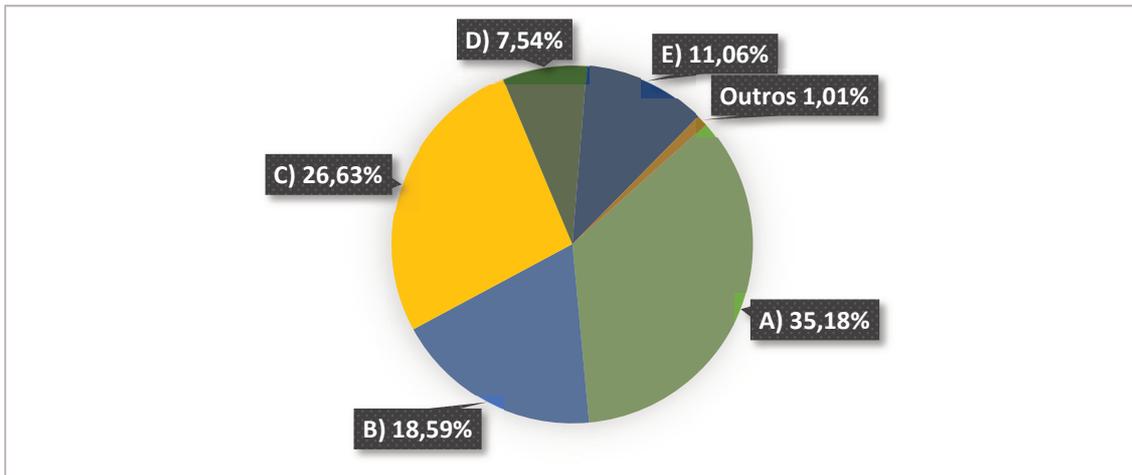
A discussão da segunda temática – como o jovem de EM aprende no contexto atual: aulas, métodos e abordagens – relação ensino e aprendizagem), foi priorizada no 3º encontro, envolvendo as seguintes perguntas do questionário: n.º 4 (“em que tipos de aulas você mais aprende?”), n.º 5 (“que tipo de aula mais te motiva a manter-se atento e querer aprender mais?”), n.º 10 (“de que forma você aprende melhor? Em que lugares ou situações?”), n.º 11 (“como você organiza o seu tempo para estudar?”), n.º 15 (“que métodos de ensino têm sido eficazes para o seu processo de aprender na escola?”), n.º 16 (“que métodos utiliza para estudar fora do

ambiente escolar?") e n.º 17 ("esses métodos usados na escola e fora dela se complementam ou se relacionam? De que maneira?").

Os dados referentes às questões analisadas nesse encontro seguem abaixo, sendo as de múltipla escolha explicitadas também por meio de gráficos.

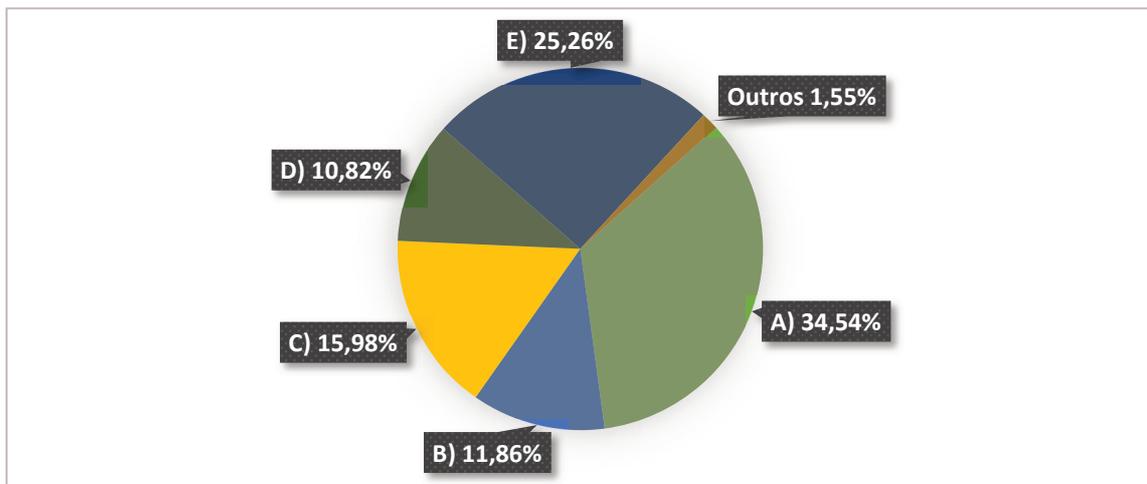
Ao levantar a questão n.º 4 do questionário que indagava em que tipos de aulas os estudantes mais aprendem, foram indicadas as seguintes respostas: 35,2% a aula expositiva dialogada (alternativa A), 26,6% a realização de roteiros e esquemas explicativos com orientação do professor (alternativa C), 18,6% os trabalhos em grupo e resolução de exercícios em duplas com ajuda de monitores (alternativa B).

Gráfico 6 – Questão 4



A questão n.º 5 se aproxima da anterior, mas foca no aspecto da motivação e da atenção às aulas, perguntando em que tipo de aula os estudantes são mais motivados a se manter atentos e querer aprender mais. As respostas foram: 34,5% insiste na aula expositiva dialogada (alternativa A), 25,3% indicam as aulas experimentais, em laboratório ou aulas de campo (alternativa E), 16% a realização de roteiros e esquemas explicativos com orientação do professor (alternativa C) 11,9% nos trabalhos em grupo e resolução de exercícios em duplas (alternativa B), 10,8% nos debates e apresentações orais (alternativa D). Ou seja, as respostas contemplaram todas as alternativas, indicando diversidade de opiniões em relação aos tipos de aulas mais favoráveis e às diferentes características dos estudantes, tendo apenas 1,5% das respostas buscado outras opções.

Gráfico 7 – Questão 5



A discussão sobre essas duas questões evidenciou a defesa dos estudantes da aula expositiva dialogada, pois os envolve e obriga a se manter atento e participar da aula, por mais que indiquem variar de opinião, dependendo do conteúdo abordado e do estilo do professor, havendo aulas em que manter-se atento é um grande desafio. Indicaram cuidado com certas aulas expositivas em que o professor fala no mesmo tom de voz, cansando e não favorecendo a atenção e a aprendizagem dos estudantes.

“Durante a aula expositiva, como eu faço muitas anotações, fica mais fácil para organizar todo meu pensamento em forma de roteiro depois. E quando o professor formula o roteiro, eu imagino que ele já coloque os pontos principais e isso faz com que você delimite todo aquele conteúdo imenso que ele passou, com as partes mais essenciais.” (Estudante codinome Peixe Beta)

“A gente falou muito da aula expositiva dialogada, porque, pelo menos eu falo que na expositiva dialogada, o professor está sempre exigindo que você tenha uma resposta para ele. Assim, como ela é dialogada, ela exige também que o aluno tenha o retorno quase no mesmo âmbito que o professor tem. A gente falou que a alternativa C (questão n.º 5) também era muito boa porque os roteiros fazem com que a gente perceba se a gente realmente entendeu aquilo que o professor estava falando. Porque é muito fácil o professor falar: entendeu? E você falar: sim! E não é!!!” (Estudante codinome Peixe Lua)

Discutindo a respeito das estratégias metodológicas utilizadas no Colégio Medianeira, os estudantes se posicionaram frente à preferência de vários pelas aulas expositivas, levantando seus prós e contras e indicando como muito importante a retomada dos conteúdos e a realização de exercícios após a explicação do professor, além da realização de tarefas em casa. Defendem o uso de roteiros e esquemas explicativos, porém, como recurso complementar à aula expositiva, favorecendo a organização do pensamento e contribuindo no aprendizado. Neste

caso, a presença do professor foi indicada como muito importante para esclarecer dúvidas e otimizar a realização dos roteiros. Além disso, estas estratégias são defendidas como muito boas para mantê-los atentos e gerar interesse, pois leva o estudante a consultar a matéria, ler, entender e escrever o que entendeu, apesar de exigir maior autocontrole e disciplina pessoal para se manter no foco e não dispersar.

“Eu acho que essa aula do roteiro... se você não quiser fazer, você não vai fazer. Você vai ficar conversando, você vai se dispersar. Então, você tem que ter muito autocontrole, você tem que saber o momento de você parar e falar: ‘eu vou fazer, vou me concentrar aqui, porque se eu for fazer isso sozinha em casa, eu não vou conseguir’. Eu vou aproveitar esse momento que eu tenho um professor pra me ajudar, um colega que entende direito, pois se eu tiver que deixar para casa, talvez, mesmo que eu vá correr atrás, não vou entender tão bem.” (Estudante codinome Peixe Lua)

Debates e apresentações orais foram considerados muito interessantes, apesar de muito exigentes em termos de domínio de conteúdo, argumentações e relações com os colegas, necessitando respeito às opiniões diversas e atenção na fala do outro.

“Porque a gente se obriga a aprender o conteúdo para apresentar para a turma. Acho que é uma boa forma de aprendizado, porque estamos nos envolvendo com um conteúdo para mostrar o que sabemos para a turma e por isso acho que ficam com medo de errar. Então, queremos tirar de letra para apresentar bem para a turma.” (Estudante codinome Peixe Dourado)

Consideraram que as aulas experimentais, de laboratório e de campo favorecem o aprendizado, mas não para qualquer conteúdo e disciplina, sendo fundamental a interação do professor no processo antes e depois dessas aulas. Argumentaram que as aulas experimentais e de laboratório obrigam a prestar atenção, pois o estudante tem que fazer, “colocar a mão na massa”, porém, alguns indicaram que estas favorecem mais a manutenção da atenção do que a motivação pelo conteúdo. Já os exercícios em duplas com a colaboração de monitores foram indicados como favoráveis à dispersão, assim como as apresentações orais. Sobre as apresentações orais, colocaram que só aproveita quem está apresentando, sendo muito difícil prender a atenção da turma e leva-los a aprender sobre o conteúdo apresentado; consideraram que favorece quem está apresentando, pois precisa se expor e, portanto, tem que dominar o assunto para poder falar.

As atividades em duplas e os trabalhos em grupo foram problematizados por muitos, apesar de serem considerados importantes e motivadores, por exemplo, pesquisar sobre temáticas diversas, como propõe o Trabalho de Pesquisa anual realizado em cada série. A questão

relacional revela-se como o aspecto mais difícil e desafiador na condução dos trabalhos em grupo feito pelos estudantes.

“Eu acho que a dinâmica também já vem da dupla, um pouco mais desafiadora e também porque trabalho em grupo, às vezes, acaba desgastando, porque se você cair em um grupo que você não gosta ou num grupo em que todo mundo fica quieto, ninguém faz nada? Ou se você cair em um grupo que você acaba discutindo sério? Por isso, acaba contribuindo para a dispersão. E também acaba sendo um problema, pois você faz dupla com uma pessoa e conversa com ela sobre outras coisas.” (Estudante codinome Peixe Dourado)

Portanto, os estudantes reafirmaram suas posições sobre os principais métodos que favorecem sua aprendizagem, evidenciando haver relação entre as estratégias utilizadas na escola e em casa, em seu processo individual. O grupo reforçou as respostas que mais apareceram no questionário com relação à complementaridade dos métodos usados na escola e fora dela, relacionando algumas abaixo:

- um complementa/reforça o outro com as informações que faltaram;
- oferece uma maior base de pontos de vista sobre o tema;
- realizo meus resumos a partir das minhas anotações na aula e dos roteiros disponibilizados pelo professor;
- eles me ajudam, pois fica mais fácil para revisar matérias e também porque complementam as aulas em sala;
- na escola aprendo prestando atenção e em casa faço exercícios baseado no que aprendi no colégio;
- a partir de vídeo aulas é possível revisar o conteúdo aprendido em sala com aprofundamento;
- se relacionam de forma com que o conteúdo visto pode ser revisto e as dúvidas possam aparecer no estudo individual de forma com que possam ser solucionadas com o professor em aula;
- se complementam, pois com vídeo aulas eu aprendo o que não consegui aprender no colégio e faço os exercícios da apostila como forma de revisão;
- na escola entendo mais devagar e em casa eu revejo o que já ouvi;
- quando estudo em casa ou faço exercícios, fico muito mais interessada no conteúdo e entendo muito melhor a matéria;
- a escola dá a base para o estudo em casa e esse ajuda compreender melhor o estudo em sala de aula;
- as tarefas servem como sistematização e fixação do que foi aprendido;
- quando anoto o que o professor diz, depois quando estudo e faço resumo é como se fosse uma revisão;
- se juntam, pois às vezes aprendo coisas que vamos aprender depois ou complemento a matéria que não tinha entendido;
- posso ver as minhas dúvidas e esclarecê-las;
- a leitura normalmente é feita através dos roteiros entregues pelos professores e os exercícios são aqueles cobrados ou indicados pelos mesmos. Os roteiros faço de acordo com meu conhecimento adquirido

através de explicações em aula e recorro à vídeo aulas quando não entendi algum conteúdo específico e que já foi abordado em sala.

Os subgrupos aprofundaram essas respostas e se posicionaram com argumentos que as reforçaram, revelando serem favoráveis aos registros no caderno realizados durante as aulas, bem como à resolução de exercícios, além da grande defesa e ênfase à vídeo aulas.

Sobre os lugares ou situações em que os estudantes aprendem melhor, foi referenciada a questão n.º 10 (tipo aberta), e as respostas mais recorrentes foram: locais silenciosos, em casa e em sala de aula, com aulas expositivas com a explicação do professor, em aulas mais participativas e dinâmicas, sozinho e com roteiros de estudo, com vídeo aulas, exercícios, resumos e leituras, exercícios em grupo ou dupla com a ajuda de monitores (estudo cooperativo).

“Mas para cada coisa eu tenho um jeito especial. Tem coisas que eu gosto de estudar em silêncio, tem coisas que eu aprendo mais conversando com os amigos, tem coisas que eu aprendo melhor fazendo resumo. E com as aulas expositivas também, porque me ajuda o professor introduzir o conteúdo e falar os principais tópicos para depois fazer em casa o que tiver que fazer. Para mim depende muito, mas acaba sendo um pouco de tudo.” (Estudante codinome Peixe Dourado)

Houve predomínio da opção dos estudantes por lugares silenciosos e situações que diminuam a dispersão no favorecimento de sua aprendizagem. Vídeo aulas apareceram como recurso utilizado por vários jovens na busca por esclarecimento de dúvidas ou quando não compreendem a explicação do professor. Voltaram a falar sobre as aulas dinâmicas, como a principal alternativa para favorecer sua aprendizagem, pois consideram ainda que é em sala de aula onde mais aprendem. Explicitaram por aula dinâmica aquela aula que não é monótona, no ponto de vista deles, em que o tom de voz do professor se alterna e consegue prender a atenção dos estudantes, de um jeito mais descontraído e ao mesmo tempo didático. A fala do professor e a relação que ele revela ter com o conteúdo abordado, faz com que os jovens se interessem. Também a alternância de estratégias metodológicas atrai a atenção e o interesse deles, bem como situações em que precisam conversar entre si sobre o assunto estudado, tirando-os da passividade, além da mudança de ambiente, o que alivia a pressão e pode favorecer o interesse dos estudantes. Opções diferentes em que os estudantes se tornam mais ativos no processo da aula, tendem a motivá-los, mas a principal característica que surge nessa análise é o vínculo que o professor e estudante conseguem estabelecer por meio do conteúdo trabalhado. E nisso, o meio se revela secundário, possibilitando boas referências tanto às aulas expositivas quanto a

realização de roteiros e atividades em grupos. A característica relativa à dinamicidade de uma aula passou por diversos pontos de vista e posicionamentos.

“Depende muito da pessoa; eu posso estar dentro da sala de aula e eu sentir uma coisa quando um professor está dando aula e sentir o oposto quando outro está dando. Tem um professor que é super dinâmico, ele anda pela sala, ele faz com que você acompanhe o raciocínio dele; o outro entrava na sala e pesava, todo mundo ficava em silêncio que parecia que sufocava e isso faz com que você preste atenção meio forçado. Então, a dinamicidade<sup>13</sup> depende muito mais do que o ambiente em que você está; depende muito da relação; depende muito do que a pessoa que está explicando o conteúdo quer que você sinta. Então, é muito diferente quando você tem uma aula dinâmica, uma aula em que a pessoa caminha, uma aula em que a pessoa está ali buscando o tempo inteiro que você esteja com ela, do que uma aula em que a pessoa está parada na frente do quadro com um gizinho na mão falando.” (Estudante codinome Peixe Lua)

“Eu acho que o que pode ser uma aula dinâmica para mim pode não ser para ela ou para ele. Por exemplo, na outra questão eu não marcaria a aula expositiva dialogada, eu marcaria a do trabalho e exercícios, porque para mim é muito melhor o professor passar o conteúdo no quadro, dar um roteiro para eu fazer, para eu poder complementar para ver se eu entendi ou não. Para mim, funciona assim. Para mim, isso seria uma aula dinâmica. Teve um tempo que um certo professor pegava e passava um conteúdo no quadro e dava tempo para fazer exercício, para ver se a gente tinha entendido. Isso para mim era uma aula dinâmica, porque me prendia e eu rendia nesse tipo de aula. Não seria para mim a mesma coisa se ficasse a aula inteira explicando e numa parte da aula eu me perdesse.” (Estudante codinome Pirambóia)

“Para mim é o exemplo desse mesmo professor citado, o jeito que ele dá aula, de um jeito mais bem-humorado, conversando, brincando. Deixa a aula legal, sabe, mesmo que você não goste da Matemática, você vai prestar atenção nele.” (Estudante codinome Tilápia)

“Ah, aula dinâmica para mim... o conceito seria diferente do que vocês falaram. Na verdade, pra mim seria mais os alunos se envolvendo na aula. Acho que na parte dinâmica está mais nos outros se envolverem na aula do que só o professor estar passando no quadro o assunto, jogando o conteúdo para você e ninguém anotando, meio que todo mundo “morto”. Porque entra na tua cabeça, mas não fica fixo o conteúdo, pois você não está debatendo, você não está falando. Algumas matérias não dão para fazer isso, como Física, por causa das fórmulas. Mas, eu acho que dinâmica é muito mais você pegar o conteúdo e fazer um debate com toda turma sobre o conteúdo. Igual em Matemática que ele costuma envolver todo mundo na aula dele, acho que dinâmica é isso.” (Estudante codinome Manjuba)

“Também tem a aula de outro professor, que mesmo que eu não concorde muito com ele às vezes, eu acho o jeito dele muito bom, porque ele explica a matéria, depois ele faz um debate e a turma debate entre si. Eu acho isso bem “massa”. Ou um júri simulado em que todo mundo vai ter que falar.” (Estudante codinome Tilápia)

“A gente estava vendo a questão do núcleo de Humanas, as duas professoras de História trouxeram dois textos. Enquanto uma trabalhou o texto de neoliberalismo, em uma aula expositiva mais dialogada, que também foi interessante porque o tema é interessante, a outra fez um debate sobre terceirização. Então, ao mesmo tempo que ela explicava, tinha esses dois lados: quem era a favor e quem era contra e isso fazia você querer escutar o que os outros estavam falando para você poder concordar ou discordar.” (Estudante codinome Peixe Beta)

<sup>13</sup> A noção de “dinamicidade” e de “reinvenção da escola contemporânea” pode ser desdobrada posteriormente a partir da fala dos alunos. Eles apresentaram várias questões que desnaturalizam alguns dos imperativos do nosso tempo sobre os jovens e a juventude na relação que estabelecem com o conhecimento e com a aula. A importância do silêncio e da disciplina em alguns momentos, a complexidade da dinamicidade – que pode ser evidenciada em uma aula expositiva, por exemplo – e das relações que se estabelecem nos processos de ensino e aprendizagem são pistas que nos auxiliam a aprofundar alguns dos discursos que se naturalizaram na Contemporaneidade.

Ainda sobre a relação ensino e aprendizagem, foram analisadas em conjunto as questões abertas n.º 11, 15, 16 e 17, que trouxeram como questão central a organização e uso do tempo para se dedicar aos estudos. Vários estudantes indicaram se organizar por prioridade de matérias (mais exigentes / mais importantes / mais interessantes); alguns não organizam; outros estudam somente para as provas na véspera; por meio de cronograma de estudos semanal; de acordo com as aulas do dia; por meio das tarefas solicitadas todos os dias; 2 a 3 horas/dia com intervalos; muitos colocam o estudo em segundo plano, não estudam ou estudam em cima da hora, quando querem, à noite (a última coisa do dia), dando prioridade para as atividades extracurriculares. Muitos ressaltaram o desafio de lidar com o tempo das outras coisas que fazem na vida, além do estudo; alguns conseguem priorizar o estudo com horários e estratégias organizados, mas outros deixam-no por último.

Os estudantes da 2ª série do Ensino Médio admitem que não priorizam muito os estudos, devido à pressão ser menor. Eles priorizam muito mais a vida social, o Inglês, o esporte, etc., usam formas simples de se organizar, mas que não remetem a um grau elevado de comprometimento. Ainda se consideram distantes das disciplinas que apresentam dificuldade ou não revelam afinidades, priorizando aquelas com as quais se identificam mais, o que gera uma ansiedade maior pela exigência que a 3ª série impõe ao cobrar o domínio de conhecimento das diversas áreas. Alguns entraves relativos a método de estudo e conceitos básicos de cada área são deixados de lado pelos estudantes, sendo realmente encarados no último ano do Ensino Médio, quando a exigência em várias dimensões aumenta, destacando-se a psicológica e emocional dos jovens.

“Acho que pela pressão ser menor a gente acaba não priorizando tanto os estudos. Eu percebo até com a convivência que eu tenho. No meu círculo de amizade, eles priorizam muito mais a vida social, o Inglês que têm à tarde. Ela falou que antecipa na segunda-feira, faz as tarefas que tem para terça e tal para não deixar tudo acumular. Eu não vejo gente do segundo ano fazendo isso, não sei se é por ter uma organização... cronograma, para mim não funciona. Eu escrevo o que eu tenho que fazer no dia, mas cronograma de tal horário, eu tenho que fazer isso aqui e tal, não funciona. Igual ela falou, não consigo estudar uma matéria ali, tenho duas horas para estudar química e vai que eu não consigo fechar e acabe deixando algumas dúvidas... aí não adiantou nada. Acho que também eu não consigo estudar quando eu estou pressionada; acabo priorizando mais matéria que eu sinto afinidade do que aquelas que eu tenho dificuldade.” (Estudante codinome Manjuba)

“Acho que alguns acabam focando muito no esporte e acabam esquecendo de estudar... não esquecendo... sei lá! Você estuda, mas você estuda coisas que não interessam. Eu foco bem mais no esporte.” (Estudante codinome Tilápia)

“Ela disse que prioriza as coisas que mais gosta, mais tem afinidade. Eu tive muita dificuldade, também, bem no começo do ano, pois eu estudava matérias que eu não gosto. Tanto é que no ano passado eu levava tudo meio nas ‘coisas’, e agora para revisar está muito mais complicado. Mas agora eu entendo a importância de priorizar matérias que eu tenho dificuldade e não as que eu tenho facilidade.” (Estudante codinome Peixe Beta)

A ideia da procrastinação vem muito à tona nas falas dos estudantes, sendo muito difícil priorizar as tarefas e estudos em relação a tantas demandas e dispersões que possuem. Muitos conseguem se organizar para “ficar livre” logo das atividades escolares e outros retomam a questão da preguiça como um fator difícil de ser superado e que prejudica o ritmo e o aproveitamento do tempo para o estudo. Indicaram a tentativa de uso de um cronograma de estudos, com muita dificuldade em colocá-lo em prática.

Os estudantes que estão na 3ª série do Ensino Médio (Terceirão) ou que já passaram por ela consideraram que esta série impõe uma dimensão de término de uma etapa e início de outra que provoca muito mais os estudantes. Eles consideram que “a ficha só cai” quando chegam no Terceirão, tomando consciência de coisas que não faziam antes e que precisam aprender logo, pois agora, no contexto em que estão inseridos existe uma urgência, uma exigência imediata sobre seu processo de estudar, conhecer e aprender, além de um objetivo direto como a entrada na Universidade e a escolha de um curso e uma profissão. Então, o foco, o objetivo muda a forma como os jovens encaram a dedicação de seu tempo ao estudo.

“É chegar no Terceiro ano e falar: putz, se pudesse fazer tudo de novo, eu faria completamente diferente.” (Estudante codinome Peixe Lua)

“Tem aquele negócio, também, que na Terceira série é assim, pelo menos comigo nos outros anos não foi assim. A gente estava em um nível aqui e daí a gente estava conseguindo fazer as coisas da escola e tudo bem, e estava tendo vida social e estava tendo saúde mental, tudo certo. Só que, na Terceira série isso sai daqui e vai pra cá e você tem muita convivência com as pessoas na escola, muita convivência com tudo, com todo o espaço! Tem mais matéria porque tudo tem dois, matemática um, matemática dois... tudo fica muito intenso. Não é que você não tem tempo, você tem muita coisa para resolver, muita gente para conviver toda hora e você ainda tem que se alimentar, dormir, comer...” (Estudante codinome Peixe Dourado)

“É tipo aquela cena em Piratas do Caribe em que o Jack Sparrow está correndo e tem um monte de gente correndo atrás dele e cada uma dessas pessoas tem alguma coisa que você tem que fazer e está todo mundo correndo atrás dele!! Ele está desesperado, correndo, entendeu? É mais ou menos essa situação.” (Estudante codinome Peixe Lua)

“É muito nítida a diferença de como tudo parece que fica mais intenso. Você perder um amigo no segundo ano é uma coisa, você perder um amigo na terceira série é uma coisa completamente diferente! É como se você estivesse perdendo um pedaço de você. Parece que tudo que as pessoas significavam para você, multiplica, triplica! Todos os sentimentos ficam muito mais absurdos no Terceirão. Porque parece que tudo recai em cima de você, como se você tivesse a quarenta metros de profundidade debaixo da água. A pressão vem de todos os lados. Parece que você não consegue achar um lugar para esvaziar tudo, e quando você consegue achar isso e ao mesmo tempo, ter uma saúde mental boa, ter um espaço para você ter o seu lazer, sair com os seus amigos e ao mesmo tempo você ser, tipo super estudado... eu não consigo fazer isso.” (Estudante codinome Peixe Lua)

“Esse ano a minha prioridade é o estudo. Mas desde o começo do ano, eu nunca vou deixar isso passar dos limites, até porque a minha saúde mental é muito mais importante do que qualquer coisa. Então, eu continuo praticando atividade física, fazendo dança que é algo que eu gosto muito, mas eu entendo que tem vezes que eu vou ter que deixar de ir para ficar estudando.” (Estudante codinome Peixe Beta)

Demandas de ordem emocional e psicológica intensificam consideravelmente nesse último ano do Ensino Médio, trazendo desafios que conjugam com as questões pedagógicas, tanto a nível metodológico como conceitual de cada área do conhecimento, tornando este um período de maior exigência para o jovem em várias dimensões. A questão das escolhas sobre um estilo de vida e profissão, na construção de um projeto de vida, revela-se como mais um fator de pressão e conflito por que muitos passam nesta etapa.

Na conversa final com todo o grupo, foi nítida a necessidade de haver uma regulação por parte da Escola sobre os processos colocados aos estudantes, como a importância de favorecer o cumprimento de seus objetivos escolares. Nesse âmbito, evidencia-se porque a aula expositiva dialogada foi a mais votada como a melhor forma de aprender, se manter atento e motivado na aula, pois existe um mediador que é o professor e este regula os sujeitos aprendentes. Já nos trabalhos em grupo, em que a dispersão por vários motivos se revela maior, exige um autocontrole, uma autorregulação mais eficiente por parte deles e isso para muitos ainda é desafiador. A importância do professor enquanto um sujeito do processo de construção de conhecimento pelos estudantes é muito destacado pelo grupo, enxergando a necessidade da ajuda e do cuidado no acompanhamento deles.

Quando foi solicitado que propusessem sugestões ao Colégio, foi enfática a questão de necessitarem de reforço positivo por parte dos professores e educadores em geral, sobre a importância de cada um, de seu processo crescente de estudo e comprometimento e de que eles são mais que uma aprovação no Vestibular. A dimensão do cuidado com cada um se revelou muito importante e necessária aos estudantes, principalmente pela pressão que sentem quando o Ensino Médio vai se aproximando de seu término.

“Alguns professores acabam cobrando muito mais, botando muita pressão na gente e a gente acaba querendo fazer tudo e acaba não fazendo nada.” (Estudante codinome Manjuba)

“É tentar mostrar para os alunos o quão importante eles são! Não que vocês não façam isso, mas tentar mostrar para os alunos, principalmente quem não chegou no Terceirão ainda, quão importante é eles terem essa dedicação desde já, porque senão eles vão chegar no Terceirão e vão sofrer muito. Eu digo isso porque foi uma coisa que aconteceu comigo. Eu nunca senti antes uma pressão tão grande quanto eu senti no Terceirão em relação ao conteúdo. Eu nunca me senti... eu nunca entrei para uma aula de Física, no primeiro e no segundo ano, falando: Putz, eu acho que eu não aprendi isso agora, eu acho que eu vou me enfiar lá na frente. Não, aí quando acabou a última prova do conteúdo, eu falava: graças a Deus, agora vem outro conteúdo para eu aprender! Era uma coisa que eu pensava assim: Ah, eu não entendi agora, mas quando eu chegar no Terceirão, eu vou entender. Eu pensava desse jeito, então, é bom deixar isso bem claro para os alunos já darem importância para todas as matérias desde o começo. Porque, senão ... é como se você quisesse construir um prédio sem construir o primeiro andar.” (Estudante codinome Peixe Lua)

“Acho que um pouco mais do que isso que ela falou, é mostrar para os alunos, talvez no final do segundo ano e do terceiro também, que nós somos mais do que uma aprovação no vestibular. Porque eu não sinto pressão na minha

casa, meus pais são muito tranquilos em relação a isso. Eu sinto pressão vinda de mim e do ambiente, porque todo mundo aqui está com o mesmo foco. Eu sei que os professores querem sempre que a gente passe numa Federal, mas eu sinto muito mais pressão vindo da parte deles do que de fora. Então, mostrar que a gente está aqui para isso, é esse o nosso objetivo, mas que se você não conseguir alcançar, porque muitas pessoas não vão conseguir alcançar nesse ano, está tudo bem.” (Estudante codinome Peixe Beta)

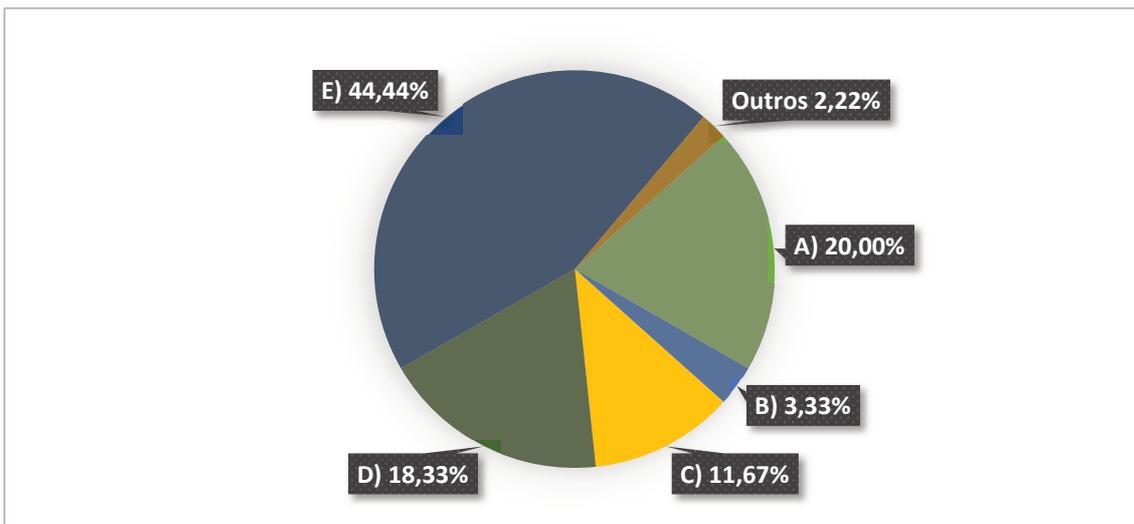
O cuidado com a relação entre a aprendizagem do estudante, sua autoestima e a influência exercida pela forma como o professor se relaciona com eles a partir do conhecimento trabalhado na disciplina que lhe cabe, foi fortemente indicado pelos estudantes.

É, então, um desafio para a Escola pensar em como movimentar esse jovem que ainda não chegou na 3ª série para tentar adiantar alguns processos que poderiam favorecer seu aprendizado e diminuir a pressão que sofrem. O mais emergente para o grupo se revelou não ser o método que a Escola e cada professor utiliza, se ele usou roteiro, aula expositiva ou debate, mas o cuidado na forma como faz, como age em relação a cada estudante, às suas dificuldades e potencialidades.

Lembrando que o jovem contemporâneo traz diferentes percepções, vivências e relações com o contexto cultural e social em que se encontram e se constituem na modernidade líquida (Bauman, 2001), na busca de melhor compreendê-los, a terceira temática proposta para ser aprofundada nesta pesquisa foi referente ao uso do tempo pelos jovens de Ensino Médio e a relação com a internet e a aprendizagem. Esta foi aprofundada no 4º encontro do grupo, levando-se em consideração quatro perguntas do questionário: n.º 1, 8, 9, 12 e 13, que serão detalhadas a seguir, usando os dados gráficos para aquelas de múltipla escolha.

A questão n.º 1 solicitou assinalar a opção que mais se relacionava com o dia-a-dia dos jovens de Ensino Médio e as respostas do questionário revelaram: 44,4% acessam com mais frequência sites da internet para divertimento e mídias sociais (alternativa E); 20% gostam de ler livros de romance ou ficção, de poesias, jornais e revistas em geral (alternativa A); 18,3% se mantêm atualizados por meio do acesso a sites da internet (alternativa D); 11,7% se mantêm informado(a) escutando noticiários e telejornais (alternativa C); e 3,3% indicaram ler livros no e-book ou no Ipad (alternativa B). Outras respostas não relacionadas às alternativas propostas representaram 2,2%.

Gráfico 8 – Questão 1



O grupo analisou que a maioria das alternativas propostas na questão n.º 1 se relacionavam e traduziam a realidade de muitos estudantes, com exceção da opção relacionada a se manter informados escutando noticiários e telejornais. Consideraram que acessam notícias, revistas digitais ou jornais por meio do Facebook e do Twitter, pois assistir televisão é algo raro para muitos deles. Defenderam que o acesso às mídias sociais, mais usadas para divertimento, favorecem sua atualização a respeito das notícias. A leitura de livros por meio de Ipad, e-books ou pelo próprio computador foram fortemente destacadas por eles. Na visão deles, somente entre os estudantes da 3ª série do Ensino Médio se poderia considerar que focam mais nos estudos que nas opções relacionadas nessa discussão, deixando inclusive o celular em segundo plano.

“Todos os jovens hoje passam muito tempo nas redes sociais.” (Estudante codinome Arraia)

“Eu leio no e-book e também tem os PDF na internet. Melhor coisa é achar um livro inteiro em PDF que você não precisa pagar nada. Eu fiz isso no vestibular inclusive, eu baixei todos os livros que caíam no vestibular e eu baixei no Kindle, e li todos no Kindle. Eu não assisto jornal, não assisto TV. Não assisto televisão há muito tempo, na verdade eu estou me forçando a assistir...” (Estudante codinome Peixe Lua)

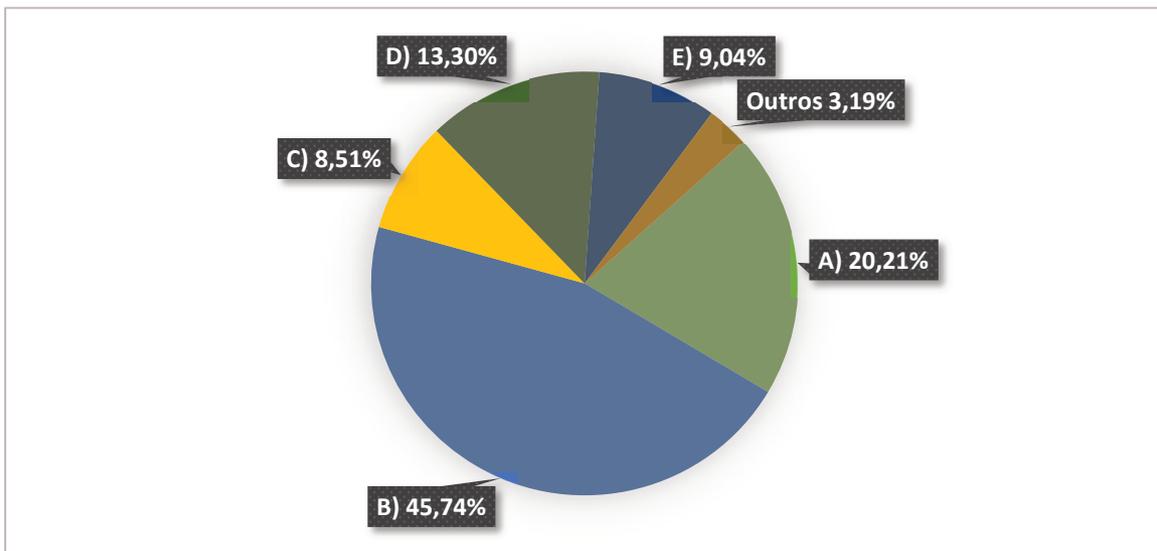
“Assisto TV pra me manter informado também, mas é que eu prefiro ler o jornal, apesar de não ter tempo pra ler o jornal... eu leio jornal normalmente de manhã, só que de manhã eu estou indo pra aula, mas nos finais de semana dá tempo... mas assistir televisão é muito raro.” (Estudante codinome Arraia)

“Sabe quando justamente no Face passa aquela notícia e daí você entra? Então, é mais ou menos isso que eu faço. Eu lembro que eu gostava de ver notícia no Twitter... eu seguia o Estadão, mas eu comecei a seguir um monte de jornais no Twitter e eu lia as notícias lá, até hoje eu faço isso.” (Estudante codinome Peixe Lua)

“Eu acho que pelo menos a fase que a gente do terceiro ano está passando, a maioria das pessoas deveria focar no estudo de alguma forma.” (Estudante codinome Arraia)

A questão n.º 8 abordava a busca dos jovens pela internet, tendo como resultados: 45,7% indicaram o acesso às mídias sociais e sites específicos, nas possibilidades de acesso a uma grande variedade de informações (alternativa B); 20,2% às mídias sociais nas possibilidades de novas relações (alternativa A); 13,3% a busca por jogos digitais como passatempo e divertimento (alternativa D); 9% a busca por sites de busca, de compras e relacionamento (alternativa E); 8,5% a leitura de livros (e-books) e artigos relacionados a sua área de interesse (alternativa C); e 3,2% indicaram outras opções diferentes das relacionadas nas cinco alternativas.

Gráfico 9 – Questão 8



A respeito da busca dos jovens pela internet, o grupo analisou a questão n.º 8 em que a alternativa relacionada à busca pelas mídias sociais e sites específicos, nas possibilidades de acesso a uma grande variedade de informações, incluía todas as outras. Apontaram que o acesso às mídias sociais associado ao divertimento e lazer se torna “automático e viciante”, pois ficam horas mexendo no celular ou no computador e não fazem o que deveriam fazer.

“A gente tem muito acesso a informação, mas a forma como esse acesso se dá é muito rápido e superficial de alguma forma, então, na escola acaba sendo reflexo das dificuldades. Acho que essas novas gerações tendem a ficar sentados na sala de aula para assistir isso. Hoje todo mundo pelo menos tem essa consciência de que se tornou mais difícil assistir a uma aula, exatamente pelo excesso de informação e como a gente se relaciona com ela. Então,

um site na internet você vai pegar, vai ter uma animação e vai ser passageiro; muito difícil você se aprofundar e mesmo que você tenha interesse por aquilo, você vai ler uma reportagem que vai durar dois minutos da sua vida e mesmo assim aquilo não é absorvido. Aí que está a grande questão, às vezes a gente tenta fazer isso no estudo, mas não dá certo, porque vai ser tão passageiro quanto um vídeo no seu Facebook ou um post.” (Estudante codinome Arraia)

“É por isso que é tão maçante pra gente ficar 50 minutos sentado assistindo a uma aula; porque a gente está sendo submetido a um conteúdo contínuo, sabe? Enquanto que a gente tem uma maior porcentagem do tempo sendo submetido a informações muito mais rápido do que quando a gente está dentro da sala, esperando o professor falar tudo.” (Estudante codinome Peixe Lua)

“Por exemplo, entra no Face, tem lá um mundo de notícias e normalmente a gente nem entra pra saber o que é aquilo mesmo. A gente vai só vendo... é só ler a manchete. A gente vai tendo muita coisa junta e acaba se atualizando.” (Estudante codinome Peixe Colisa)

“Mas, eu acho isso muito ruim. A gente encara agora isso como conhecimento só que não é isso! Não saber, não saber de muita coisa...Você viu uma notícia sobre aquilo que você leu muito rapidamente só que é muito passageiro; eu acho que é um reflexo...hoje está acontecendo alguma coisa e você pode pesquisar, mas amanhã vai ter milhões de informações a mais daquilo. Então, é um reflexo da própria informação que a gente tem hoje, que a gente tem informação de todo mundo com uma velocidade muito grande, com uma quantidade também muito grande. Você vai ter acesso a informação no dia seguinte, ela já não é mais válida, pois vai ter acesso a outras informações.” (Estudante codinome Arraia)

A dispersão provocada pelo bombardeio de informações com extrema velocidade, é refletida em todo processo de aprendizagem, formal e informal, dos jovens de Ensino Médio, gerando cansaço, banalização e dificuldade em se concentrar e aprofundar temáticas relacionadas no processo escolar. Essas questões foram estudadas no Capítulo 3, indicando a necessidade da escola reconhecer os sujeitos desse tempo e, ao mesmo tempo, problematizar a forma contemporânea de viver.

“É, mídias sociais e tal, isso toma muito o nosso tempo, e a gente percebe, mas a gente não consegue, a gente não consegue parar e ir estudar rapidinho! Aí você já baixa o *feed*, aí você começa loucamente curtir as coisas. Aí quando você vê, ficou três horas mexendo no negócio e você não fez nada do que tinha pra fazer! E é algo viciante, porque quando você está naquele processo de estudo, quer algo mais, não mecânico. Mas não é tão interativo e rápido, não é? Então exige uma concentração que a gente não tem, é fato. A gente está acostumado a atualizar o negócio super rápido. E acho que a ansiedade também, isso é uma coisa muito forte, para mim pelo menos, muito.” (Estudante codinome Arraia)

“A característica da geração atual é a ansiedade.” (Estudante codinome Peixe Lua)

“E você não dá o valor para as informações. E por isso que eu acho que justifica também algumas pessoas terem tanta dificuldade em às vezes prestar atenção em sala. Não só pela questão de você não ter uma concentração, mas a forma como você lida com essa informação. Você é bombardeado toda hora, você abre seu Facebook e vídeo, é não sei o quê, postagem, e você não dá importância, e isso acaba refletindo na sala de aula, de não dar a mesma importância para a matéria, enfim.” (Estudante codinome Arraia)

Nessa conversa, foi perceptível a inadequação entre o acesso fácil, frequente e rápido que a maioria tem e o contraponto posto pela Escola, ao buscar aprofundamento e análise, que

visam favorecer níveis mais avançados de aprendizagem, saindo do senso comum. Porém, há um vácuo nessa relação, por mais alternativas que a Escola possa estar buscando, ainda se mostra necessário compreender como conseguirá aproximar a proposta de Educação ao mundo do jovem na contemporaneidade. Aspectos relativos à atenção aos estudantes, nas várias dimensões que o integram, destacando-se aqui a dimensão sócio-emocional-afetiva, considerando a rapidez e a fluidez inerentes ao contexto contemporâneo, se revelam urgentes de serem encarados e trabalhados na e pela Escola.

Masschelein e Simons (2017) defendem que

a formação tem a ver com a orientação dos alunos para o mundo como ele é construído para existir no sujeito ou na matéria, e essa orientação diz respeito, principalmente, à atenção e ao interesse para com o mundo e, igualmente, à atenção e ao interesse para com a própria pessoa em relação ao mundo. (p. 47)

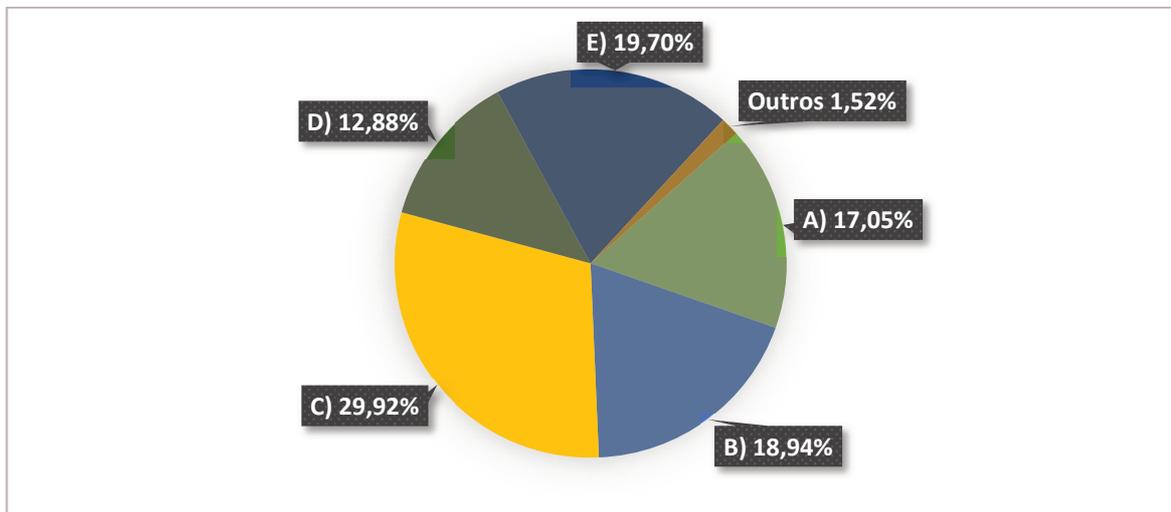
“O fato da gente ter o acesso a informação, isso é muito mais complexo, mas a gente tem acesso a muita informação... querer que a gente saiba tudo sobre tudo também é um problema de alguma forma, sabe? Ah porque de alguma forma há um aprofundamento no Ensino Médio, mas você devia ter um aprofundamento muito maior na faculdade, por exemplo, mas é específico, mais específico do que agora. Agora a gente tem que saber coisas que são muito complexas e às vezes exigem um conhecimento que a gente não tem ainda de como entender aquilo de uma outra forma e a gente é massacrado para tentar compreender. Ou seja, a gente acaba decorando, enfim, entendendo por cima. Mas, o sentido daquilo ali a gente perde, não tem como.” (Estudante codinome Arraia)

Muitos do grupo ressaltaram a importância de o professor aprofundar os conteúdos abordados, contextualizando mais e relacionando com temáticas relativas ao dia-a-dia, aos fatos a nível local e global. Nesse sentido, é interessante perceber que esse já é um movimento realizado no Colégio Medianeira por vários professores em suas disciplinas, porém, fica evidente a falta de percepção dos estudantes sobre essa ação. Outros ainda problematizam ao expor a insatisfação de vários quando algum professor começa a relacionar e contextualizar mais, exemplificando e discutindo certas questões, como se esse movimento não significasse “aula”, questionando se é pauta dos vestibulares e ENEM. Isso revela olhares e expectativas diferentes pelos estudantes de Ensino Médio, e ao mesmo tempo daquilo que o Colégio oferece e prioriza em termos de foco e função maior de sua proposta pedagógica. Ou seja, ao mesmo tempo que a expectativa é imediatista (terminar o Ensino Médio e passar no vestibular), mesmo o Colégio Medianeira não tendo o foco somente nisso, há uma cobrança muito forte sobre o preparo para o vestibular. A proposta pedagógica do Colégio Medianeira traz a preocupação com a formação integral do estudante, superando o fato pontual da entrada na Universidade e buscando sim, uma preparação ampliada, nas várias dimensões que integram os sujeitos da construção do conhecimento. Percebe-se, então, que há uma dicotomização entre a função de

aprofundar e estabelecer análises mais consistentes sobre os variados tipos de assuntos tratados, relacionando com a atualidade com os conteúdos estabelecidos por meio do currículo de cada série, e a “necessidade imediata” imposta culturalmente sobre ter que dar as fórmulas, os macetes para favorecer a aprovação nos exames vestibulares. Portanto, é importante destacar que a contradição não está só na Escola, mas também em nossa própria cultura em relação ao que se quer e à forma como somos “ensinados” a repetir o padrão.

A questão n.º 9 focou no uso da internet como recurso pedagógico tanto na escola como em casa e as respostas do questionário indicaram: 29,9% acessam vídeo aulas que complementam as explicações dos professores e tiram dúvidas sobre conteúdos mais exigentes (alternativa C); 19,7% acessam sites de busca para colaborar na execução de tarefas e exercícios em sala de aula e em casa (alternativa E); 18,9% acessam para pesquisa relacionada a trabalhos específicos das disciplinas ou dos núcleos das disciplinas (alternativa B); 17% acessam para pesquisas de conteúdos relacionados aos abordados em sala de aula (alternativa A); 12,9% acessam sites que visam o aprofundamento de temáticas relacionadas a áreas de meu interesse (alternativa D). Outras opções diferentes das propostas somaram 1,5% das respostas.

Gráfico 10 – Questão 9



Sobre outras possibilidades referentes ao uso da internet como recurso pedagógico, abordados na questão n.º 9, houve destaque ao acesso a vídeo aulas, na perspectiva de complementar as explicações dos professores ou retomar assuntos não compreendidos com um outro tipo de linguagem que consideraram ser favorável. Defenderam vídeo aulas como uma

das estratégias de aprendizagem mais acessadas, complementar às explicações de sala de aula e indicando a realização de exercícios após o acesso e interação com as mesmas.

“Para mim, eu acho que todos os tópicos (questão 9) se relacionam porque, por exemplo em Física, eu não entendia quase nada no segundo ano, então eu pegava e assistia vídeo aula, pelo menos um dos tópicos. Aí eu já pegava outro conteúdo que me ajudaria, então, acho que as coisas iam ligando.” (Estudante codinome Bluegill)

“É, mas pra ver vídeo aula, eu tenho que ter tido uma base com o professor na aula. Assistir vídeo aula é quando você tem uma dúvida e quer ver de novo. Mas, se você do nada for ver uma vídeo aula de um assunto que você nunca viu, você não vai aprender nada.” (Estudante codinome Sardinha)

“É como você aprende, sabe? Eu não consigo aprender só ouvindo, eu sempre tinha que estar anotando, fazendo exercício...” (Estudante codinome Peixe Lua)

Alguns criticaram o uso da internet para a realização de exercícios, pois instigam à cópia e não geram interação do estudante com o conteúdo, acomodando-o e não o levando a buscar o professor para tirar suas dúvidas. Outros consideraram importante ter a resolução correta ao acessar sites com exercícios, principalmente de vestibulares, pois favorecem a compreensão do processo e geram movimento de busca e estudo. A importância do professor – vídeo aula apenas como um apoio – ficou evidente no posicionamento dos estudantes.

“A gente estava falando no nosso grupo que ao mesmo tempo que é bom, não é, porque, por exemplo, a gente pode buscar no site exercícios e tal, mas não que você vá copiar. Mas, por exemplo, eu não estou conseguindo fazer esse exercício, eu fiz errado e não deu nada. Daí a pouco vou buscar a resposta e vou olhar também a resolução e isso te impede de ir lá e tentar... de ir lá e fazer de volta o que é que você deveria fazer. Esse tipo de exercício por mais que você leia a resolução, se ele cair de volta, a chance de você cometer o mesmo erro que você cometeu, é muito grande, porque você não foi lá e aprendeu a fazer sozinho. Você já viu a resolução pronta pra entender.” (Estudante codinome Peixe Colisa)

“Eu acho que você pode fazer e já ver, mas também se você ficar parado no exercício, você olhar por exemplo a resolução, mesmo que você não conseguiu fazer esse exercício, você vai ver qual foi a saída que o cara teve, por exemplo e perceber onde está errando. Você vai ver a resolução e ver qual foi a saída e, como você está estudando, geralmente, no exercício que você está fazendo segue a mesma linha.” (Estudante codinome Peixe Lua)

Em relação às atividades realizadas pelos estudantes durante a semana (questão n.º 12) e às prioridades sobre o uso do tempo fora da escola (questão n.º 13), os jovens têm preferência pela prática de atividade física ou esportiva, aulas de Inglês, Música, psicoterapia, ir à Igreja, estudar ou simplesmente indicam fazer nada. Para os estudantes da 3ª série do EM é nítida a prioridade em relação aos estudos no seu tempo fora da escola. Para os demais de outras séries, alternam-se as prioridades entre estudo, academia ou esporte, sair com os amigos, dedicar tempo para a família, descansar e dormir, bem como usar o celular e acessar as mídias sociais,

assistir séries, filmes e jogos digitais. Muitos indicam a procrastinação como algo comum em seu dia-a-dia, sendo facilmente envolvidos pelo celular.

“Se eu falasse que eu priorizo os estudos eu estaria mentindo. Eu passo muito tempo mexendo no celular, não fazendo nada.” (Estudante codinome Manjuba)

“Prioridades para mim eu acho que é ... esporte e estar com meus amigos, e lazer também, descansar um pouco, assistir série, esse tipo de coisa.” (Estudante codinome Bluegill)

“Ano passado eu acho que eu mexia bem mais no celular do que esse ano. É que eu mexo bastante no celular. Só que eu estudo bastante também. Eu chego em casa e eu tenho que estudar para poder mexer no celular. Eu estudo tudo que eu tenho para estudar, faço as tarefas e tal. E depois eu vou mexer. O tempo que sobra é o tempo que eu mexo. Então, a minha prioridade mesmo é o estudar.” (Estudante codinome Peixe Colisa)

“Ano passado também, ano passado eu não priorizava, eu saía e tal. Porque eu decidi levar meu Terceirão de um jeito diferente, um jeito que eu não esperava que fosse me fazer falta. E aí eu fiz as coisas diferentes e agora me arrependo. Mas eu aproveitei.” (Estudante codinome Pirambóia)

“No Terceirão, eu acho que o que eu mais fazia era estudar para o vestibular. No segundo ano era o esporte, sair com os amigos, dormir e passar tempo com a família.” (Estudante codinome Peixe Lua)

No 5º e último encontro do grupo, buscamos fazer uma síntese das conversas anteriores e propor ideias e sugestões à Escola. Partimos de algumas opiniões trazidas nos encontros anteriores, em especial sobre as aulas, aspectos que as tornam cansativas e maçantes, ideal de aulas “dinâmicas”. Algumas contradições foram expostas, principalmente sobre a maioria dos estudantes ainda preferirem a aula expositiva dialogada e ao mesmo tempo reclamarem por aulas diferentes, com uma postura mais ativa destes. Novamente os estudantes expuseram considerar uma aula dinâmica aquela em que a interação professor-aluno acontece de forma favorável, provocando interesse e motivação pelos estudantes. Trouxeram um exemplo que vivenciaram há um ano, de uma aula de campo na chácara do Colégio, desenvolvida pelos professores do núcleo de Ciências e Matemática, no formato de um jogo. Destacaram a vivência propiciada a eles e a oportunidade de construir juntos, aplicando a teoria trazida pelos professores e livros, diferenciando de uma aula de laboratório em que a observação e a constatação prevalecem. Além disso, destacaram o trabalho em equipe, a necessidade que tiveram em se unir a pessoas que não tinham tanta proximidade e desenvolveram uma ação cooperativa e colaborativa. A competição entre os grupos também foi referenciada como positiva e estimulante ao processo de busca que todos deveriam fazer.

“Acho que ali funciona porque o próprio aluno tem que buscar as respostas; não tinha o professor dando aula; você não tinha nenhuma resposta; você tinha que partir de seus próprios conhecimentos, adquirir um novo e desenvolver.” (Estudante codinome Arraia)

“A ideia era que cada um colaborasse com alguma coisa que sabia fazer; entregava, corria, fazia as coisas ... então, com a colaboração em que cada um fazia alguma coisa, a gente conseguiu.” (Estudante codinome Bluegill)

“Foi incrível porque a experiência foi de fato de você colocar em prática e tentar aprender a partir da vivência. Mas foi uma vivência verdadeira, não foi como "vamos para uma aula de laboratório"; nada contra aula de laboratório, mas você não tem muito, você não está fazendo nada, é mais uma observação de alguma forma, você não constrói, você não cria. Eu lembro que tinha exercício de Física que você tinha que realmente fazer, você aprendia sobre torque fazendo um balanceamento com peso. Então, você estava construindo algo, você tinha que construir quase um ventilador (não é um ventilador) que mede a potência a partir do vento, não me lembro exatamente como era. Mas a gente tinha que fazer isso com rolha, enfim, com os materiais que eram dados. E a partir daí você obviamente tinha teoria, mas não era uma teoria falsa assim de "vamos só fazer para falar que foi feito", não, ela tinha sentido! Todos os dados você construía; era uma construção do próprio aluno e é diferente de uma aula de laboratório que às vezes o aluno não constrói, e ele acaba só absorvendo literalmente.” (Estudante codinome Arraia)

Outras ideias que surgiram foram a manutenção e ampliação das rodas de conversa, realizadas pela Orientação de Aprendizagem, dinâmicas e exercícios que trabalham a integração entre as pessoas, a confiança e a solidariedade na turma. Os debates e júri simulados realizados por alguns professores em algumas disciplinas, como Geografia na 2ª série e Filosofia e Sociologia na 1ª série, instigam os estudantes a estudar o conteúdo, se preparar para o momento da discussão, buscar argumentos e desenvolver uma crítica a respeito da temática proposta. As estratégias mais defendidas por eles são aquelas que conseguem significar e dar um sentido ao contexto dos jovens de Ensino Médio. Sugestões de realização de debates por outras disciplinas, como o Inglês, foram destacadas, inferindo que uma estratégia que instiga o lúdico, pode promover maior adesão e participação do grupo.

As atividades realizadas ao ar livre, especialmente na chácara do Colégio em outro município mais retirado, foram destacadas como muito prazerosas, despertando aspectos relacionais e de integração que são muito valorizados por eles. O fato do sinal do celular não pegar lá ou pegar muito mal, não oportunizando acesso à internet e às mídias sociais, foi defendida como muito interessante na promoção de momentos de interação direta com o outro, com a turma e com a natureza. O próprio espaço do Colégio, com tanta área verde e espaços diversos direcionados ao esporte, convivência e demais atividades pedagógicas, é um diferencial e uma grande qualidade na visão de muitos. Ressaltaram que este é um diferencial positivo do Colégio Medianeira em relação a tantos outros em Curitiba, destacando ser importante aproveitarmos mais esses espaços e recursos naturais. Os estudantes também trouxeram fortes referências a atividades realizadas em séries anteriores, como as aulas de campo realizadas no 6º e 7º ano do Ensino Fundamental II (ex.: Jornada Curitibana e Jornada Paranaense, desenvolvidas de maneira interdisciplinar).

Evidenciou-se a importância sobre as relações entre os estudantes e destes com os professores e com a escola em geral, da ação colaborativa nos processos e interações existentes nesse aprender informal. Os aspectos relacional, afetivo e emocional dos jovens se revelam como fundamentais ao seu desenvolvimento e indicam à Escola estabelecer outros olhares a estes, propiciando alternativas e espaços de atenção e cuidado. Por outro lado, os outros processos de aprendizagem mais formalizada, via currículo das disciplinas, como os exemplos trazidos na conversa, relativos à área de Ciências e Matemática, às atividades na chácara do Colégio, a “Jornada Curitibana”<sup>14</sup> e a “Jornada Paranaense”<sup>15</sup>, que relacionavam várias disciplinas (Geografia e História neste caso), se revelaram como muito significativos, indicando sugestões de ampliação e inserção em outros contextos e disciplinas.

As disciplinas de Inglês e Educação Física foram fortemente problematizadas na discussão, em que críticas e sugestões apareceram na perspectiva da carência de sentido e significado que as mesmas traduzem no contexto atual via currículo escolar, o que por vezes têm gerado resistência e desvalorização pelos estudantes.

“É uma realidade, Inglês e Educação Física acabam tendo um valor menor nas horas de alguns, exatamente pela questão curricular, como o que eu preciso para passar no vestibular, entendeu? É esse tipo de coisa. Claro que tem pessoas que já fizeram curso de Inglês e já tem muito mais facilidade, então aqui perde o sentido. Mas também, às vezes, é só uma forma, como Educação Física é um momento de você não fazer nada, que não se considera como matéria. Isso eu acho que é um problema mais de significado, pois uma vez que o colégio adota a Educação Física como matéria, ela tem que ser tratada como tal. Mas eu não acho que devia ser; devia ser um momento para a gente extravasar mesmo, como era antigamente.” (Estudante codinome Arraia)

“Mas o problema de Inglês é que metade da sala já fez curso de Inglês, então, ficar passando palavras no quadro não vai adiantar nada. E o resto teve isso daí durante a vida inteira, só isso, mas teve isso. Ou seja, você está lá sentado vendo as palavras; não vai te dar ânimo de aprender Inglês, porque você não está vendo resultado, você não está conseguindo ler um texto bem em Inglês, não está falando a língua inglesa. Então, a metade da sala não vai ligar porque já sabe e a outra metade não vai ligar porque não sabe. Vai ficar meio que nessa.” (Estudante codinome Sardinha)

“Eu não vejo sentido em aprender posição de futebol, vôlei, porque não é com o que eu me identifico, mas eu acho que a Educação Física é uma linguagem corporal e eu sinto falta de outras linguagens corporais, por exemplo, a dança, é muito importante. Eu acho que a gente fazia um trabalho de dança no 9º ano, mas aí acaba, sabe? E era muito legal. Eu acho que isso podia contribuir bastante para a formação, no geral, e não só ficar aprendendo todo ano a mesma coisa, porque é a mesma coisa todo ano. A gente a cada ano só aprofunda um pouquinho na posição do basquete, por exemplo, mas isso não faz muito sentido.” (Estudante codinome Peixe Beta)

<sup>14</sup> Jornada Curitibana é um projeto interdisciplinar desenvolvido com estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental II, em que várias imersões em lugares diversos de Curitiba ocorrem. Busca-se relacionar conteúdos das disciplinas curriculares com os contextos identificados e vivenciados por eles.

<sup>15</sup> Jornada Paranaense é um projeto interdisciplinar desenvolvido com estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental II, em que várias imersões em cidades paranaenses ocorrem. Busca-se relacionar conteúdos das disciplinas curriculares com os contextos identificados e vivenciados por eles.

Sugerem abordagens interdisciplinares, como com a Educação Física e Biologia, ao integrar a análise de certos assuntos que se comunicam, bem como a necessidade de maior valorização de algumas temáticas, como as que deveriam ser tratadas pelo viés da Educação Ambiental. Sugerem formato de oficinas opcionais aos estudantes, com abordagens diversas, dentre elas assuntos voltados à área da saúde, das finanças, de assuntos práticos do cotidiano, etc. Ficou nítido o quanto certas temáticas e estratégias já realizadas pelo Colégio não foram internalizadas ou não oportunizaram o devido sentido que era desejado.

Já a disciplina de Matemática apareceu como desafiadora, reforçando aspectos de dificuldades historicamente constituídas. Ressaltaram que a abordagem de Matemática Financeira é muito interessante, ao provocar maior relação com a prática diária social, significando a realização dos exercícios, tão fortemente utilizada na maioria das estratégias desta disciplina.

Muitos enfatizaram a necessidade de cada professor, por meio dos conteúdos relativos à disciplina que lecionam, buscar formas diversas e alternativas de ensinar, saindo do que chamaram de “zona de conforto”, ao indicarem sempre a mesma estratégia de ensino usada por vários. Ao mesmo tempo indicam o papel do estudante também, ao mudar de postura e interagir com as alternativas propostas, superando certos preconceitos e resistências. Ou seja, existe uma cobrança e uma responsabilidade sobre a Escola, sobre os professores, ao buscar alternativas para favorecer o processo de aprendizagem de seus estudantes. No entanto, ao mesmo tempo, existe um “pré-conceito” já estabelecido que também dificulta alguns processos, especialmente em algumas disciplinas, como foi destacado em algumas conversas do grupo. Portanto, há alguns desafios, como o de compreender o que os estudantes colocam como críticas, que são importantes, e também saber discernir e perceber a dinâmica desse processo, ao considerar os vários sujeitos da construção do conhecimento: o conteúdo propriamente (conhecimento específico de cada área), o contexto micro e macro, o estudante, o professor e nossa utopia enquanto Educação e visão de mundo.

Com a intenção de ampliar os mecanismos de escuta de nossos jovens estudantes, ainda no 5º e último encontro do grupo focal, foi solicitado a eles que escrevessem um texto com uma análise, ideias ou sugestões para a Escola, a partir das temáticas discutidas. Várias questões já sinalizadas nos encontros anteriores foram reafirmadas e evidenciaram que esperam da Escola mais que as aulas tradicionais expositivas, consideradas nas conversas e respostas do questionário, como a melhor estratégia de aprendizagem para a maioria. Expuseram insistentemente que gostam e precisam de aulas dinâmicas, reforçando o significado destas como aquelas que prendem a atenção do estudante, seja pelo professor que “puxa” os alunos

durante a aula ou pelo uso de métodos diferentes, como por exemplo, os debates, que são bem mais produtivos. Indicaram ser muito importante o professor diversificar suas aulas com diferentes métodos e estratégias, levando em conta que cada um aprende melhor de um jeito próprio e as formas de aprender estão em constante mudança.

O uso de vídeo aulas foi também muito destacado pelos estudantes como uma estratégia de complementação e esclarecimento de dúvidas sobre os conteúdos abordados nas aulas. Admitiram o aumento da dispersão em função do uso acentuado dos aparatos tecnológicos, provocando, dentre outros fatores, perda de foco nos estudos. Atribuíram em momentos diversos, o uso da competição como recurso motivacional para os estudantes, quer seja por meio de debates, de júri simulados ou outras alternativas de aulas que envolvam jogos e competições. Atividades que integrem a turma em um movimento de participação mutua e compromisso com o próximo no formato de oficinas ou debates, podem fomentar a convivência da turma, facilitando rodas de conversa, integração e trabalho conjunto com ação cooperativa e colaborativa.

“A escola vive em uma zona de conforto, pois precisa abrir espaços para outros métodos de ensino, como aulas mais dinâmicas e seu conteúdo aplicado, que não envolva só o professor em um quadro, mas que possibilite o envolvimento da sala, por meio de estratégias como o debate, oficinas. Tem que haver o comprometimento do aluno também.” (Estudante do Grupo Focal – não identificado)

A busca por espaços de conversa, troca e escuta, principalmente na sala de aula, foi indicada como recurso de identificação sobre os tipos de aulas mais proveitosas e que mais favorecem o aprendizado na visão dos estudantes. Questionaram como a Escola poderia tornar a sala de aula um espaço não só de aquisição de matérias e conteúdos visando o vestibular, mas também um espaço no qual o estudante fosse capaz de desenvolver as demais dimensões dos sujeitos, devendo esse aspecto ser levado em consideração pelos professores no preparo de suas aulas. Chamaram atenção para os cuidados com a saúde mental dos jovens, considerando hoje que um grande número tem manifestado alguns transtornos psicológicos ou psíquicos, tais como ansiedade, depressão, pânico, e consideraram que tem havido uma falta de apoio da escola nestas questões.

Destacaram que o avanço da internet e o acesso rápido a muitos conteúdos de interesse do adolescente ou para seu entretenimento, os distanciam das temáticas de estudo propostas pela escola. Portanto, defendem que o uso da tecnologia deve ser favorecido, principalmente

em pesquisas<sup>16</sup> de temáticas diversas de interesse dos alunos, instigando os jovens a querer saber, fazer e aprender. Também ressaltaram a importância de disciplinas que não são tão valorizadas na Escola, que poderiam dialogar mais com habilidades e potencialidades de vários estudantes que não se afinam com as disciplinas altamente valorizadas historicamente via currículo escolar.

“Por conseguir informação muito rápido e de maneira fácil, é muito difícil um jovem ficar praticamente uma hora ouvindo a mesma pessoa falar, sendo que o aluno não recebe estímulos para isso. A escola mantém o mesmo padrão, sendo que o ritmo da mudança do mundo todo é muito acelerado.” (Estudante do Grupo Focal – não identificado)

“É necessária a aproximação de conteúdos à realidade dos alunos. Isso significa, a longo prazo, mudança em todo sistema educacional, considerando as atualizações necessárias devido às mudanças geradas pelas novas tecnologias. A curto prazo, tentar significar os conteúdos de forma verdadeiramente prática e lúdica.” (Estudante do Grupo Focal – não identificado)

“Atualmente os jovens brasileiros estão sendo ‘engolidos’ por um tsunami de conhecimentos informais e as instituições de ensino estão ‘sofrendo’ para poder lidar com a forma com que esses conhecimentos chegam aos alunos. Ao mesmo tempo, temos visto uma falta de dinamização nas aulas. A juventude contemporânea tem recebido uma onda de informações ‘informais’ através das redes sociais e notícias, em que as novas tecnologias trouxeram uma série de avanços e também, problemas. Um desses problemas é a quantidade de informações que recebemos diariamente e a falta de aprofundamento que damos a essas informações, devido a essa onda de conhecimentos. Acabamos por ter dificuldade em assistir e prestar atenção nas aulas, devido à falta de dinamismo nas aulas, a repetição e o tempo que temos que nos concentrar. Uma forma de melhorar o ensino em colégios é fazendo atividades diferentes, criando um dinamismo constante nas aulas. Mas ainda temos um sistema de ensino maçante devido à exigência do vestibular, então a mudança teria que vir da base e mudar toda essa ideia de ensino para o vestibular.” (Estudante do Grupo Focal – não identificado)

Nas sugestões dadas pelos estudantes do grupo focal percebe-se a urgência da Escola estabelecer um diálogo direto com os sujeitos juvenis, oportunizando e ampliando suas formas de escuta. A relação dialógica a ser estabelecida entre os estudantes e a Escola pode se constituir em um processo de engajamento e de construção de pressupostos que favoreçam o repensar dos processos pedagógicos.

---

<sup>16</sup> O ensino por meio da pesquisa é um dos temas que também precisam ser desdobrados de forma mais efetiva no cotidiano escolar.



## CAPÍTULO 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao refletir sobre o aprendizado que me foi possibilitado por meio dessa pesquisa, penso ser importante situar o espaço e os sujeitos nela envolvidos. O objeto desta pesquisa foi o jovem contemporâneo, em especial, os estudantes de EM do Colégio Medianeira, da RJE. Assim, é fundamental referenciar as aproximações desta pesquisa com a proposta de Educação da RJE. Como indicado no Projeto Educativo Comum (PEC, 2016) da RJE, o principal foco de todo o trabalho desenvolvido deve ser o estudante, sujeito das aprendizagens, em interação com os demais sujeitos do processo de construção do conhecimento. Como destacado no PEC (2016, p.42),

Nas instituições educativas da Companhia de Jesus, a aprendizagem se dá na perspectiva do desenvolvimento pleno do sujeito. Seguindo a tradição de ecletismo da tradição educativa jesuíta, na abertura e no diálogo com as diferentes teorias da educação, a Rede Jesuíta de Educação estabelece como diretrizes para aperfeiçoar seus processos educativos que os colégios: (1) avaliem a efetividade de suas propostas educativas; (2) promovam a atualização ou a transformação de seus currículos para que expressem a identidade inaciana, sejam significativos e flexíveis e contemplem as diferentes dimensões da formação da pessoa; (3) revejam a organização e o planejamento dos diferentes componentes curriculares para que contemplem a transversalidade e a interdisciplinaridade como inerentes à realidade e as utilizem nas propostas de aprendizagem; (4) redimensionem espaços e tempos escolares para gerar mais espaço de mobilidade e criatividade no processo educativo; (5) atualizem os recursos didáticos e tecnológicos para responder de maneira mais eficaz aos desafios dos tempos atuais; enriqueçam a matriz curricular para que, além da base comum nacional, obrigatória, incorpore os componentes necessários para garantia do ideal de educação integral da Companhia de Jesus (n.º 29)

Como discutido nesta pesquisa, o contexto da contemporaneidade impõe reflexões aprofundadas relativas ao modo como a escola compreende e pensa o jovem estudante, bem como de que modo a educação pode ser reinventada, o que implica continuidades, descontinuidades e rupturas. As mudanças ocasionadas pelas diversas formas de comunicação, em diálogo com novos espaços e redimensionamento do tempo, vêm modificando a forma e os tipos de aprendizagens, exigindo um repensar da escola, desde a constituição do currículo, até as práticas pedagógicas desenvolvidas.

Nessa ótica, o PEC (2016, p.38) propõe

Rever espaços, recursos e metodologias para que utilizem as tecnologias digitais para inovação considerando, conforme o critério que norteia os trabalhos apostólicos da Companhia, a relação entre meios e fins. A meta é de que os currículos contemplem discussões e uso fluente dos múltiplos meios tecnológicos na possibilidade de transpor os limites físicos e temporais da sala de aula. (n.º 27)

Ao se pensar a quem se destina esses novos espaços, recursos e práticas pedagógicas pretendidos, trago a relevância desta pesquisa ao buscar elementos que aproximam o conhecer e o compreender as juventudes com as quais interagimos. Temos o desafio de propor processos que favoreçam sua formação por meio das várias possibilidades de aprendizagens, entendendo as diferentes relações que estes estabelecem com o tempo e o espaço e como estas determinam sua relação com a aprendizagem e com o conhecimento.

Desse modo, penso que o estudo (como um todo) realizado na dissertação se caracteriza como um produto a ser compartilhado com o Colégio. As abordagens realizadas no Capítulo 3 desta dissertação, por exemplo, trazem referências de autores que discutem a contemporaneidade, as culturas juvenis e os processos de escolarização, fundamentais nas reflexões e análises que me moveram neste trabalho. O estado da arte apresenta um levantamento de pesquisas realizadas sobre o tema que podem servir de base para estudos no colégio. As análises desenvolvidas no Capítulo 4, as quais discorrerei na sequência, subsidiarão muitas de nossas discussões posteriores, tanto da equipe diretiva, quanto do corpo docente. Além disso, o mapeamento realizado a partir do questionário – cujas respostas foram aprofundadas no grupo focal – nos dá uma “visão do todo” do perfil do jovem do Ensino Médio do Colégio. O questionário na íntegra pode subsidiar muitas de nossas discussões.

Ao aprofundar as temáticas relacionadas aos jovens contemporâneos, emerge a necessidade de concebê-los como sujeitos múltiplos, compreendendo a dinamicidade embutida no conceito de juventude(s) que permeia a contemporaneidade. Para tanto, conhecê-los envolve romper com os rótulos trazidos ao longo das várias gerações, bem como aproximar e escutar o que eles têm a dizer. Afinal, quem são esses jovens estudantes que chegam às nossas escolas? A escuta possibilitada por meio do questionário e do grupo focal, por meio dos subgrupos e das rodas de conversa, foram de grande valor e importância na construção desta dissertação, na medida em que a abertura ao novo e ao não conhecido gerou movimento de busca, indicando a necessidade de nos desinstarmos de nossas concepções, por mais atualizadas que possamos considera-las e convictos de sua assertividade. O lugar da escola só poderá ser ressignificado ao se conceber o estudante como sujeito efetivo e ativo no processo de aprendizagem, e, para isso, nós educadores, precisaremos sair do lugar de quem detém o conhecimento e o poder de ação. Uma concepção de Educação que supere a visão de disciplinarização das crianças e jovens, precisa dar lugar ao aprender pensar, ao pensar e construir uma leitura de mundo que instigue à criticidade, à autonomia e à criatividade, mas que ilumine perspectivas de superação, inovação e mudanças em prol de uma sociedade mais justa e solidária.

Portanto, apresento aqui alguns pensamentos, concepções, visões e opiniões trazidos por jovens de Ensino Médio, por meio dos espaços de fala, escuta e interação oportunizados a eles, que, no meu entendimento, precisam ser potencializados no espaço escolar. A ideia central é que esta represente uma contribuição aos diversos educadores que se relacionam com os processos de aprendizagem de nossos jovens estudantes, gerando aprofundamentos, reflexões e instigando ações que signifiquem as práticas pedagógicas no Ensino Médio. Acredito que esta possa contribuir como um referencial que pode ser discutido e ampliado no cotidiano da escola, como nos processos de formação de professores, relação com a equipe pedagógica, dentre outros momentos e situações.

As temáticas discutidas nos encontros com os jovens no grupo focal trouxeram elementos de grande relevância em nossa reflexão e endereçam aprofundamentos à escola. Importante situar que muitas das análises e visões que apresentaram, evidenciam a complexidade e as contradições inerentes ao contexto escolar e à sociedade em geral, rompendo com a lógica cartesiana de análise, que remete às formas binárias, com sim ou não, isso ou aquilo. Também se sugere cuidado com as análises totalizantes que se relacionam com o fracasso da escola e com a desmotivação dos estudantes, merecendo atenção à complexidade embutida nestas análises. A visão catastrófica não foi reiterada pelos jovens.

Ao tratar da temática que indagava os estudantes sobre a sua **relação e percepção sobre a Escola**, em especial sobre o Colégio Medianeira, listo abaixo as considerações mais relevantes que podem contribuir no aprofundamento e reflexão por parte dos vários educadores da Escola. Assim, os estudantes defendem/expõem:

- a proposta de ensino do Colégio, envolvendo uma visão mais ampla de Educação, com preocupação na formação humana, via concepção humanista de Educação;
- o olhar da Escola sobre a construção da base emocional e psicológica dos estudantes;
- diferenciações curriculares que envolvem discussão de temáticas diversas voltadas à formação integral;
- a valorização das várias dimensões que envolvem os sujeitos em seu processo de formação no colégio, por meio das estratégias metodológicas e avaliativas, como por exemplo, a constituição da nota de acompanhamento dos estudantes (NA), que contempla aspectos cognitivos, organizacionais, relacionais,

emocionais e éticos e enfatizam a importância do respeito à diversidade e da socialização, altamente proporcionadas pelo ambiente escolar;

- a diversidade de estratégias metodológicas e avaliativas, com destaque: trabalhos em grupo, trabalho de pesquisa interdisciplinar por núcleo de disciplinas, debates, júri simulado, estudo cooperativo, atividades que integram o NA (atividades de acompanhamento processual dos estudantes);
- o Colégio como um espaço de respeito à diversidade e favorável à sociabilidade, por meio do trabalho que instiga e valoriza o respeito mútuo, a solidariedade e a alteridade;
- mudanças na forma de avaliar os estudantes e no conceito sobre o estudante estar fortemente atrelada a uma nota, a um resultado;
- um contraponto entre a crítica de que o Colégio não tem um índice favorável de aprovação nos vestibulares, tanto quanto se desejaria e a valorização de um ritmo de estudo mais intenso nos três anos do EM e não apenas no Terceirão;
- contradições entre a expectativa que revelam em relação ao preparo técnico e específico para os vestibulares e um trabalho mais significativo como o realizado em anos anteriores, no Ensino Fundamental, com abordagens mais diversificadas com maior ênfase numa perspectiva interdisciplinar;
- maior aproximação das abordagens pedagógicas com a dimensão prática da vida; defendem a necessidade de um conhecimento geral que abarque várias áreas e disciplinas escolares.

Enfatizo que a noção da valorização do percurso e da construção de conhecimentos, bem como a produção de sentido nos processos de ensino e de aprendizagem desenvolvidos na e pela escola é um tema a ser considerado e desdobrado posteriormente. Por mais que a preparação para o vestibular tenha sido problematizada pelo grupo, ela aparece em alguns momentos associada a importância de valorizar o estudo nos anos anteriores, no sentido de que no presente alguns conhecimentos “fazem falta”.

A respeito da temática que abordava **a relação ensino e aprendizagem, com ênfase na forma como o jovem de EM aprende no contexto atual, relacionando as aulas, métodos e abordagens**, os estudantes do grupo focal se posicionaram a favor de estratégias que favorecem sua atenção e interesse, levando-os a estudar e pesquisar, tais como:

- a preferência de vários pelas aulas expositivas, levantando seus prós e contras e indicando como muito importante a retomada dos conteúdos e a

realização de exercícios após a explicação do professor, além da realização de tarefas em casa;

- o uso de roteiros e esquemas explicativos, porém, como recurso complementar à aula expositiva, favorecendo a organização do pensamento e contribuindo no aprendizado;
- a presença do professor foi indicada como muito importante para esclarecer dúvidas e otimizar a realização dos roteiros;
- a busca por vídeo aulas como recurso complementar à aula, em situações de dúvidas ou falta de compreensão do conteúdo, com destaque à sala de aula como lugar de maior aprendizado;
- os trabalhos em grupo realizados em ambientes diferentes da sala de aula instigam a união das pessoas, desenvolvendo ação cooperativa e colaborativa entre eles;
- atividades que promovem jogos e competições entre os grupos são vistas como positivas e estimulam o processo de busca pelo conhecimento;
- atividades realizadas ao ar livre, especialmente na chácara do Colégio ou no próprio espaço do colégio, foram destacadas como muito prazerosas, despertando aspectos relacionais e de integração que são muito valorizados por eles, com destaque à interação direta com o outro, com a turma e com a natureza;
- defenderam as rodas de conversa, dinâmicas e exercícios lúdicos de integração das turmas, indicando a importância e a necessidade de espaços de fala e escuta;
- precisam de ajuda para se manter atentos e indicam lugares silenciosos como favoráveis;
- indicam, por diversas vezes, “aulas dinâmicas” como a principal alternativa para favorecer sua aprendizagem, pois consideram ainda que é em sala de aula onde mais aprendem;
- por aula dinâmica, detalham e explicitam, a partir de diversos pontos de vista e posicionamentos:
  - não é monótona;

- o tom de voz do professor se alterna e consegue prender a atenção dos estudantes de um jeito mais descontraído e, ao mesmo, tempo didático;
- a fala do professor e a relação que ele revela ter com o conteúdo abordado fazem com que os jovens se interessem;
- a alternância de estratégias metodológicas atrai a atenção e o interesse;
- situações em que precisam conversar entre si sobre o assunto estudado, tirando-os da passividade, além da mudança de ambiente, o que alivia a pressão e pode favorecer o interesse dos estudantes;
- opções diferentes em que os estudantes se tornam mais ativos no processo da aula;
- o vínculo que o professor e estudante conseguem estabelecer por meio do conteúdo trabalhado, em que o meio (as estratégias) se revela secundário;
- é aquela em que a interação professor-aluno acontece de forma positiva, provocando interesse e motivação pelos estudantes.

A noção de “dinamicidade” e de “reinvenção da escola contemporânea” pode ser desdobrada posteriormente a partir da fala dos alunos. Eles apresentaram várias questões que desnaturalizam alguns dos imperativos do nosso tempo sobre os jovens e a juventude na relação que estabelecem com o conhecimento e com a aula. A importância do silêncio e da disciplina em alguns momentos, a complexidade da dinamicidade – que pode ser evidenciada em uma aula expositiva, por exemplo – e das relações que se estabelecem nos processos de ensino e aprendizagem são pistas que nos auxiliam a aprofundar alguns dos discursos que se naturalizaram na Contemporaneidade. Portanto, não é a metodologia pela metodologia, nem a tecnologia pela tecnologia, mas a prática pedagógica significativa.

Além disso, ainda sobre estratégias metodológicas:

- a validação e a legitimação de outros meios de avaliação além da prova (principal forma de avaliar os estudantes ainda hoje), são aspectos de destaque pelos estudantes, enfatizando a urgência da superação desta;
- reiteram a importância da diversidade do método e da avaliação, bem como das estratégias utilizadas por cada professor;

- defendem encaminhamentos metodológicos e abordagens realizadas por cada disciplina que se traduzam num sentido em sua vida; as estratégias mais defendidas por eles são aquelas que conseguem significar e dar um sentido ao contexto dos jovens de Ensino Médio.

Sobre o **uso do tempo pelos jovens de EM e a relação com a internet e a aprendizagem**, seguem ideias que podem agregar positivamente na discussão a ser motivada na Escola:

- adequar o sistema de ensino às novas tecnologias e ao modo de vida que elas proporcionam e, ao mesmo tempo, resgatar alguns métodos de ensino e aprendizagem junto aos estudantes;
- encontrar um meio termo entre o mundo digital em que estão imersos desde cedo e as aprendizagens consideradas mais tradicionais, mas que são concebidas por eles como muito importantes ao seu processo de formação;
- buscar desenvolver habilidades relacionadas ao mundo digital, com maior ênfase aos processos pedagógicos, mas não abrir mão de vivências que levem o estudante a ter um contato direto com o outro e com o meio;
- analisar como favorecer a aproximação das escolas com os recursos tecnológicos e estudar alternativas para acompanhar o ritmo mais acelerado da contemporaneidade, com maior interação e relação com questões práticas que os preparem para as demandas diárias.

Para que essa aproximação da Escola com o jovem estudante contemporâneo seja possível, importante conhecer práticas e características constitutivas desses jovens que:

- acessam vídeo aulas na perspectiva de complementar as explicações dos professores ou retomar assuntos não compreendidos com um outro tipo de linguagem que consideraram ser favorável. Destacam a importância do professor – vídeo aula apenas como um apoio;
- acessam sites com exercícios, principalmente de vestibulares, pois favorecem a compreensão do processo e geram movimento de busca e estudo;
- defenderam que o acesso às mídias sociais, mais usadas para divertimento, favorecem sua atualização, acessando notícias, revistas digitais ou jornais por meio do Facebook e do Twitter, pois assistir televisão é algo raro para muitos. Também a leitura de livros por meio de Ipad, e-books ou pelo próprio computador foram fortemente destacadas por eles;

- têm o acesso às mídias sociais associado ao divertimento e lazer se torna “automático e viciante”, pois ficam horas mexendo no celular ou no computador e não fazem o que deveriam fazer.

A dispersão provocada pelo bombardeio de informações com extrema velocidade, é refletida em todo processo de aprendizagem, formal e informal, dos jovens de Ensino Médio, gerando cansaço, banalização e dificuldade em se concentrar e aprofundar temáticas relacionadas no processo escolar.

Além do citado acima,

- há uma inadequação entre o acesso fácil, frequente e rápido que a maioria tem e o contraponto posto pela Escola, ao buscar aprofundamento e análise, que visam favorecer níveis mais avançados de aprendizagem, saindo do senso comum;
- conhecer e buscar dialogar com as prioridades indicadas pelos jovens de EM: estudo, academia ou esporte, sair com os amigos, dedicar tempo para a família, descansar e dormir, usar o celular e acessar as mídias sociais, assistir séries, filmes e jogos digitais;
- há que analisar a procrastinação praticada por um grande número de jovens de EM como um elemento a ser considerado nos encaminhamentos pedagógicos realizados, tendo no celular o elemento central das dispersões indicadas por eles;
- analisar os aspectos que justificam a mudança significativa revelada pela maioria dos estudantes da 3ª série do EM, envolvendo maior dedicação e comprometimento com o estudo;
- como pensar estratégias que promovam maior aproximação entre os estudantes das 3 séries do EM, na perspectiva dos posicionamentos e prioridades que revelam em relação a importância que dão aos estudos;
- como trabalhar com a questão da frustração e do não prazer que o estudo e os processos de aprendizagem envolvem? Estudar significa abrir mão dos prazeres da vida; conseguem fazer isso de maneira um pouco mais favorável, ao perceber sentido naquilo que estudam ou quando identificam relevância desse processo diretamente em sua vida; como discutir as preferências e as exclusões curriculares colocadas socialmente e culturalmente? Os estudantes indicam a importância de disciplinas que não são tão valorizadas na Escola, e que poderiam dialogar mais com habilidades e potencialidades de vários;

- como criar, no estudante, o interesse e a motivação pelo processo de estudo e de interação com o conhecimento, mostrando sentido e revelando significado à vida de cada um e de todos?
- trabalhar e focar nos aspectos relativos à atenção aos estudantes, nas várias dimensões que o integram, destacando-se aqui a dimensão sócio-emocional-afetiva, considerando a rapidez e a fluidez inerentes ao contexto contemporâneo;
- estabelecer um outro olhar sobre os jovens estudantes que considere suas demandas de ordem emocional e psicológica, intensificadas no último ano do Ensino Médio; os desafios pedagógicos que se evidenciam, tanto a nível metodológico como conceitual de cada área do conhecimento, tornando este um período de maior exigência para o jovem em várias dimensões. A questão das escolhas sobre um estilo de vida e profissão, na construção de um projeto de vida, revela-se como mais um fator de pressão e conflito por que muitos passam nesta etapa;
- os estudantes indicam necessitar de reforço positivo por parte dos professores e educadores em geral, sobre a importância de cada um, de seu processo crescente de estudo e comprometimento e de que eles são mais que uma aprovação no Vestibular. A dimensão do cuidado com cada um se revelou muito importante e necessária;
- cuidar com a relação entre a aprendizagem do estudante, sua autoestima e a influência exercida pela forma como o professor se relaciona com eles a partir do conhecimento trabalhado na disciplina que lhe cabe;
- pensar em como movimentar esse jovem que ainda não chegou na 3ª série para tentar adiantar alguns processos que poderiam favorecer seu aprendizado e diminuir a pressão que sofrem.

O mais emergente para o grupo se revelou não ser o método que a Escola e cada professor utiliza, se ele usou roteiro, aula expositiva ou debate, mas o cuidado na forma como faz, como age em relação a cada estudante, às suas dificuldades e potencialidades, ou seja, temos aí uma chave para a compreensão da prática pedagógica para além da metodologia:

- é importante o professor aprofundar os conteúdos abordados, contextualizando mais e relacionando com temáticas relativas ao dia-a-dia, local e globalmente;
- há olhares e expectativas diferentes dos estudantes em relação ao papel e função da Escola: ao mesmo tempo que a expectativa é imediatista (terminar o Ensino

Médio e passar no vestibular), o Colégio Medianeira não foca somente nisso, porém, há uma cobrança muito forte sobre o preparo para o vestibular;

- é necessário analisar a dicotomização entre a função de aprofundar e estabelecer análises mais consistentes sobre os variados tipos de assuntos tratados, relacionando com a atualidade com os conteúdos estabelecidos por meio do currículo de cada série, e a “necessidade imediata” imposta culturalmente sobre ter que dar as fórmulas, os macetes para favorecer a aprovação nos exames vestibulares;
- é importante aprofundar sobre a importância das relações entre os estudantes e destes com os professores e com a escola em geral, da ação colaborativa nos processos e interações existentes nesse aprender informal;
- em como propiciar alternativas e espaços de atenção e cuidado ao estudante, considerando seus aspectos de ordem sócio emocional;
- sugestões de ampliação e inserção de atividades interdisciplinares e mais ativas, como uso de debates, em outros contextos e disciplinas, como o Inglês e a Educação Física, que por vezes tem gerado resistências e discussões;
- significar o Ensino de Inglês na Escola, identificando que a motivação dos estudantes em aprender uma língua estrangeira está muito relacionada a aprender a língua, a fala e a comunicação;
- destaque à importância da linguagem corporal e outros tipos de linguagens na abordagem curricular da Escola;
- sugestão de abordagens interdisciplinares, como com a Educação Física e Biologia e a necessidade de maior valorização de algumas temáticas, como as que deveriam ser tratadas pelo viés da Educação Ambiental;
- discutir por que certas temáticas e estratégias já realizadas por vários professores no Colégio não foram internalizadas ou não oportunizaram o devido sentido que era desejado.

Sugestões enfatizadas pelos estudantes:

- os estudantes esperam da Escola mais que as aulas tradicionais expositivas, consideradas nas conversas e respostas do questionário, como a melhor estratégia de aprendizagem para a maioria;

- expuseram insistentemente que gostam e precisam de aulas dinâmicas, reforçando o significado destas como aquelas que prendem a atenção do estudante, seja pelo professor que “puxa” os alunos durante a aula ou pelo desenvolvimento de práticas pedagógicas diferenciadas, como, por exemplo, realização de debates, que são bem mais produtivos;
- indicaram ser muito importante o professor diversificar suas aulas com diferentes métodos e estratégias, levando em conta que cada um aprende melhor de um jeito próprio e as formas de aprender estão em constante mudança;
- a busca por espaços de conversa, troca e escuta, principalmente na sala de aula, foi indicada como recurso de identificação sobre os tipos de aulas mais proveitosas e que mais favorecem o aprendizado na visão dos estudantes;
- questionaram como a Escola poderia tornar a sala de aula um espaço não só de aquisição de matérias e conteúdos visando o vestibular, mas também um espaço no qual o estudante fosse capaz de desenvolver as demais dimensões dos sujeitos, devendo esse aspecto ser levado em consideração pelos professores no preparo de suas aulas;
- chamaram atenção para os cuidados com a saúde mental dos jovens, considerando que hoje um grande número tem manifestado alguns transtornos psicológicos ou psíquicos, tais como ansiedade, depressão, pânico, e consideraram que tem havido uma falta de apoio da escola nestas questões.

A partir das falas dos estudantes, além das sugestões elencadas anteriormente, é possível retomar uma série de discussões no cotidiano escolar que implicam um diálogo entre colegas que compõem a equipe diretiva e desdobramentos nos processos formativos dos docentes, tais como:

- os indicadores como sinônimo de qualidade;
- a lógica da concorrência, a mensuração do desempenho e o viés utilitarista do conhecimento;
- o desafio da formação integral da pessoa humana na Contemporaneidade;
- o lugar dos saberes das Ciências Humanas na produção do conhecimento;

- o mito de que os alunos valorizavam apenas a lógica da convivência e não veem a escola como um espaço de produção do conhecimento, de partilha e de construção coletiva;
- o ensino por meio da pesquisa é um dos temas que também precisa ser desdobrado de forma mais efetiva no cotidiano escolar.

Dessa forma, pretendo que estas reflexões instiguem nosso olhar para o estudante de maneira um pouco mais generosa, jogando fora o saudosismo e a idealização a partir de referenciais que não se adequam ao contexto da contemporaneidade e de nossos jovens. O exercício de buscar aproximar as visões, elegendo permanências, mudanças e simultaneidades é um dos grandes desafios que a Escola encontra no trabalho com as juventudes, na consideração de sua dinamicidade e heterogeneidade. Para isso, espaços de fala e escuta destes jovens – relação direta com a minha atuação na Orientação das Aprendizagens – precisam urgentemente ser construídos e ampliados, a fim de propiciar diálogos que colaborem no discernimento e na proposição de meios mais efetivos ao seu processo de aprendizagem. Não há verdades absolutas e caminhos únicos nesse contexto fluido em que nos encontramos, portanto, cabe à Escola encarar e discutir as novas possibilidades que emergem, com seus avanços e desafios. Também espaços aos professores e demais educadores, para que possam ampliar seu repertório de informações sobre o contexto e as juventudes que nos chegam, possibilitarão maior compreensão de quem são, como pensam, o que querem, como aprendem e que tipo de projeto de vida e Educação podemos pensar para eles, mas também para nós, na medida em que a ressignificação dos processos que mediamos, ilumina e renova nossos próprios ideais, convicções e utopias.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Paula Deporte. **Pedagogias Culturais**: as condições teóricas que possibilitaram a emergência do conceito. 6º SBECE. 3º SIECE. UFRGS, 2015.

ANDRADE, Sandra dos Santos. **Juventudes e processos de escolarização**: uma abordagem cultural. Porto Alegre, 2008.

ARROYO, Miguel G. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis: Vozes, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BONDÍA, Jorge Larossa. **Educação e diminuição**. In: \_\_\_\_\_. *Linguagem e educação depois de Babel*. Belo Horizonte: Autêntica, pp. 265-294, 2004.

\_\_\_\_\_. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação. n. 19. Jan/Abr, 2002.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede. A era da informação**: economia, sociedade e cultura. v.1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org). **Caminhos investigativos**: novos olhares na pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, pp.105-131.

CHAGAS, Anivaldo Tadeu Roston. **O questionário na pesquisa científica**. Administração Científica On Line. v. 1, n. 1, jan/fev/mar, 2000.

COSTA, Jurandir Freire. **O vestígio e a aura**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

COSTA, Marisa Vorraber. Quem são, que querem, que fazer com eles? Eis que chegam às nossas escolas as crianças e jovens do século XXI. In: MOREIRA, Antonio Flávio; GARCIA, Regina Leite; ALVES, Maria Palmira (Orgs.). **Currículo: pensar, sentir e diferir** (v. II). Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

DAL'IGNA, Maria Cláudia. Grupo focal na pesquisa em educação: passo a passo teórico-metodológico. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Org.). **Metodologias de Pesquisas Pós Críticas em Educação**. 2. ed. Ed. Mazza, 2014. pp. 197-219

DAYRELL, Juarez. **Múltiplos Olhares sobre Educação e Cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.

\_\_\_\_\_. A escola como espaço sociocultural. In: Dayrell, J. (org.) **Múltiplos Olhares sobre Educação e Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

\_\_\_\_\_. **O jovem como sujeito social**. Revista Brasileira de Educação. n. 24, Rio de Janeiro, 2003.

\_\_\_\_\_. **A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil**. Educ. Soc., 2007; Campinas, vol. 28, n.100 – outubro. Especial, p. 1105-1128. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 01 mar 2017.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (orgs). **Juventude e Ensino Médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

DAYRELL, Juarez; CAROLINA, A. Juventude, Produção Cultural e Participação Política. In: LIMA, R. (Org.). **Mídias comunitárias, juventude e cidadania**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ELLSWORTH, Elizabeth. **Places of learning: Media, architecture and pedagogy**. New York: Routledge, 2005.

FISCHER, Rosa Maria Bueno; SCHWERTNER, Suzana Feldens. **Juventudes, Conectividades Múltiplas e Novas Temporalidades**. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 28, n.01, mar 2012.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.  
\_\_\_\_\_. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. **Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: Desafios metodológicos**. Paidéia, v. 12, n.º 24, 2002, pp. 149-162. Disponível em: <<http://sites.ffclrp.usp.br/paideia/artigos/24/03.doc>>. Acesso em: 01 mar 2017.

GREEN, Bill; BIGUM, Chris. Alienígenas na sala de aula. In: SILVA, Tomaz T. (Org.). **Alienígenas na sala de aula**. Uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 1995.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. Edições Loyola. São Paulo, 1992.

**Infraestrutura**. Disponível em: <<http://www.colegiomedianeira.g12.br/sobrenos/infraestrutura/>>. Acesso em: 29 set. 2017.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MASSCHELEIN, Jan.; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola: uma questão pública**. 2. ed. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2017.

MONTEIRO, Elis. **Nativos digitais já estão dominando o mundo e transformando a forma como o ser humano se comunica**. [Online]. Publicado em: 18 mai 2009.

Ó, Jorge Ramos do. **A Governamentalidade e a História da Escola Moderna: outras conexões investigativas**. Educação e Realidade, 2009, v.34, n.2, p. 97- 117  
\_\_\_\_\_. **Desafios à Escola Contemporânea: um diálogo**. Educação e Realidade. 2007, v.32(2): 109-116

OLIVEIRA, Alysson André Régis; LEITE FILHO, Carlos Alberto Pereira; RODRIGUES, Cláudia Medianeira Cruz. **O Processo de Construção dos Grupos Focais na Pesquisa Qualitativa e suas Exigências Metodológicas**. EnANPAD, Rio de Janeiro, 2007.

PAIS, José Machado. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes. EUGENIO, Fernanda. (orgs). **Culturas jovens. Novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. P. 7-21.

PRATES, Daniela M. A.; GARBIN, Elisabete M. **Juventude(s): reabrindo questões**. EdUECE – Livre 3, 2014.

**Projeto Educativo Comum da Companhia de Jesus**. 8ª ed. 2016.

**Projeto Político Pedagógico**. Colégio Medianeira. 2008.

RESSEL, Lúcia Beatriz *et al.* O uso do grupo focal em pesquisa qualitativa. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, 2008. Out-Dez; 17(4): pp. 779-86.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, R. T. **Diálogo Educacional**. Curitiba, v. 6, n.19, pp. 37-50, set./dez, 2006.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna: intelectuais arte e vídeo-cultura na Argentina**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

SEVERO, Rita Cristine Basso Soares. **Enquanto a aula acontece... práticas juvenis (des)ordenando espaços e tempos escolares contemporâneos**. Porto Alegre, 2014.

SILVA, Cristiane Rodrigues; SILVA, Pâmela Costa da. Juventude e cultura: reflexões acerca das culturas juvenis no currículo escolar. **Artifícios** – Revista do Diferê – ISSN 2179 6505, v.2, n.3, ago/2012.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** Trad. Milton Camargo Mote. São Paulo: Loyola, 2002.

SOUSA, Cirlene Cristina. **Juventude(s), mídia e escola: ser jovem e ser aluno face à midiatização das sociedades contemporâneas**. Tese de Doutorado. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

## APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO

**Nas questões 1 a 9 assinale a opção que considera mais apropriada; caso concorde com mais de uma opção ou tenha outro tipo de resposta, responda no item “outros”.**

1- Assinale a opção que mais se relaciona com seu dia-a-dia:

- a) Gosto de ler livros de romance ou ficção, de poesias, jornais ou revistas em geral.
- b) Leio livros no e-book ou no iPad.
- c) Me mantenho informado(a) escutando noticiários e telejornais.
- d) Me mantenho atualizado(a) por meio do acesso a sites da internet.
- e) Acesso com mais frequência sites da internet para divertimento e mídias sociais.

Outros: \_\_\_\_\_

2- Assinale a opção que mais revela sua relação com a escola:

- a) É um lugar onde me sinto à vontade, posso me expressar livremente, faço amigos facilmente e aprendo a me relacionar com diferentes pessoas.
- b) É um lugar onde me sinto entediado, solitário e vou porque sou obrigado.
- c) É onde mais aprendo, pois ativa meu raciocínio, faz escrever e ler mais, além de me levar a buscar formas de organização pessoal e método de estudo.
- d) É um lugar onde aprendo múltiplas linguagens que me ajudam nas formas de comunicação que mais uso no meu dia-a-dia.
- e) É um lugar onde existe preconceito com relação às questões de gênero, etnias e aspectos socioeconômicos.

Outras: \_\_\_\_\_

3- Assinale a opção que mais se relaciona com sua percepção sobre a Escola:

- a) Oferece condições para meu processo de formação, dando subsídios para projetar uma profissão e um sentido de vida.
- b) Traz muitos aprendizados e desafios que percebo serem importantes em minha formação.
- c) Não dialoga com a realidade e com as motivações do jovem nos dias atuais.
- d) Está ultrapassada, não sabendo dialogar com as crianças e jovens na atualidade.
- e) Necessita rever seus métodos de ensino e formas de ensinar e avaliar o conhecimento dos estudantes.

Outras: \_\_\_\_\_

4- Em que tipos de aulas você mais aprende?

- a) Expositiva dialogada.
- b) Trabalho em grupo e resolução de exercícios em duplas, com ajuda de monitores.
- c) Realização de roteiros e esquemas explicativos a partir da leitura prévia do conteúdo, com orientação do professor.
- d) Debates e apresentações orais à turma.
- e) Aulas experimentais, em laboratório ou em aula de campo.

Outras opções:

\_\_\_\_\_

5- Que tipo de aula mais te motiva a manter-se atento e querer aprender mais?

- a) Expositiva dialogada.
- b) Trabalho em grupo e resolução de exercícios em duplas, com ajuda de monitores.
- c) Realização de roteiros e esquemas explicativos a partir da leitura prévia do conteúdo, com orientação do professor.
- d) Debates e apresentações orais à turma.
- e) Aulas experimentais, em laboratório ou em aula de campo.

Outras opções:

\_\_\_\_\_

6- Qual o grande mérito que você confere à Escola hoje?

- a) Formação humana (princípios e valores com respeito aos direitos humanos, posicionamento ético, capacidade de discernimento).
- b) Preparo técnico específico para fazer os vestibulares.
- c) Preparo para ingressar no mundo adulto e do trabalho.
- d) Socialização e respeito à diversidade.
- e) Possibilidade de novos conhecimentos fundamentais em seu processo de formação.

Outros: \_\_\_\_\_

7- Quais os principais problemas que você sinaliza com relação à escola?

- a) Distanciamento da realidade dos estudantes.

- b) Seus métodos de ensino.
- c) Formas de avaliação.
- d) O clima de sala de aula, envolvendo as relações com colegas e com professores.
- e) O ritmo das aulas e o nível de exigência dos professores com relação a tarefas de casa e trabalhos de pesquisa.

Outras opções:

---

8- Sua busca pela internet está mais relacionada:

- a) Às mídias sociais, nas possibilidades de novas relações.
- b) Às mídias sociais e sites específicos, nas possibilidades de acesso a uma grande variedade de informações.
- c) À leitura de livros (e-books) e artigos relacionados a sua área de interesse.
- d) A jogos digitais como passatempo e divertimento.
- e) A sites de busca, de compras e relacionamento.

Outras opções:

---

9- O uso da internet como recurso pedagógico que você faz na escola ou em casa se relaciona mais com:

- a) Acesso para pesquisa de conteúdos relacionados aos abordados em sala de aula.
- b) Acesso para pesquisa relacionado a trabalhos específicos das disciplinas ou dos núcleos das disciplinas.
- c) Acesso a vídeo aulas que complementam as explicações dos professores e tiram dúvidas sobre conteúdos mais exigentes.
- d) Acesso a sites que visam o aprofundamento de temáticas relacionadas a áreas de meu interesse.
- e) Acesso a sites de busca para colaborar na execução de tarefas e exercícios em sala de aula e em casa.

Outras opções: \_\_\_\_\_

**Nas questões 10 a 17, responda com suas palavras:**

10- De que forma você aprende melhor? Em que lugares ou situações?

11- Como você organiza o seu tempo para estudar?

12- Que atividades realiza durante a semana?

13- Quais são suas prioridades? Como você usa seu tempo? O que faz quando não está no colégio?

14- Você considera que a escola responde ou prepara para responder às demandas da juventude hoje? Por quê?

15- Que métodos de ensino têm sido eficazes para o seu processo de aprender na escola?

16- Que métodos utiliza para estudar fora do ambiente escolar?

17- Esses métodos usados na escola e fora dela se complementam ou se relacionam? De que maneira?

**APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, Roberta Aparecida Uceda, aluna do Mestrado Profissional em Gestão Educacional, Turma especial da Rede Jesuíta de Educação - 2016/2, da UNISINOS, São Leopoldo, RS, sob orientação da professora Dra. Viviane Klaus, estou realizando a pesquisa “Complexidade da juventude contemporânea e novas relações tempo/espaço que afetam as interações que os jovens desenvolvem com o conhecimento e com a aprendizagem”, que constituirá minha dissertação do mestrado.

O estudo tem como objetivo aprofundar a pesquisa sobre o perfil do jovem de Ensino Médio na contemporaneidade para dar subsídios que favoreçam seu processo de aprendizagem e escolarização; compreender como as novas relações tempo/espaço contemporâneas e as múltiplas formas de comunicação e leitura atuais – tecnologia e educação, escolarização e cultura da mídia – produzem mudanças culturais e epistemológicas nos processos de aprendizagem dos jovens do Ensino Médio do Colégio Medianeira; construir pressupostos norteadores que possibilitem a (re) invenção das práticas pedagógicas desenvolvidas no Ensino Médio do Colégio Medianeira a partir do estudo da complexidade da juventude contemporânea na sua relação com o conhecimento.

A participação e contribuição nessa pesquisa e estudo é voluntária e pode ser interrompida em qualquer etapa, sem nenhum prejuízo ou punição. Serão mantidos todos os procedimentos para a manutenção do sigilo dos participantes, sendo necessário que conste o nome da Instituição na dissertação, visto que envolve proposta de pesquisa e intervenção a ser conhecida pela comunidade acadêmica deste Colégio. Os dados dessa pesquisa serão coletados por meio de questionário, entrevistas e grupos focais envolvendo estudantes das três séries do Ensino Médio do colégio e serão utilizados unicamente para fins acadêmicos e posterior publicação do estudo em revistas da área, sendo preservada a identidade dos envolvidos.

A qualquer momento, os participantes poderão solicitar informações sobre os procedimentos ou outros assuntos relacionados a este estudo através do telefone (41) 996975020 ou por meio dos e-mails robertauceda@gmail.com e/ou roberta@colegiomedianeira.g12.br.

O termo de consentimento será assinado em duas vias, sendo que uma ficará em posse do participante e a outra com o pesquisador responsável pela pesquisa.

Consinto que meu/minha filho/filha participe deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

---

Local e data

---

Nome e assinatura do(a) responsável

---

Roberta Aparecida Uceda  
Pesquisador

---

Viviane Klaus  
Professora Orientadora

## APÊNDICE C – CARTA DE ANUÊNCIA DA INSTITUIÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA

Eu, Roberta Aparecida Uceda, aluna do Mestrado Profissional em Gestão Educacional, Turma especial da Rede Jesuíta de Educação - 2016/2, da UNISINOS, São Leopoldo, RS, sob orientação da professora Dra. Viviane Klaus, estou realizando a pesquisa “Complexidade da juventude contemporânea e novas relações tempo/espaço que afetam as interações que os jovens desenvolvem com o conhecimento e com a aprendizagem”, que constituirá minha dissertação do mestrado.

O estudo tem como objetivo aprofundar a pesquisa sobre o perfil do jovem de Ensino Médio na contemporaneidade para dar subsídios que favoreçam seu processo de aprendizagem e escolarização; compreender como as novas relações tempo/espaço contemporâneas e as múltiplas formas de comunicação e leitura atuais – tecnologia e educação, escolarização e cultura da mídia – produzem mudanças culturais e epistemológicas nos processos de aprendizagem dos jovens do Ensino Médio do Colégio Medianeira; construir pressupostos norteadores que possibilitem a (re) invenção das práticas pedagógicas desenvolvidas no Ensino Médio do Colégio Medianeira a partir do estudo da complexidade da juventude contemporânea na sua relação com o conhecimento.

Venho por meio desta apresentar o projeto da minha pesquisa nesta Instituição de Educação Básica e solicitar autorização para a realização do estudo na mesma. Ressalta-se que serão mantidos todos os procedimentos para a manutenção do sigilo dos participantes, sejam eles alunos, professores, gestores ou profissionais contratados pelo Colégio Medianeira em geral, sendo necessário, entretanto, que conste o nome da Instituição na dissertação, visto que envolve proposta de pesquisa e intervenção a ser conhecida pela comunidade acadêmica deste Colégio.

A participação e contribuição nessa pesquisa e estudo é voluntária e pode ser interrompida em qualquer etapa, sem nenhum prejuízo ou punição. Os dados dessa pesquisa serão coletados por meio de questionário, entrevistas e grupos focais envolvendo estudantes das três séries do Ensino Médio do colégio e serão utilizados unicamente para fins acadêmicos e posterior publicação do estudo em revistas da área, sendo preservada a identidade dos envolvidos.

Comprometo-me em realizar, ao término do estudo, um relatório para a comunidade acadêmica do Colégio Medianeira, desde que previamente autorizado pelo Conselho Diretor da Instituição após a leitura do mesmo, a fim de fornecer uma devolutiva dos dados coletados e resultados obtidos para a instituição participante e foco dessa pesquisa.

A qualquer momento, os participantes poderão solicitar informações sobre os procedimentos ou outros assuntos relacionados a este estudo através do telefone (41) 996975020 ou por meio dos e-mails robertauceda@gmail.com e/ou roberta@colegiomedianeira.g12.br.

Desde já agradeço a contribuição para o desenvolvimento desta atividade acadêmica e coloco-me à disposição para esclarecimentos adicionais.

---

Roberta Aparecida Uceda  
Pesquisador

---

Viviane Klaus  
Professora Orientadora

Frente ao que foi acima exposto, expresso a autorização para execução da pesquisa.

Curitiba, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

---

Diretoria do Colégio Nossa Senhora Medianeira

**APÊNDICE D – CARTA AOS PAIS – GRUPO FOCAL** COLÉGIO  
**Medianeira** Rede Jesuíta  
de Educação

Curitiba, 09 de abril de 2018

**Caros pais ou responsáveis,**

Venho por meio desta solicitar sua autorização para a participação de seu/sua filho/filha em um grupo focal a ser realizado nas dependências do colégio, com o objetivo de contribuir com a pesquisa que estou desenvolvendo no meu Mestrado intitulada “JUVENTUDE CONTEMPORÂNEA E NOVAS RELAÇÕES ESPAÇO/TEMPORAIS: CONCEPÇÕES DOS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO SOBRE CONHECIMENTO E APRENDIZAGEM”.

Trata-se de um Mestrado profissional em Gestão Educacional realizado na UNISINOS (Universidade do Rio dos Sinos em São Leopoldo – RS), instituição da Rede Jesuíta de Educação. Dessa forma, além do aprofundamento teórico previsto em minha pesquisa, também devo elaborar um projeto de intervenção relacionado à temática pesquisada. Para tanto, algumas estratégias de pesquisa estão sendo utilizadas, dentre elas a aplicação de um questionário envolvendo cerca de 150 estudantes de Ensino Médio e a realização de um Grupo Focal, composto por 12 estudantes dos três anos do Ensino Médio.

O problema a ser investigado em minha pesquisa é compreender de que modo o estudo da complexidade que envolve a juventude contemporânea, em suas novas relações com o tempo/espaço, com o conhecimento e com a aprendizagem, pode contribuir com a construção de alguns pressupostos que possibilitem a (re)invenção das práticas pedagógicas no Ensino Médio.

Para isso, lancei como objetivos da mesma:

- Aprofundar a pesquisa sobre o perfil do jovem de Ensino Médio na Contemporaneidade para dar subsídios que favoreçam seu processo de aprendizagem e escolarização;
- Compreender como as novas relações tempo/espaço contemporâneas e as múltiplas formas de comunicação e leitura atuais – tecnologia e educação, escolarização e cultura da mídia – produzem mudanças culturais e epistemológicas nos processos de aprendizagem dos jovens do Ensino Médio do Colégio Medianeira;
- Construir pressupostos norteadores que possibilitem a (re)invenção das práticas pedagógicas desenvolvidas no Ensino Médio do Colégio Medianeira a partir do estudo da complexidade da juventude contemporânea na sua relação com o conhecimento.

A participação dos estudantes de Ensino Médio do colégio nessa pesquisa é de extrema importância e relevância na busca pela concretização dos objetivos propostos. Todos os procedimentos que serão utilizados na realização do Grupo Focal seguirão o Código de Ética em Pesquisa, não expondo nem revelando a identidade dos estudantes participantes.

Os encontros do Grupo Focal acontecerão nos meses de Abril e Maio do corrente ano, no período da tarde (sem comprometimento para o processo das aulas regulares e de AP), nas dependências do colégio, em dia e horário a ser combinado com o grupo.

Acrescento que os encontros poderão ser gravados, com a finalidade exclusiva de auxiliar na análise e coleta de dados. Após a finalização desta pesquisa, as análises e conclusões da mesma poderão ser disponibilizados aos estudantes, às famílias, a toda equipe pedagógica e ao corpo docente do colégio.

Certa de sua compreensão e colaboração, agradeço antecipadamente e coloco-me à disposição para outros esclarecimentos que se fizerem necessários.

Cordialmente,

---

**Roberta Ap. Uceda**

Orientadora das Aprendizagens da 2ª série – Ensino Médio  
Colégio Medianeira

**APÊNDICE E - TERMO DE CONSENTIMENTO**

Eu, \_\_\_\_\_ (pai/mãe/responsável) autorizo meu/minha filho/filha \_\_\_\_\_, matriculado em 2018 na \_\_\_\_\_ série do Ensino Médio do Colégio Medianeira, a participar dos encontros do Grupo Focal a serem realizados pela Orientadora de Aprendizagens Roberta Ap. Uceda, como estratégia de pesquisa de seu projeto de Mestrado.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pai/Mãe/Responsável

Curitiba, \_\_\_\_\_ de abril de 2018.